

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS, AMBIENTAIS E BIOLÓGICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GESTÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS E
SEGURANÇA SOCIAL
MESTRADO PROFISSIONAL**

**REPERCUSSÕES DA UNIVERSIDADE ABERTA À
TERCEIRA IDADE/UEFS NA VIDA DOS IDOSOS: UMA
ANÁLISE A PARTIR DA PERCEPÇÃO DOS
PARTICIPANTES**

Cibele Ribeiro Pereira

**CRUZ DAS ALMAS - BAHIA
2019**

REPERCUSSÕES DA UNIVERSIDADE ABERTA À TERCEIRA IDADE/UEFS NA VIDA DOS IDOSOS: UMA ANÁLISE A PARTIR DA PERCEPÇÃO DOS PARTICIPANTES

Cibele Ribeiro Pereira

Graduada em Administração – Bacharelado
Universidade Estadual de Feira de Santana, 2009

Dissertação apresentada ao Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Gestão de Políticas Públicas e Segurança Social da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Gestão de Políticas Públicas e Segurança Social.

Orientadora: Profa. Dra. Susana Couto Pimentel

**CRUZ DAS ALMAS - BAHIA
2019**

FICHA CATALOGRÁFICA

P436r

Pereira, Cibele Ribeiro

Repercussões da Universidade Aberta à Terceira Idade/UEFS na vida dos idosos: uma análise a partir da percepção dos participantes / Cibele Ribeiro Pereira._ Cruz das Almas, BA, 2019.
125.; il.

Orientador: Prof^a. Dr^a. Susana Couto Pimentel

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Centro de Ciências Agrária, Ambientais e Biológicas, Mestrado Profissional Gestão de Políticas Públicas e Segurança Social.

1. Administração Públicas. 2. Políticas Públicas 3. Terceira Idade. I.Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Centro de Ciências Agrária, Ambientais e Biológicas. II.Título.

CDD: 351

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS, AMBIENTAIS E BIOLÓGICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GESTÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS E
SEGURANÇA SOCIAL - PPGGPPSS
MESTRADO PROFISSIONAL**

**REPERCUSSÕES DA UNIVERSIDADE ABERTA À TERCEIRA
IDADE/UEFS NA VIDA DOS IDOSOS: UMA ANÁLISE A PARTIR DA
PERCEPÇÃO DOS PARTICIPANTES**

Comissão Examinadora da Defesa de Dissertação de Mestrado
Cibele Ribeiro Pereira

Aprovada em: 08 de fevereiro de 2019

Profa. Dra. Susana Couto Pimentel
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Orientador

Prof. Dr. Edgilson Tavares de Araújo
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Examinador Interno

Profa. Dra. Renata de Sousa Mota
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Examinador Externo

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais, pelo exemplo impulsionador, pelo auxílio acadêmico, pelo apoio emocional e, sobretudo, pelo amor incondicional.

AGRADECIMENTOS

É certo que a fé e a força divina me trouxeram até aqui, logo, agradeço, primordialmente, a Deus que, em toda sua grandeza, me sustentou e me fez perseverar.

Agradeço aos meus pais, Rubens e Elvya, acadêmicos plenos, meus maiores e melhores exemplos, construtos das mais belas, afetuosas e sólidas referências que habitam em mim. Meus amores!

Aos meus irmãos, Alana e João, companheiros desde sempre e para sempre, parceiros de uma vida repleta de amor e união.

Ao meu marido Paulo, pelo apoio incondicional e pela irrestrita compreensão nesta árdua jornada. Somos movidos pelo amor e pela vontade de crescermos juntos.

À minha filha Laura, amor maior. Minha motivação diária, minha fonte inesgotável de tenacidade. Seu sorriso, sua voz, seu cheiro, sua alegria, seus abraços ao longo dos intermináveis dias de estudo e produção foram os combustíveis que me trouxeram até aqui.

Não posso deixar de estender esses agradecimentos a tia Esther, tio Junior e meus primos Felipe, Murilo e Marcelo. Vocês são a melhor família que alguém pode ter. Aliados para todos os momentos e sob quaisquer circunstâncias. Sem vocês esse caminho teria sido bem mais duro.

Aos meus colegas que se tornaram verdadeiros amigos: Adelcio, Darlany, Priscila e Thaison. Meus maiores presentes nessa fatigante, mas valorosa, trajetória. Vocês trouxeram a leveza e o contraponto necessários a esse processo repleto de obstáculos e superações.

Agradeço a minha orientadora, Susana Pimentel, pelo aprendizado, pela competência, pelo cuidado, pelo jeito terno e afável de se relacionar com o mundo e com as pessoas. Você é um ser raro e especial. Serei sempre grata por ter caminhado ao seu lado nesta jornada.

Por fim, agradeço à Universidade Estadual de Feira de Santana-UEFS, em especial à Unidade de Infraestrutura-UNINFRA, pela ajuda material e pela concessão da licença para que eu pudesse me dedicar integralmente a esta pesquisa.

EPÍGRAFE

*Que nada nos defina, que nada nos sujeite.
Que a liberdade seja a nossa própria substância, já que viver é ser livre.*

(Simone de Beauvoir)

REPERCUSSÕES DA UNIVERSIDADE ABERTA À TERCEIRA IDADE/UEFS NA VIDA DOS IDOSOS: UMA ANÁLISE A PARTIR DA PERCEPÇÃO DOS PARTICIPANTES

RESUMO: A partir de dados da Organização Mundial da Saúde – OMS (2015), com a ampliação da expectativa de vida, estima-se que nos próximos 50 anos o número de pessoas com mais de 60 anos supere a população de até 15 anos. Esse fenômeno significa um processo de vultosa transformação na vida do indivíduo, nas estruturas familiares e, sobretudo, na sociedade. O envelhecimento caracteriza-se como um processo heterogêneo de transformações que envolve o aumento da fragilidade física e emocional. O aumento da população idosa, associado aos estudos da gerontologia, tem despertado o interesse da sociedade científica, das universidades, das entidades da sociedade civil e dos meios de comunicação, além de emergir com agudeza e frequência nos discursos políticos, evidenciando uma preocupação universal em torno da senectude. Nessa perspectiva, as instituições de Educação Superior começaram a desenvolver programas e projetos para o atendimento a essa demanda, a exemplo do programa Universidade Aberta à Terceira Idade – UATI. A UATI é uma política institucional de educação para idosos que favorece a melhoria da qualidade de vida, estimula a apreensão de novos conhecimentos e habilidades, mantendo e requalificando a independência dos idosos, além de contribuir para reinserir socialmente esses indivíduos, pois propicia o convívio social e a socialização. Esta pesquisa procurou analisar as repercussões da UATI/UEFS na vida dos participantes do programa, a partir da percepção dos mesmos. Para tanto, foi utilizada uma abordagem quanti-qualitativa e o método utilizado foi o estudo de caso. O levantamento de dados em campo aconteceu em duas etapas: na primeira etapa foi realizada uma entrevista estruturada que contou com a participação de 100 alunos; e na segunda, uma entrevista semiestruturada que contou com a participação de 16 alunos. Os resultados desta investigação demonstraram que com a chegada da terceira idade, os indivíduos notam mudanças bruscas em suas vidas, transformações que atingem o corpo, a mente e as relações sociais. Todas as percepções negativas contidas no abeiramento e entrada na terceira idade foram sentidas pelos participantes desta investigação como atenuadas com o ingresso na UATI. Ficou evidente ainda que a prática de atividades físicas desenvolvidas na UATI, para além das visíveis benesses físicas, englobam fatores subjetivos que propiciam satisfação pessoal, interação social, quebra de paradigmas limitantes, favorecendo, desta maneira, ao bem-estar corporal e mental. Ademais, o sentimento de pertencimento e o convívio social outorgam aos membros do programa a construção de competências comunicativas que despontam num autoconhecimento, ou até mesmo numa resignificação dessa fase da vida. Os idosos reconhecem a UATI como um espaço para a aquisição da autoconfiança, do autoconhecimento e da autonomia, além de ferramenta geradora de aprendizagem e interação social. Por fim, o trabalho traz contribuições para a UATI/UEFS considerando-se os resultados obtidos.

Palavras Chave: Idoso; Processo de Envelhecimento; Terceira Idade; UATI

REPERCUSSIONS OF THE UNIVERSITY OPEN TO THE THIRD AGE / UEFS IN THE LIFE OF THE ELDERLY: AN ANALYSIS FROM THE PERCEPTION OF THE PARTICIPANTS

ABSTRACT: Based on data from the World Health Organization (WHO) (2015), with the increase in life expectancy, it is estimated that in the next 50 years the number of people over 60 years of age will exceed the population up to 15 years of age. This phenomenon means a process of great transformation in the life of the individual, in family structures and, above all, in society. Aging is characterized as a heterogeneous process of transformation that involves the increasing of physical and emotional fragility. The growth of the elderly population, associated with gerontology studies, has stimulated the interest of scientific society, universities, civil society entities and the media, as well as emerging with acuity and frequency in political discourses, showing a universal concern around the senility. From this perspective, higher education institutions began to develop programs and projects to meet this demand, such as the University Open to the Third Age (UATI) program. The UATI is an institutional policy of education for the elderly that favors the improvement of the quality of life, stimulates the learning of new knowledge and skills, maintaining and requalifying the independence of the elderly, as well as contributing to social reinsertion of these individuals, as it fosters social interaction and socialization. This research sought to analyze the repercussions of UATI / UEFS on the life of the participants of the program, based on their perception. For that, a quantitative-qualitative approach was used and the method used was the case study. The data collection in the field happened in two stages: in the first stage a structured interview was carried out with the participation of 100 students; and, in the second, a semi-structured interview with the participation of 16 students. The results of this research have shown that with the arrival of the elderly, individuals notice abrupt changes in their lives, transformations that affect the body, mind and social relationships. All the negative perceptions contained in the admission and entrance into the third age were felt by the participants of this investigation as attenuated with the entrance in the UATI. It was also evident that the practice of physical activities developed in the UATI, besides the visible physical benefits, incorporate subjective factors that provide personal satisfaction, social interaction, breaking of limiting paradigms, consequently favoring the corporal and mental well-being. In addition, the feeling of belonging and social interaction give the members of the program the construction of communicative skills that emerge in a self-knowledge, or even a re-signification of this phase of life. The elderly recognizes the UATI as a space for the acquisition of self-confidence, self-knowledge and autonomy, as well as a tool for generating learning and social interaction. Finally, the work brings contributions to the UATI / UEFS considering the results obtained.

Key words: Aging Process; Elderly; Third Age; UATI

LISTA DE SIGLAS

ANG – Associação Nacional de Gerontologia

AFRID/UFU – Faculdade Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia

CETRES – Centro de Extensão em Atenção à Terceira Idade

COBAP – Confederação Brasileira de Aposentados e Pensionistas

CONSEPE – Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão

CMDPI – Conselho Municipal de Direitos da Pessoa Idosa

CSU – Centro Social Urbano

CUCA – Centro Universitário de Cultura e Arte

FUFS – Fundação Universidade de Feira de Santana

GAFTI – Grupos de Atividades Físicas para a Terceira Idade

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

ISP – Centro de Estudos Interdisciplinares para o Setor Público

NAI – Núcleo de Assistência ao Idoso

NETI – Núcleo de Estudos da Terceira Idade

NIEATI – Núcleo Integrado de Estudos e Apoio à Terceira Idade

OMS – Organização Mundial da Saúde

PIBEX – Programa Institucional de Bolsa Extensão

PROEX – Pró-Reitoria de Extensão

SBGG – Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia

SESC – Serviço Social do Comércio

UATI – Universidade Aberta à Terceira Idade

UEFS – Universidade Estadual de Feira de Santana

UFRB – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

UnATI – Universidade Aberta à Terceira Idade

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1** - Pirâmides etárias projetadas para o Brasil no período 2000 a 2060.....15
- Figura 2** - Roteiro de sugestões para o crescimento e fortalecimento da UATI.....97

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Principais movimentos que antecederam as UATI's	36
Quadro 2 - Comparativo das percepções e benefícios da UATI de acordo com o tempo de frequência.....	89

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Distribuição percentual por faixa etária dos alunos entrevistados	65
Gráfico 2 - Distribuição percentual por escolaridade dos alunos entrevistados	66
Gráfico 3 - Distribuição percentual por estado civil dos alunos entrevistados	67
Gráfico 4 - Distribuição percentual por arranjo residencial dos alunos entrevistados	68
Gráfico 5 - Distribuição percentual por renda familiar dos alunos entrevistados	69
Gráfico 6 - Distribuição percentual por posição profissional dos alunos entrevistados	70
Gráfico 7 - Levantamento das doenças crônicas apresentadas pelos alunos entrevistados (poderia ser marcada mais de uma alternativa).....	70
Gráfico 8 - Distribuição percentual por tempo de participação na UATI dos alunos entrevistados.....	71
Gráfico 9 - Distribuição percentual por frequência semanal na UATI dos alunos entrevistados.....	71
Gráfico 10 - Motivos para ingresso na UATI.....	78
Gráfico 11 - Atividades de lazer e desporto fomentas pela UATI.....	82
Gráfico 12 - Atividades culturais promovidas pela UATI	83
Gráfico 13 - Aspectos da UATI que mais agradam os entrevistados	86
Gráfico 14 - Mudanças percebidas na vida dos participantes após ingresso na UATI	88
Gráfico 15 - Percepção dos entrevistados sobre os objetivos da UATI	91
Gráfico 16 - Sugestões de melhorias para a UATI na opinião dos entrevistados.....	92

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
2	REVISITANDO O CONCEITO DE TERCEIRA IDADE	21
2.1	O IDOSO FRENTE À SOCIEDADE	22
2.2	MARCOS LEGAIS E POLÍTICAS PÚBLICAS PARA A TERCEIRA IDADE	28
3	A UNIVERSIDADE ABERTA À TERCEIRA IDADE: UMA PROPOSTA SOCIOEDUCATIVA DE INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR PARA OS IDOSOS	35
3.1	HISTÓRICO DA UNIVERSIDADE ABERTA À TERCEIRA IDADE	35
3.2	HISTÓRICO DAS UNIVERSIDADES ABERTAS À TERCEIRA IDADE NO BRASIL	40
3.3	FUNDAMENTOS DA UNIVERSIDADE ABERTA À TERCEIRA IDADE	41
3.3.1	A Ciência Cognitiva, Educação e a Terceira Idade	41
3.3.2	A Gerontologia Educacional	45
3.4	A PROPOSTA DA UNIVERSIDADE ABERTA À TERCEIRA IDADE PARA A RESSIGNIFICAÇÃO DA CONCEPÇÃO DA TERCEIRA IDADE	50
4	OS CAMINHOS METODOLÓGICOS DA INVESTIGAÇÃO	56
4.1	CARACTERÍSTICAS DA PESQUISA	56
4.2	INSTRUMENTOS PARA LEVANTAMENTO DE DADOS	58
4.3	O CONTEXTO INVESTIGADO	60
4.4	OS PARTICIPANTES DA PESQUISA	63
4.4.1	O Perfil dos Participantes	64
5	REPERCUSSÕES DA UATI/UEFS NA VIDA DOS IDOSOS PARTICIPANTES: O QUE APONTAM OS DADOS	73
5.1	PERCEPÇÕES DOS PARTICIPANTES SOBRE A TERCEIRA IDADE	74
5.2	MOTIVOS QUE LEVARAM AO INGRESSO NA UATI E EXPECTATIVAS ACERCA DO PROGRAMA	78
5.3	PERCEPÇÕES SOBRE A UATI E OS BENEFÍCIOS DO PROGRAMA	81
5.4	CRÍTICAS E SUGESTÕES PARA A MELHORIA DA UATI	92
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	95
	REFERÊNCIAS	99
	APÊNDICES	108
	APÊNDICE A - Entrevista Estruturada	109
	APÊNDICE B - Roteiro da Entrevista Semiestruturada	114
	APÊNDICE C - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	115

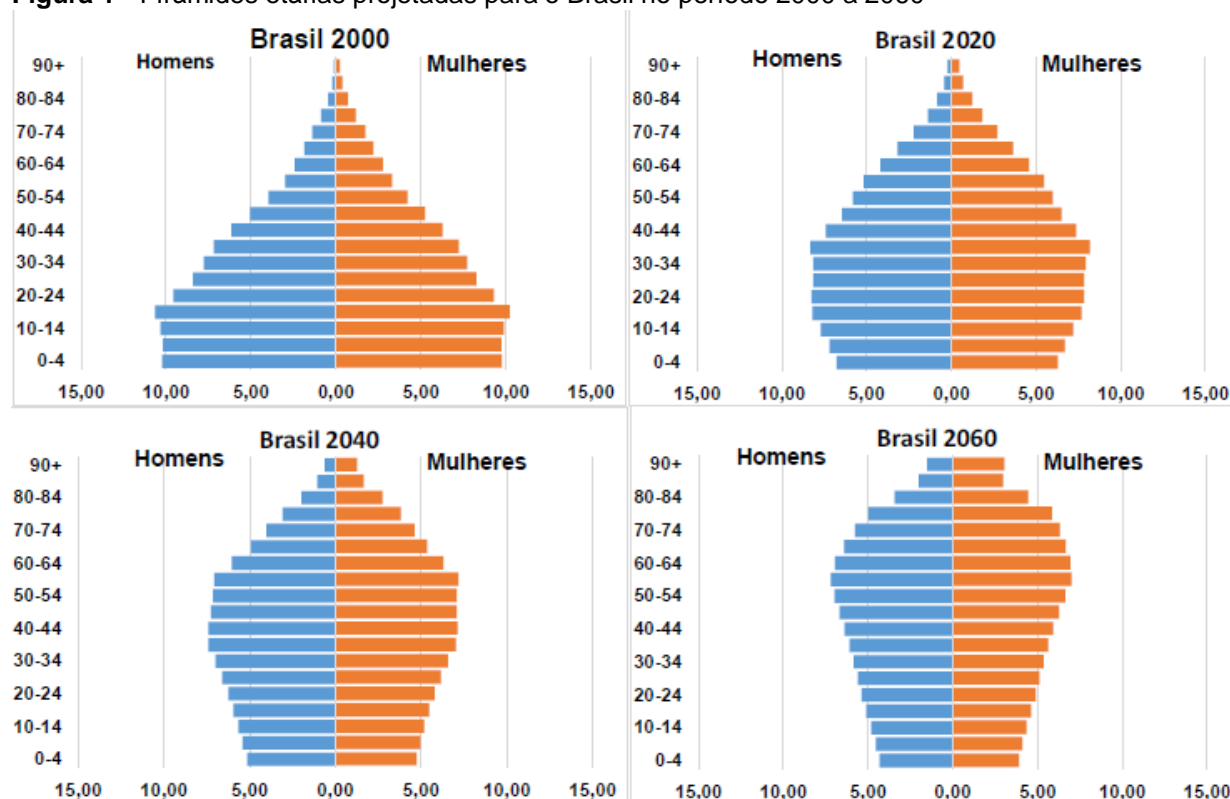
ANEXOS.....	117
ANEXO A - Parecer Consubstanciado do CEP da UFRB	118
ANEXO B - Parecer Consubstanciado do CEP da UEFS	121

1 INTRODUÇÃO

A partir de dados da Organização Mundial da Saúde – OMS (2015), com a ampliação da expectativa de vida estima-se que nos próximos 50 anos o número de pessoas com mais de 60 anos de idade supere a população de até 15 anos. Quando combinados com quedas acentuadas nas taxas de natalidade, esse aumento na expectativa de vida leva ao envelhecimento da população em todo o mundo, tratando-se, portanto, de um notável fenômeno global. Segundo Pontarolo e Oliveira (2008), estima-se que até 2025, a população idosa mundial crescerá cinco vezes e a brasileira aumentará dezesseis vezes, alcançando mais de 34 milhões de pessoas com mais de 60 anos. O Brasil será, então, a sexta maior população idosa do mundo.

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2013) elaborou um estudo sobre as perspectivas demográficas para o período 2010-2060 (Figura 1). Para realizar essas projeções, foi levada em consideração a variação do tamanho da população e de sua distribuição por idade, além de componentes demográficos como fecundidade, mortalidade e migração (IBGE, 2013).

Figura 1 - Pirâmides etárias projetadas para o Brasil no período 2000 a 2060



Fonte: IBGE – Projeção da População do Brasil (2013).

Observando a Figura 1, têm-se um elucidativo panorama das mudanças previstas na estrutura etária da população brasileira nos próximos anos. De acordo com essas projeções, teremos um estreitamento da base e um alongamento do topo piramidal no decorrer do tempo, onde o triângulo torna-se praticamente um retângulo, demonstrando acentuada diminuição da população jovem e o crescimento da população idosa.

Para a OMS,

[...] o envelhecimento da população é um fenômeno global que exige ação local, regional, nacional e internacional. Em um mundo cada vez mais interligado, a omissão para lidar, de um modo sensato e em qualquer parte do mundo, com o imperativo demográfico [...] terá consequências políticas e socioeconômicas em todos os lugares. (WHO, 2005, p. 45).

Chancelando essas preocupações concernentes à necessidade de planejamento e de políticas que atendam às novas demandas provenientes do envelhecimento populacional, Lodovici e Silveira (2011, p. 304) explanam:

Tendo como meta responder aos novos desafios trazidos pela sociedade envelhecida destes tempos de octogenários, nonagenários, centenários, é que continuam a se preocupar os teóricos com projetos motivados e mobilizados pelas reais necessidades e exigências deste segmento de idade mais avançada que aguarda receber uma assistência cada vez mais especializada. Em suma, as demandas aí estão como desafios reais da sociedade contemporânea cuja caracterização humanística evidenciada pela demografia é a da longevidade – um fenômeno de implicações individuais, mas com complicadas e desafiadoras decorrências sociais.

Esse fenômeno não agrega somente uma mudança na composição etária, significa também um processo de vultosa transformação na vida do indivíduo, nas estruturas familiares e, sobretudo, na sociedade. Diante desse cenário e dos desafios produzidos por esse novo padrão demográfico, faz-se necessário pensar e realizar políticas públicas que contemplem essa nova configuração social. Ou seja, é necessário analisar o significado desse envelhecimento populacional, que, há meio século, de acordo com Netto (2001), era um assunto que se restringia à esfera privada e familiar, mas que se transformou numa questão de expressão social e política da maior importância no mundo contemporâneo.

Desta maneira, o desenvolvimento de políticas públicas para a pessoa idosa tem sido destaque na agenda de organizações internacionais com relação à proposição de diretrizes para implantar programas sociais voltados ao atendimento às necessidades emergentes desse grupo populacional (FERNANDES; SOARES, 2012).

Pesquisar novas formas de desenvolver e inserir essa crescente parcela populacional, além de analisar e avaliar as ações já existentes, passou a ser pauta de grande relevância nas discussões sobre políticas públicas. Entende-se que para melhor se usufruir a terceira idade é necessário dispor de políticas públicas adequadas que possam garantir um mínimo de condição de qualidade de vida aos que atingem a terceira idade (NERI; CACHIONI, 1999).

Diante do exposto, espaços educativos que busquem reinserir socialmente o indivíduo podem representar ferramentas para a ressignificação da terceira idade, fomentando uma melhoria substancial na qualidade de vida da pessoa idosa.

A expressão qualidade de vida, para Patrocínio e Pereira (2013), tem um cunho multifacetado, individual e subjetivo, que está interligado ao contexto social e histórico em que o indivíduo ou grupo está inserido. Numa ótica aristotélica, a vida com qualidade referia-se aos sentimentos relacionados à felicidade, realização e plenitude (FERREIRA, 2013). Nahas (2013, p. 258) assevera que qualidade de vida é:

[...] a condição humana resultante de um conjunto de parâmetros individuais e socioambientais, modificáveis ou não, que caracterizam as condições em que vive o ser humano. [...], pois é algo que envolve bem-estar, felicidade, sonhos, dignidade e cidadania.

Entretanto, observa-se um consenso quanto a qualidade de vida do idoso no sentido de que ele seja capaz de realizar atividades básicas da vida diária, ser independente e ter autonomia, para maior longevidade saudável (PEIXOTO, 2015). Neri (2005) acrescenta que a referida expressão adaptada ao envelhecimento remete-se à habilidade de adaptação a perdas e à apropriação de elementos positivos nessa fase da vida. Para a OMS são fatores pertinentes à qualidade de vida do idoso o controle de doenças, o acesso a tratamentos médicos, a preservação da alimentação saudável, a realização de exercícios físicos com regularidade, o bem-estar físico e emocional, a inserção em atividades sociais, participativas e de lazer e, principalmente, a competência funcional e a autossuficiência (WHO, 2005).

Como que arrematando esses conceitos, observar-se com Ferreira (2013, p. 28) que:

Assim, sociabilidade, lazer e educação (como estratégia de socioterapia e de manutenção da “mente ativa”) fazem-se dispositivos privilegiados de intervenção junto a esta população e ganham espaço significativo na mídia para a criação e divulgação de uma “nova velhice”.

Portanto, a educação para o idoso aparece como instrumento fomentador do desenvolvimento e de ampliação de suas habilidades, possibilitando a elaboração de novos objetivos e de estratégias para alcançá-los, ou seja, a educação favorece o pensar em mecanismos em prol de uma velhice saudável, ativa e participativa. A educação manifesta-se como condição para permitir aos idosos acompanharem as constantes evoluções da sociedade, combatendo a segregação e o isolamento desse segmento populacional. Sendo assim, a educação, além de ser um direito social básico e elementar, representa também o caminho que permite o exercício e a conquista do conjunto dos direitos e deveres relativos à cidadania, que se ampliam a cada dia, em qualquer faixa etária (OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2008).

Nessa perspectiva, as instituições de Educação Superior começaram a desenvolver programas e projetos, com caráter extensionista, para o atendimento a essa demanda, a exemplo do programa Universidade Aberta à Terceira Idade – UATI, que se constitui numa opção de participação do idoso na vida social, educacional e cultural, levando-o a buscar suprir essas necessidades (PAULA, 2009).

Ante ao exposto, esse trabalho traz como questão norteadora o seguinte problema: Como e em que aspectos as atividades desenvolvidas na UATI da Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS repercutem na vida dos idosos que dela participam?

O objetivo principal desta pesquisa foi investigar como e em que aspectos as atividades desenvolvidas pela UATI/UEFS repercutem na vida dos idosos que dela participam. Como objetivos específicos, busca-se ainda: 1. analisar os efeitos das atividades desenvolvidas através da UATI/UEFS na ampliação das relações sociais, na vida cultural e de lazer dos idosos; 2. refletir sobre as expectativas dos participantes do programa quanto a essa política institucional de inclusão social; 3. propor, a partir dos resultados da pesquisa, estratégias para o fortalecimento da UATI/UEFS.

O interesse em estudar a UATI/UEFS advém, principalmente, do fato da pesquisadora ser servidora da UEFS e uma observadora recorrente das atividades desenvolvidas pela UATI. Diante do envelhecimento populacional e da necessidade de atender satisfatoriamente as demandas físicas, mentais e sociais dos idosos, surge o interesse pelo tema e uma inquietação no sentido de provocar o diálogo e a discussão sobre o processo de envelhecimento e suas consequências, buscando

evidenciar, assim, a indispensabilidade da atenção (e ação) do Estado ante essas questões.

A UATI/UEFS foi criada em 1992 e, de acordo com seus postulados, tem como principais objetivos estimular a promoção da saúde, a socialização dos saberes, a prática de esportes, as relações sociais, o lazer, a arte, a cultura, a inclusão digital, a reinserção no setor produtivo, a reintegração sócio-comunitária, o fortalecimento dos vínculos familiares, o equilíbrio psicossomático, a preparação para a Terceira Idade e a educação permanente (UEFS, 2017). O programa assume o compromisso de assegurar a existência de espaços multiplicadores, com ações interativas, educativas e qualificadas, que privilegiem o indivíduo no seu processo de envelhecer com dignidade, contribuindo para melhorar a qualidade de vida dos idosos residentes em Feira de Santana e microrregião¹.

Para arrimar esta pesquisa, o estudo será encetado com um capítulo dedicado aos conceitos e evolução histórica que norteiam a terceira idade frente à sociedade, passando pelos marcos legais e políticas públicas específicas, além de discutir a Gerontologia, enquanto ciência que estuda o processo de envelhecimento em suas mais diversas dimensões, e sua contribuição aos estudos e práticas – e exemplo das UATI's – voltados aos idosos.

Na sequência, apresenta-se um capítulo dedicado a histórias e propostas da UATI no Brasil e no mundo, além de discutir a Gerontologia, Ciência Cognitiva e a Educação Permanente, enquanto fundamentos das Universidades Abertas à Terceira Idade. Assim, faz-se um apanhado das motivações para o surgimento desse tipo de programa, analisando seus objetivos, até se alcançar os modelos atuais com todas as suas características e propostas de trabalho.

No capítulo sucessor estão descritos os caminhos metodológicos utilizados para a consecução desta pesquisa, isto é, a abordagem metodológica, o tipo de pesquisa, os instrumentos utilizados para coleta dados, o método aplicado para análise dos dados coletados, além da designação do contexto investigado e a caracterização dos participantes da pesquisa. Em suma, foi utilizada uma abordagem quanti-qualitativa e o método utilizado foi o estudo de caso. O levantamento de dados em campo aconteceu em duas etapas: na primeira etapa foi realizada uma entrevista

¹ Informações disponíveis no site da UEFS.

estruturada que contou com a participação de 100 alunos; e na segunda foi realizada uma entrevista semiestruturada que contou com a participação de 16 alunos.

O estudo prossegue com a exposição e análise dos dados levantados, respondendo ao problema e objetivos de pesquisa aqui propostos. Por último, têm-se as considerações finais arrematando esse longo e venturoso percurso.

2 REVISITANDO O CONCEITO DE TERCEIRA IDADE

Analisando a bibliografia, percebe-se que muitos autores divergem quanto ao vocábulo que nomeia o público alvo desta pesquisa. Termos como: velho, idoso, terceira idade e melhor idade são utilizados, dependendo do autor ou do período em que o estudo foi publicado. Beauvoir (1990), Haddad (2016) e Bosi (1994) fazem uso do termo “velho”, enquanto Netto (2001), Veras e Caldas (2004) e Neri (2005), publicações mais recentes, valem-se com frequência das locuções “idoso” e “terceira idade”.

Durante o século XIX, afirma Ferreira (2013), a noção de velho estava fortemente associada à ideia de decadência e incapacidade para o trabalho, imagem que foi se transformando a partir da década de 60 do século passado, com a implantação de políticas sociais para a terceira idade. Com isso, os termos **pejorativos** (grifo nosso), a exemplo de “velho”, são suprimidos surgindo o termo “idoso” como uma forma mais neutra de se referir a essa faixa etária (FERREIRA, 2013). Contudo, o termo idoso acabou adquirindo de certa ambiguidade, confundindo-se com as denominações de inativo ou aposentado (TEODORO, 2006). Emerge, então, de acordo com Schmitz (2013), a expressão “Terceira Idade”, que tem sua origem nos trabalhos iniciados por Pierre Velas, na cidade de Toulouse, onde teve a iniciativa de criar a Universidade da Terceira Idade, em 1973. O vocábulo apareceu como desenlace de uma nova representação social da “velhice”, não mais associada à inutilidade e improdutividade, mas à uma imagem positiva, de vitalidade e participação (SCHMITZ, 2013).

Observa-se que no parágrafo anterior a palavra “pejorativo” está grifada, isso porque se faz necessária uma reflexão: será mesmo que o termo “velho” traz consigo um tom depreciativo, sendo inescusável a aplicação de outras expressões que enteneçam seu “peso”? Ecléa Bosi (1994) afirma que a velhice é um fator natural, assim como a cor da pele, em sintonia com Simone de Beauvoir (1990), que roboriza que a velhice é o término e o prolongamento do processo de envelhecimento, que se inicia no estágio embrionário:

A velhice não é um fato estático; é o resultado e o prolongamento de um processo. Em que consiste este processo? Em outras palavras, o que é envelhecer? Esta ideia está ligada à ideia de mudança. Mas a vida do embrião, do recém-nascido, da criança, é uma mudança contínua. Caberia

concluir daí, como fizeram alguns, que nossa existência é uma morte lenta? É evidente que não. Semelhante paradoxo desconhece a verdade essencial da vida: ela é um sistema instável no qual se perde e se reconquista o equilíbrio a cada instante; a inércia é que é o sinônimo de morte. A lei da vida é mudar. (BEAUVOIR, 1990, p. 17).

Levando em conta o caráter natural e inevitável que reveste a velhice, trazido pelas autoras supracitadas, a utilização da palavra “velho” não deveria gerar tamanho desconforto, visto que, chegar à velhice é uma das maiores expectativas do ser humano. Entretanto, o cunho depreciativo do termo “velho”, ligado ao inútil, ao desusado e, muitas vezes, repleto de preconceito, pode ter sua explicação na história, como pontua Bernardi (2014, p. 19):

No século XIX, na França, o termo “velho” (vieux) ou “velhote” (vieillard) era utilizado para designar os indivíduos que não detinham estatuto social, enquanto os que possuíam eram designados como “idosos” (personne âgée). A noção de velho era fortemente assimilada à decadência e confundida com incapacidade para o trabalho, ou seja, ser velho era ser idoso e pobre.

Nesse sentido, João Alexandre Barbosa, no prefácio do livro de Bosi (1994), relata que a autora estabelece um roteiro vinculado por uma noção bastante entranhada do trabalho e das relações de classe, onde se configura, de fato, uma classe duplamente oprimida: pela velhice e pela dependência social.

Feitas as devidas considerações e seguindo a tendência das publicações mais atuais, neste trabalho serão utilizadas, predominantemente, as terminologias “terceira idade” e “idoso”. A expressão “velhice” também será empregada em alguns momentos, em virtude de ser muito utilizada pelos autores aqui citados.

2.1 O IDOSO FRENTE À SOCIEDADE

No Brasil, segundo o Estatuto do Idoso (BRASIL, 2003), um indivíduo passa a ser considerado idoso a partir dos 60 anos. Para Neri (2005), o envelhecimento caracteriza-se como um processo de transformações que envolve decréscimos psicomotores, distanciamento social, aumento da fragilidade física e emocional, além de desencadear dependência sociocultural e psicológica. Contudo, o envelhecimento não é homogêneo, uma vez que não existe apenas uma forma de envelhecer, mas processos de envelhecimento, que dependem de gênero, etnia, classe social e cultura (TEODORO, 2006). Beauvoir (1990) reitera que para haver uma compreensão da

terceira idade em sua totalidade, a mesma deve ser encarada também como um fato cultural e social.

Como destaca Pontarolo e Oliveira (2008), é de vital importância lançarmos um amplo olhar sobre os idosos considerando todos os aspectos para não cairmos numa análise reducionista do fenômeno do envelhecimento em que muitos estudiosos consideram apenas o aspecto biológico e se descuidam da questão da construção histórica e social da terceira idade. Por sua vez, Magalhães (1989, p. 13) observa que:

Em cada sociedade e na mesma sociedade, em momentos históricos diferentes, a velhice e o envelhecimento ganham especificidades, papéis e significados distintos em função do meio ser rural ou urbano, da classe social, do grupo profissional e de parentesco, da cultura, da ideologia dominante, do poder econômico e político que influenciam o ciclo de vida e o percurso de cada indivíduo, do nascimento à morte.

Se o envelhecimento e a velhice são diretamente sugestionados pela sociedade, é possível deduzir que ao longo da história esse processo sofreu alterações em suas diversas esferas. Ou seja, a valorização social do idoso varia de acordo com o tempo, a cultura, o gênero, a classe social, a economia, entre outros fatores. Em várias civilizações e culturas antigas, os idosos eram extremamente respeitados, vestiam o papel de sábios que alumbravam os jovens com seus conselhos e vasta experiência. Nessa perspectiva, temos o exemplo trazido por Beauvoir (1990) em relação aos idosos chineses: “Toda a casa devia obediência ao homem mais idoso. Não havia contestação prática de suas prerrogativas morais, pois a cultura intensiva que se pratica na China exige mais experiência do que força.” (BEAUVOIR, 1990, p. 112).

Aqui no Brasil, segundo Nascimento (2007), as tribos indígenas tupis eram chefiadas por homens mais velhos, chamados morubixabas, e os líderes guerreiros, os taxauás, erroneamente chamados de caciques. Eles decidiam a guerra, a migração, as grandes caçadas e o sacrifício dos inimigos. Era função do pajé manter viva a tradição oral (NASCIMENTO, 2007).

Em linhas gerais, durante um longo período histórico e em algumas tradições culturais, era atribuído ao idoso o mister de transmitir as memórias, tradições e histórias familiares, num cenário em que este indivíduo detinha o respeito e o verdadeiro *status* social. Existia ainda uma imagem acolhedora relacionada ao idoso, onde o vínculo com os jovens era tramado em um sólido laço afetivo, revestido de ternura e admiração.

No entanto, com o avanço do capitalismo, o idoso viu reduzido o seu valor social, tornando-se elemento descartável de um sistema que singulariza a capacidade produtiva em detrimento de outras dimensões do humano (VERAS; CALDAS, 2004). Numa sociedade industrial que extrai sua energia da divisão de classes, criando assim rupturas nas relações entre os homens e na relação dos homens com a natureza, qualquer sentimento de continuidade é arrancado do trabalho, ou seja, a sociedade passa a rejeitar o idoso (BOSI, 1994).

Essa lógica também é observada por Netto (2001, p. 47), ao constatar que:

[...] a expectativa de vida dos brasileiros, que por volta de 1900 era de apenas 33,7 anos, em 1950 passou para 43,2 anos, subindo em 1960 para 55,6 anos e chegando no ano 2000 a 68,6 anos, sendo que para 2025 projeta-se que atingirá os 75,3 anos. Acrescenta-se a tais dados o fato de que aqui se vivia pouco e mal, sendo que a minoria de cidadãos que chegava a atingir idades mais elevadas vivia amplamente marginalizada, com pouquíssimas oportunidades de exercer alguma atividade, remunerada ou não, sendo restritas suas possibilidades de participação social expressiva dentro de suas respectivas comunidades. Em tais condições, uma pessoa com mais de 40 anos era, geralmente, considerada “velha” e “acabada” para o exercício de papéis sociais importantes, cabendo-lhe apenas funções secundárias tipo “avô” ou “avó”, auxiliares de atividades domésticas, prestadores de pequenos serviços sem muita responsabilidade, e assim por diante.

Registra-se, aqui uma desvalorização do idoso tido então como indivíduo sem grande utilidade e/ou produtividade, isto é, um ser desimportante. Nesse sentido, uma relevante questão que envolve a velhice e a sociedade capitalista é a criação da aposentadoria como parte integrante de um conjunto de transformações que “estabeleceram uma relação indissociável entre o fim do trabalho assalariado e o último estágio da vida” (DEBERT, 2012, p. 59).

Haddad (2016), por seu turno, aponta uma “ideologia da velhice”, que consiste na constatação de que, antagonicamente, são crescentes as propostas de reparo para a situação dos idosos, mas que na realidade surgem como forma de abrandamento e camuflagem da problemática da exploração da mão de obra, ou seja, essa ideologia é entendida “[...] como parte essencial do funcionamento das sociedades capitalistas, cuja contradição principal é a sua divisão em classes sociais” (HADDAD, 2016, p. 60). Reflexão semelhante é apresentada por Silva (2008, p. 8-9):

São muitos os programas que incentivam os idosos a voltar a estudar, a buscar capacitação profissional, retornar ao mercado de trabalho após a aposentadoria. Os avanços constitucionais acabam sofrendo um retrocesso, porque novamente se atrela a ideia de inclusão por meio da contribuição, nesse caso camuflado sob a forma de participação ativa na sociedade. Não se pretende defender uma velhice inerte, mas sim que não se imponha aos idosos esse papel de contribuição ativa para o desenvolvimento econômico

do país, pois é necessário levar em consideração as condições de vida dessas pessoas, o ambiente ao qual foram expostos ao longo do seu desenvolvimento e maturidade.

A reflexão do autor permite depreender que se deve priorizar uma velhice digna, saudável e inclusiva, em que o idoso tenha, inclusive, o direito de trabalhar, se assim o desejar. Contudo, este direito não deve ser tratado como uma imposição ou única saída para uma velhice ativa, posto que se trata de uma categoria que já ofertara sua parcela de contribuição à sociedade. A participação social para o idoso não deve ser atrelada necessariamente à contribuição econômica, mas a todas as formas de participação que assegurem seus direitos constitucionais como cidadão.

Bosi (1994), em seu livro “Memória e Sociedade: lembranças de velhos”, uma das principais obras nacionais sobre o tema, traz uma detalhada fotografia da velhice na sociedade industrial. Num exemplo prático, a autora analisa que um artesão ao longo dos anos, com o acúmulo da experiência, aproxima o seu trabalho da perfeição. Entretanto, com o primado da mercadoria sobre o homem e a racionalização que exige cadências muito aceleradas, os velhos são eliminados da indústria. A partir daí o idoso passa a ser invisibilizado, inutilizado e descartado socialmente. Sendo muito precisa em sua conjectura, Bosi (1994, p. 78) argumenta:

A moral oficial prega o respeito ao velho mas quer convencê-lo a ceder lugar aos jovens, afastá-los delicada mas firmemente dos postos de direção. [...] Vela-se no interior das famílias a cumplicidade dos adultos em manejar os velhos, em imobilizá-los com cuidados para “seu próprio bem”. Em privá-los da liberdade de escolha, em torná-los cada vez mais dependentes “administrando” sua aposentadoria, obrigando-o a sair de seu canto, a mudar de casa (experiência terrível para o velho) e, por fim, submetendo-os à internação hospitalar. [...] A característica da relação do adulto com o velho é a falta de reciprocidade que pode traduzir numa tolerância sem o calor da sinceridade. [...] Se a tolerância com os velhos é entendida assim, como uma abdicação do diálogo, melhor seria dar-lhe o nome de banimento ou discriminação.

A estudiosa faz crer que a percepção atual da velhice decorre mais da luta de classes do que do conflito de gerações e assevera que é necessária uma recriação das relações humanas, a fim de que nenhuma forma de humanidade seja excluída socialmente, e arremata com uma frase que convida à reflexão: “A mulher, o negro, combatem pelos seus direitos, mas o velho não tem armas. Nós é que temos de lutar por ele.” (BOSI, 1994, p. 81).

Com os mesmos pressupostos de Bosi (1994), Pontarolo e Oliveira (2008, p. 120) propõem que:

Toda ação dirigida ao idoso deveria tomar o cuidado de promovê-lo no sentido de estimular a sua autonomia. O idoso não precisa de alguém que fale por ele e lute por ele. Ele precisa de quem fale e lute com ele. Quando se estabelece uma relação de respeito e troca efetiva entre o idoso e quem o cerca contribui-se para a formação e a constituição de cidadãos como sujeitos sociais ativos, onde o idoso possa assumir seu papel de protagonista na busca de seu espaço social.

Analisando as argumentações de Bosi (1994) e de Pontarolo e Oliveira (2008), pode-se afirmar que o idoso, numa sociedade capitalista, opressora e preconceituosa, em princípio, não dispõe de voz, força ou ferramentas para granjear seus direitos. É por isso que se faz necessário lutar com ele e por ele, e a melhor maneira de fazer isso é criando meios, a exemplo de políticas públicas que empoderem o idoso, estimulando sua autonomia. A partir de então, ele não mais precisaria de “alguém que fale por ele e lute por ele”, isto é, ele estaria socialmente integrado, apto a vivenciar uma terceira idade decente, ativa e salutar.

Nesse contexto, duas questões se impõem: primeiramente, que apesar do robusto aumento da expectativa de vida e dos avanços da medicina, não existe, para as classes menos favorecidas, uma real melhoria da qualidade de vida e dos indicadores sociais de uma maneira geral; e, em segundo lugar, precisa-se pensar numa solução para a questão da velhice tendo a compreensão de que a situação posta é fruto do sistema vigente, onde a classe dominante busca, muitas vezes, o adestramento político e moral dessa crescente massa de idosos.

É importante destacar que com o aumento da população idosa, configurou-se a possibilidade, e a necessidade, de se lançar um novo olhar para esse nicho, incluindo até o mercado consumidor. Esta virada pode ser observada a partir da década de 90, quando grande parte das empresas que representam o mercado de bens de consumo, como bancos e agências de turismo passaram a visar o idoso em suas propagandas (CALDAS; THOMAZ, 2010).

É bem verdade que o processo de “revalorização” do idoso com vistas ao mercado consumidor é um tanto superficial, senão cruel. Isto porque leva em consideração, sobremaneira, aquele idoso que historicamente menos sofreu com o isolamento, o desrespeito e o preconceito, ou seja, privilegia o idoso das classes sociais mais abastadas e reafirma o lado mais cruciante do capitalismo.

Fazendo um resumo desse antagonismo que permeia o “envelhecimento” contemporâneo, Debert (2012) pontua a existência de dois modelos de pensamentos

sobre esse processo. No primeiro, nota-se a tendência da construção de quadro de abandono e relegação, onde, sobretudo, a família é que arca com o peso da situação. Já o segundo, apresenta o idoso como ser ativo, que redefine sua experiência contrapondo-se aos estereótipos ligados à velhice. Entretanto, a autora lembra que ambos os modelos sofrem críticas e devem ser ponderados: o primeiro pode alimentar os estereótipos do processo de envelhecimento, a exemplo da dependência e do isolamento; e o segundo pode acabar fazendo coro com o discurso interessado em fazer do envelhecimento um novo mercado de consumo (DEBERT, 2012, p. 73-74).

Por outro lado, para além da orientação capitalista, esta faixa etária começou a ser percebida de maneira distinta no campo de pesquisa, saindo, inclusive, do lugar comum onde se estuda a terceira idade apenas sob o aspecto da saúde (SCORTEGAGNA, 2010).

À vista disso, Rodrigues (2000, p. 55) reclama:

[...] a velhice útil e feliz não pode ser apenas um mito. Cabe à sociedade a responsabilidade de redefinir social e culturalmente o significado da velhice, possibilitando o resgate da dignidade desse grupo etário. E cada um de nós, velho ou velha, tem o compromisso de lutar por sua dignidade, por sua posição na sociedade de hoje, contando para isso com o apoio dos jovens e adultos que serão os velhos de amanhã, pois, se a sociedade inventou a velhice, devemos nós, os velhos, reinventar a sociedade.

Ademais, avindo-se da importância de conferir voz ao idoso, Bosi (1994, p. 82) já chamara a atenção para o fato de que:

Um mundo social que possui uma riqueza e uma diversidade que não conhecemos pode chegar-nos pela memória dos velhos. Momentos desse mundo perdido podem ser compreendidos por quem não os viveu e até humanizar o presente. A conversa evocativa de um velho é sempre uma experiência profunda.

Depreende-se, a partir dos autores citados, que a pessoa idosa precisa reorganizar-se de acordo com esse novo momento da vida, buscar autoestima e a ressignificar seu papel social. Muitos idosos incorporam em si preconceitos com relação às suas capacidades, em paralelo a isso, está o preconceito que aflora no conjunto da sociedade ao se considerar que os indivíduos nesta faixa etária não são mais produtivos, trazendo ônus ao Estado. Encontrar seus desejos e reelaborá-los em relação às perdas inerentes à velhice, torna-se um processo de vital importância para o reencontro do idoso consigo mesmo e com a sociedade. Isto trará a devida pujança para que esse indivíduo, mesmo com todos os decréscimos biológicos, enteste possíveis obstáculos e busque atividades que tragam prazer e satisfação, o que irá

reverberar positivamente em diversos âmbitos, precipuamente na saúde física e mental.

É essa a lógica da qual, segundo Caldas e Thomaz (2010, p. 78),

[...] emerge uma nova imagem de velho – uma pessoa idosa, porém ativa e participativa, com poder de decidir o que quer [...] Como consequência, observa-se uma modificação na visão anteriormente negativa da velhice e um outro contorno passa a ser dado sobre a imagem do idoso. Este “idoso moderno” é pautado num modelo de envelhecimento ativo, o que certamente tem contribuído para a transformação da imagem individual e social do sujeito velho. As imagens sociais e individuais de velhice estão ligadas por um movimento constante de criação que é responsável pela construção da identidade do idoso. Quando o velho se depara com uma determinada imagem social, ele é capaz de se apropriar de características que compõem esta imagem, modificando sua identidade pessoal. Consequentemente, ele se apresentará ao mundo de uma nova forma, agora transformado por estes novos significados sociais.

Evidencia-se, então, a importância de se promover uma conscientização não apenas social, mas também do idoso quanto às possibilidades frutíferas a partir da boa condução da velhice, reestabelecendo vínculos, adquirindo novos aprendizados, garantindo e fortalecendo sua imagem e identidade (NASCIMENTO, 2007; PONTAROLO; OLIVEIRA, 2008).

2.2 MARCOS LEGAIS E POLÍTICAS PÚBLICAS PARA A TERCEIRA IDADE

Com o aumento avultado da população de idosos no Brasil e no mundo e levando em consideração as questões sociais que contornam este tema, faz-se necessário um balanço dos principais marcos legais e das políticas públicas que resguardam e atendem esta demanda. Nesse panorama, vale sobrepular que o avanço do envelhecimento, enquanto processo de perdas e de dependência, é responsável pela geração de imagens negativas associadas ao idoso, porém, foi também fundamental para a legitimação de direitos sociais, incluindo a universalização da aposentadoria (DEBERT, 2012).

Para uma melhor compreensão do assunto tratado, faz-se oportuna uma breve conceituação do que é uma Política Pública. Bucci (1997, p. 95) destaca a diferença entre política e políticas públicas expondo que:

A política é mais ampla que o plano e se define como o processo de escolha dos meios para a realização dos objetivos do governo com a participação dos agentes públicos e privados. Políticas públicas são os programas de ação do

governo para a realização de objetivos determinados num espaço de tempo certo.

Por sua vez, Secchi (2017) afirma que política pública é uma diretriz elaborada para enfrentar um problema público, ou seja, é uma orientação à atividade ou à passividade de alguém, sendo que as atividades ou passividades dessa orientação também fazem parte da política pública. Nesse caso, a passividade apresenta-se como a falta de interesse ou negligência diante de um problema público. Para além, este autor enfatiza que o que define se uma política é pública, é a sua intenção de responder a um problema público, independente do tomador de decisão da política ter personalidade jurídica estatal ou não estatal (SECCHI, 2017). Esse fato torna a conceituação de Bucci (1997) não adequada, pois não se trata de ações exclusivas do governo. Assim, este trabalho assume o conceito de política pública a partir da compreensão de Secchi (2017).

Voltando ao debate sobre as questões do envelhecimento populacional que fomenta políticas públicas destinadas a essa população, entidades internacionais iniciaram o debate sobre a transformação etária em meados da década de 70, quando esse fenômeno se tornou notório mundialmente, deixando de ser um evento restrito aos países do primeiro mundo. Neste cenário, destacam-se a preocupação com possíveis debilidades nos sistemas de previdência social e nos sistemas de saúde, máxime nos países em desenvolvimento, e, conseqüentemente, o discurso a favor do desenvolvimento de práticas para melhoria da qualidade de vida da pessoa idosa. Isto é, entra em voga internacionalmente a reordenação do discurso, das instituições e da sociedade (SILVA, 2008).

No Brasil, a atenção ao idoso teve início com a Constituição Federal de 1988, quando foi introduzido o conceito de Seguridade Social, como fica claro nos artigos 203, 229 e 230:

Art. 203. A assistência social será prestada a quem dela necessitar, independentemente de contribuição à seguridade social, e tem por objetivos:

I - a proteção à família, à maternidade, à infância, à adolescência e à velhice;
[...]

V - a garantia de um salário mínimo de benefício mensal à pessoa portadora de deficiência e ao idoso que comprovem não possuir meios de prover à própria manutenção ou de tê-la provida por sua família, conforme dispuser a lei. (BRASIL, 1988, p. 122).

Art. 229. Os pais têm o dever de assistir, criar e educar os filhos menores, e os filhos maiores têm o dever de ajudar e amparar os pais na velhice, carência ou enfermidade.

Art. 230. A família, a sociedade e o Estado têm o dever de amparar as pessoas idosas, assegurando sua participação na comunidade, defendendo sua dignidade e bem-estar e garantindo-lhes o direito à vida.

§ 1º Os programas de amparo aos idosos serão executados preferencialmente em seus lares.

§ 2º Aos maiores de sessenta e cinco anos é garantida a gratuidade dos transportes coletivos urbanos. (BRASIL, 1988, p. 133).

É possível observar uma clara consciência jurídica em relação aos idosos e às necessidades dessa categoria, sobretudo no que concerne às manifestações do processo de envelhecimento. A Constituição Federal de 1988 assegura, ainda que na teoria, que o indivíduo na terceira idade deve ser amparado pela família, sociedade e Estado, instituições estas que devem garantir sua dignidade, bem-estar e participação na comunidade.

Para além dos direitos sociais contemplados na Constituição Federal de 1988, o Decreto nº 1.948, de 3 de julho de 1996, regulamenta a Política Nacional do Idoso, instituída pela Lei nº 8.842/94. Essa política é orientada por cinco cânones que conferem ao Estado, à sociedade e à família o mesmo grau de responsabilidades para assegurar a cidadania ao idoso, conforme o Art. 3º:

Art. 3º. A política nacional do idoso reger-se-á pelos seguintes princípios:

I - a família, a sociedade e o estado têm o dever de assegurar ao idoso todos os direitos da cidadania, garantindo sua participação na comunidade, defendendo sua dignidade, bem-estar e o direito à vida;

II - o processo de envelhecimento diz respeito à sociedade em geral, devendo ser objeto de conhecimento e informação para todos;

III - o idoso não deve sofrer discriminação de qualquer natureza;

IV - o idoso deve ser o principal agente e o destinatário das transformações a serem efetivadas através desta política;

V - as diferenças econômicas, sociais, regionais e, particularmente, as contradições entre o meio rural e o urbano do Brasil deverão ser observadas pelos poderes públicos e pela sociedade em geral, na aplicação desta lei. (BRASIL, 1994, p. 1).

Na década seguinte surge, através da Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003, outra grande referência que estabelece prioridade absoluta às demandas da terceira idade, introduzindo novos direitos, com normas protetivas e designando as ferramentas para essa proteção e fiscalização: O Estatuto do Idoso. Destacam-se nessa Lei o Art. 2º e o Art. 3º que dizem:

Art. 2º. O idoso goza de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhe, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, para preservação de sua saúde física e mental e seu

aperfeiçoamento moral, intelectual, espiritual e social, em condições de liberdade e dignidade.

Art. 3º. É obrigação da família, da comunidade, da sociedade e do Poder Público assegurar ao idoso, com absoluta prioridade, a efetivação do direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária. (BRASIL, 2003, p. 1).

Segundo Ribeiro (2016), tal como o Estatuto da Criança e do Adolescente, em 1990, representou um avanço para os direitos da criança, com a criação e fiscalização dos Conselhos Municipais, o Estatuto do Idoso veio regular os direitos assegurados às pessoas com idade igual ou maior que sessenta anos, com a proteção integral e prioritária da família, da comunidade, da sociedade e do Poder Público, atribuindo a fiscalização ao Conselho do Idoso.

Logo, o direito à segurança social, isto é, à segurança do cidadão ao longo de sua existência, como parte integrante de uma sociedade, é um direito garantido na Constituição Federal e ratificado pela Política Nacional do Idoso e pelo Estatuto do Idoso, quando se trata deste público.

Após o levantamento dos dados legais e do reiterado crescimento no número de idosos, fica evidente a indispensabilidade de Políticas Públicas que atendem e beneficiem essa demanda emergente. Neste aspecto e como consequência dos marcos aludidos, destaca-se a Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa, através da Portaria nº 2.528 de 19 de outubro de 2006, que, em consonância com a OMS, assume o papel de viabilizar o envelhecimento saudável, como processo de desenvolvimento e manutenção da *capacidade funcional*² que permite o bem-estar em idade avançada.

Em seu texto, a Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa (Brasil, 2006, p. 3-4) disserta que:

As políticas públicas de saúde, objetivando assegurar atenção a toda população, têm dado visibilidade a um segmento populacional até então pouco notado pela saúde pública - os idosos e as idosas com alto grau de dependência funcional -. É possível a criação de ambientes físicos, sociais e atitudinais que possibilitem melhorar a saúde das pessoas com incapacidades tendo como uma das metas ampliar a participação social dessas pessoas na sociedade (Lollar e Crews, 2002). Por isso mesmo, é imprescindível oferecer cuidados sistematizados e adequados a partir dos recursos físicos, financeiros e humanos de que se dispõe hoje.

² OMS define *capacidade funcional*, no Relatório Mundial de Envelhecimento e Saúde (2015), como atributos relacionados à saúde que permitem que as pessoas sejam e façam o que lhes é importante. Ela é composta pela capacidade intrínseca (capacidade física e mental) da pessoa, as características do entorno que afetam esta capacidade e as interações entre a pessoa e este entorno.

[...]

A heterogeneidade do grupo de idosos, seja em termos etários, de local de moradia ou socioeconômicos, acarreta demandas diferenciadas, o que tem rebatimento na formulação de políticas públicas para o segmento (Camarano et al, 2004).

[...]

Incapacidade funcional e limitações físicas, cognitivas e sensoriais não são consequências inevitáveis do envelhecimento. A prevalência da incapacidade aumenta com a idade, mas a idade sozinha não prediz incapacidade (Lollar e Crews, 2002). Mulheres, minorias e pessoas de baixo poder socioeconômico são particularmente vulneráveis (Freedman, Martin e Schoeni, 2002). [...].

Fica evidente no texto supracitado, que o processo de envelhecimento, por si só, não denota incapacidades físicas e cognitivas, quer dizer, é possível viver uma terceira idade saudável e ativa a partir de cuidados adequados. Por isso a relevância de políticas públicas para esse segmento populacional, em especial para aquela fração que se encontra em vulnerabilidade social.

No Estado na Bahia, foi sancionada a Lei nº 12.925 de 17 de dezembro de 2013, que instituiu Política Estadual da Pessoa Idosa, regida pelos seguintes princípios (BAHIA, 2013, p. 1-2):

Art. 4º. A Política Estadual da Pessoa Idosa reger-se-á pelos seguintes princípios:

I - a família, a sociedade e o Estado têm o dever de assegurar à pessoa idosa todos os direitos inerentes à cidadania, garantindo sua participação na comunidade, defendendo sua dignidade, bem-estar e a efetividade do direito à vida, à saúde, à moradia, à alimentação, à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à liberdade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária;

II - o processo de envelhecimento diz respeito à sociedade em geral, devendo ser objeto de conhecimento e informação para todos;

III - à pessoa idosa deve ser assegurado tratamento adequado e livre de discriminações de qualquer natureza;

IV - a pessoa idosa será a principal agente e destinatária das transformações que venham a ser promovidas por esta Política;

V - o Poder Público e a sociedade em geral tem o dever de observar, na aplicação desta Lei, as diferenças econômicas, sociais, étnico-raciais, regionais, culturais e, particularmente, as contradições entre o meio urbano e rural.

No âmbito municipal, trazendo à tona a realidade de Feira de Santana-Ba enquanto cidade sede do *lócus* de pesquisa deste trabalho, foi fundado, na década de 90, o Conselho Municipal do Idoso, instituído pela Lei nº 1.700, de 10 de setembro de 1993. Esse órgão foi alterado pela Lei nº 3.647 de 08 de dezembro de 2016, passando a ser chamado de Conselho Municipal de Direitos da Pessoa Idosa – CMDPI e apresentando novas atribuições. O Conselho tem por finalidade assegurar à pessoa

idosa a liberdade, o respeito e a dignidade, como pessoa humana e sujeito de direitos sociais, civis, políticos, individuais e coletivos, criando condições para promover sua integração e participação efetiva na sociedade, em consonância com o disposto no Estatuto do Idoso, na Política Nacional do Idoso e na Política Estadual da Pessoa Idosa (FEIRA DE SANTANA, 2016).

Trazendo ainda os marcos legais e políticas públicas em Feira de Santana, foi instituída, recentemente, a Política Municipal da Pessoa Idosa, através da Lei nº 3.812, de 04 de abril de 2018, que tem por objetivo garantir a efetivação dos direitos sociais da pessoa idosa no município de Feira de Santana. Essa política traz os seguintes princípios (FEIRA DE SANTANA, 2018, p. 1-2):

Art. 4º. A Política Municipal de atenção à Pessoa Idosa reger-se-á pelos Seguintes princípios:

I - a família, a sociedade e o Município têm a responsabilidade de assegurar à pessoa idosa todos os direitos inerentes à cidadania, garantindo sua participação na comunidade, defendendo sua dignidade, bem-estar e a efetividade do direito à vida, à saúde, à moradia, à alimentação, à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à liberdade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária;

II - o processo de envelhecimento diz respeito à Sociedade em geral, devendo ser objeto de conhecimento e informação para todos, com o incentivo e o desenvolvimento de Programas Educacionais;

III - a pessoa idosa não deve sofrer discriminação de qualquer natureza, tendo assegurada a sua participação em todos os segmentos da Sociedade;

IV - a pessoa idosa deve ser o principal agente e o destinatário das transformações a serem efetivadas através desta Política;

V - o Poder Público e a sociedade em geral tem o dever de observar, na aplicação desta Lei, as diferenças econômicas, sociais, étnico-raciais, regionais, culturais e, particularmente, as contradições entre o meio urbano e rural.

Nota-se que os textos da Política Estadual da Pessoa Idosa e a Política Municipal da Pessoa Idosa são idênticos e estão em total afinação com as principais políticas nacionais voltadas para terceira idade, buscando promover a autonomia, integração e participação efetiva da pessoa idosa na família e sociedade.

Outrossim, muitas entidades da sociedade civil também se organizam a favor da terceira idade, destacando-se: a Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia – SBGG, o Serviço Social do Comércio – SESC, a Confederação Brasileira de Aposentados e Pensionistas – COBAP, a Associação Nacional de Gerontologia – ANG e a Pastoral da Terceira Idade da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (PONTAROLO; OLIVEIRA, 2008). Aqui, é importante atentar-se em relação ao Estado

que, em muitas situações, transfere, através de “parcerias” e “incentivos”, a responsabilidade, do âmbito político, para as associações. Fato esse que reforça a relevância da criação de um campo de embates políticos que envolvam a sociedade civil, a fim de se reduzir o impacto dessas transferências de responsabilidade pelo Estado (PONTAROLO; OLIVEIRA, 2008). Ademais, precisa-se também ter em mente que as políticas públicas para idosos não devem ter cunho assistencialista, muito pelo contrário, devem ser preventivas, educativas e inclusivas, promovendo bem estar e melhorando a qualidade de vida.

Em paralelo aos marcos legais, às políticas públicas e às ações de entidades da sociedade civil, surgem também diversos programas sociais institucionais com vistas à promoção da qualidade de vida na velhice, a exemplo do que figura como eixo central desta pesquisa: a UATI. As UATI's, de um modo geral, configuram-se como políticas institucionais extensionistas.

De acordo com a Política Nacional de Extensão Universitária (Brasil, 2012), a Extensão Universitária pode ser definida como um processo acadêmico efetivado em função das exigências da realidade, indispensável na formação do estudante, na qualificação do professor e no intercâmbio com a sociedade, além de ser parte integrante na solução dos grandes problemas sociais do país. O plano ainda afirma que a Extensão deve criar condições para a participação da Universidade na elaboração das políticas públicas voltadas para a maioria da população, bem como para que ela se constitua como organismo legítimo para acompanhar e avaliar a implantação das mesmas. Diante disso e da transformação etária que acomete o Brasil e o mundo, as instituições de ensino superior passam a se interessar em implantar programas voltados à terceira idade.

3 A UNIVERSIDADE ABERTA À TERCEIRA IDADE: UMA PROPOSTA SOCIOEDUCATIVA DE INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR PARA OS IDOSOS

A UATI surge como um dos indicadores do aumento da população idosa, evento que ganhou larga visibilidade nas últimas décadas. Desde o princípio, a UATI desenvolve atividades educativas, culturais, de lazer e de desporto para os idosos, utilizando tanto a estrutura física quanto a intelectual das universidades. Além disso, o meio acadêmico promove pesquisas concernentes ao processo de envelhecimento para a formação de profissionais na área, utilizando conhecimentos e instrumentos metodológicos específicos para esse segmento.

3.1 HISTÓRICO DA UNIVERSIDADE ABERTA À TERCEIRA IDADE

Em consonância ao que foi exposto até aqui, fica pacificado que a educação é um processo contínuo, que possibilita o desenvolvimento do indivíduo em todas as idades. Para tanto, as instituições sociais e as agências educacionais, além das escolas, surgem como agentes propulsores desse movimento. Apesar disso, é oportuno lembrar que iniciativas ligadas à educação de idosos emergem a partir do momento em que o envelhecimento populacional se avoluma, ganhando corpo e status de fenômeno mundial, afetando não apenas a estrutura familiar do idoso, mas também a economia, o sistema previdenciário e a política, demandando resposta social em relação aos direitos e necessidades desse grupo etário. É nesse contexto que aparecem as primeiras iniciativas de proporcionar educação aos mais velhos (CACHIONI, 2002).

Antes do surgimento das Universidades Abertas à Terceira Idade nos moldes atuais, existiram alguns movimentos, sobretudo nos Estados Unidos e Europa, que antecederam e influenciaram a estruturação e idealização de tais programas. No Quadro 1, tem-se uma exposição das principais ações que precederam as UATI's:

Quadro 1 - Principais movimentos que antecederam as UATI's

NOME DO MOVIMENTO	PERÍODO	LOCAL	OBJETIVO
Junto	Século XVIII, por volta de 1720	Estados Unidos	Grupo formado por adultos e idosos que durante trinta anos se encontrou semanalmente para discutir situações relacionadas à sociedade e à comunidade.
Lyceum	Século XIX	Estados Unidos	Programa educacional para adultos e para idosos, tendo como objetivo principal transmitir conhecimentos aos habitantes de pequenos municípios rurais.
Chautauqua	Século XIX	Estados Unidos	Responsável por desenvolver atividades musicais e teatrais, conferências, discussões e estudos para membros de diversas Igrejas, que conseguiu atingir um grande número de pessoas aposentadas pelo fato do programa ocorrer durante o verão.
Cursos de Preparação para a Aposentadoria	Século XX, na década de 1950	Estados Unidos	Realizados após a Segunda Guerra Mundial pela Universidade de Chicago e a Universidade de Michigan que passaram a investir, por meio de uma parceria com empresas dessas regiões, em cursos de preparação para a aposentadoria.
Programas de Treinamento para o Trabalhador Idoso	Século XX, nas décadas de 1970 e 1980.	Estados Unidos	Realizados nas diversas regiões norte-americanas, através de conferências e publicações na área da gerontologia. A partir de então, os efeitos dos movimentos internacionais para promover a educação permanente começaram a ser sentidos pelas instituições educacionais.
Universidade do Tempo Livre	Século XX, na década de 1960	Europa	Surgiu na França, país com tradição em educação de adultos, como um programa pioneiro cujos objetivos eram ocupar a vida das pessoas que gozavam da aposentadoria e favorecer as relações sociais entre elas. A proposta não era de educação permanente, e, sim, uma promoção de atividades ocupacionais e lúdicas.

Fonte: Quadro organizado a partir dos estudos de Arruda (2007, p. 104-105).

Para Cachioni (2002), a Universidade do Tempo Livre foi a precursora das Universidades da Terceira Idade que viriam a despontar em 1973, na Universidade de Ciências Sociais de Toulouse, através do professor de direito internacional Pierre Vellas.

Sobre Pierre Vellas, Cachioni (2002, p. 31) informa:

O relato histórico e autobiográfico de Pierre Vellas, sugestivamente denominado *Le Troisième Souffle*, veicula interessantes informações para quem deseja compreender a trajetória do empreendimento que nos anos subsequentes viria a ganhar mundo. Atuando a partir de uma preocupação de cunho social e humanista, o autor recorreu à pesquisa sobre o conteúdo e a orientação de programas de estudo sobre velhice de universidades europeias e americanas, de trabalhos de organizações internacionais e das políticas para a velhice praticadas pelos países industrializados da Europa e da América do Norte. Levantou as atividades de organizações não-governamentais, entre elas o Centro Internacional de Gerontologia Social, e leu tudo o que foi possível da literatura disponível sobre velhice. Passou depois à parte prática, visitando hospícios, alojamentos e pensões de aposentados. Confirmadas suas suspeitas, de que as oportunidades oferecidas aos idosos eram quase inexistentes, fez a proposição de que a universidade deveria abrir-se a todos os idosos, indistintamente, para oferecer-lhes programas intelectuais, artísticos, de lazer e de atividade física a idosos.

Nascia ali uma proposta inédita e inovadora, onde a universidade estava aberta a todos os idosos, a despeito de nível de renda ou educação, viabilizando benefícios reais para a saúde e o bem-estar da terceira idade. Inicialmente, em maio de 1973, o programa atendia 40 pessoas, tendo um modesto impacto social. Contudo, em virtude dos apelos da mídia, seis meses depois, o programa contabilizava mais de mil idosos inscritos. Ainda assim, durante muito tempo, Vellas continuou lutando sozinho pelo reconhecimento da sua produção pela comunidade acadêmica (CACHIONI, 2002).

Tornou-se imperativo para Vellas, como principais objetivos da Universidade da Terceira Idade, desvencilhar os idosos do isolamento, proporcionando vitalidade e interesse em modificar sua imagem perante a sociedade. Para isso, o professor embasou grande parte de suas técnicas e estratégias nas histórias pessoais dos estudantes, tendo concluído, através dessa observação e em parceria com gerontólogos, que muitos dos problemas decorrentes do processo de envelhecimento, incluído questões patológicas, eram oriundos da exclusão social (CACHIONI, 2002).

Inicialmente, a Universidade da Terceira Idade oferecia atividades episódicas. Apenas em 1974, o programa tornou-se regular, oferecendo cursos que duravam o ano inteiro. Em contínua expansão, as Universidades da Terceira Idade passaram a ser centros de referência de pesquisas gerontológicas, e assim, o programa entrou na sua segunda geração. A terceira geração veio da década de 80 e se caracterizou pela concepção de um programa educacional mais amplo, que atendia a um grupo de idosos cada vez mais escolarizado e exigente, baseado em três eixos: participação, autonomia e integração (CACHIONI, 2002).

Daí em diante, a expansão das Universidades da Terceira Idade ganhou fôlego, como discorre Cachioni (2002, p. 33-34):

Em 1975, o programa Universidade da Terceira Idade havia se expandido não só pelas universidades francesas, como também por universidades da Bélgica, Suíça, Polônia, Itália, Espanha, Canadá e Estados Unidos[...]. Nesse mesmo ano foi fundada a *Association Internationale des Universités du Troisième Âge – AIUTA* – que, segundo seus estatutos, agrupa instituições universitárias que, em qualquer parte do mundo, contribuam para a melhoria das condições de vida dos idosos, para a formação, a pesquisa e o serviço à comunidade (Swindell e Thompson, 1995). Em 1981, havia mais de 170 instituições associadas a ela e em 1999 contava com mais de 5 mil instituições catalogadas. No início da década de 80 o programa Universidade da Terceira Idade chegou à América Latina através das Universidades Abertas – UNI3 Uruguai –, com sede no Instituto de Estudos Superiores de Montevideú, com base nos princípios da UNI3 de Genebra [...]. As UNI3 estenderam-se primeiro pelo Uruguai e depois por outros países da América do Sul, como o Paraguai, a Argentina, o Chile, o Panamá, a Venezuela, o México e o Brasil (PALMA, 2000).

Contudo, com o passar do tempo e sob influência do movimento expansionista, caracterizou-se um desdobramento do modelo de Vellas, gerando dois outros distintos: o Modelo Francês e o Modelo Inglês.

Segundo Pacheco (2003), o modelo Francês é embasado no sistema tradicional universitário daquele país e prioriza o segmento mais velho da população, apesar de não ignorar as outras faixas etárias interessadas no processo de envelhecimento ou à procura de oportunidades de educação permanente. São oferecidos cursos diversificados, com metodologias e conteúdos próprios, alicerçados na educação continuada (PACHECO, 2003). De maneira geral, este modelo inclui aulas e cursos abertos (de matrizes curriculares diferenciadas, no âmbito da universidade), além de grupos de estudo, excursões e programas de saúde e os conteúdos oferecidos são principalmente das áreas de humanas e artes (SWINDELL; THOMPSON, 1995, apud CACHIONI, 2002).

O modelo inglês surgiu em 1981, em Cambridge, apoiado no ideal da autoajuda, criando um espaço de troca, dentro das universidades, entre os mais jovens e os mais velhos. Essa experiência criaria oportunidades aos participantes para manutenção da sua competência e do sentimento de autovalorização de forma mais prolongada e constante (PACHECO, 2003). Nesse modelo, os participantes do programa podem atuar tanto como professores quanto como alunos, com possibilidades de se engajarem em pesquisas. Baseia-se na percepção de que a experiência de vida concede aos idosos uma gama de conhecimentos que deve ser compartilhada. Alguns benefícios desse modelo são apontados, como: ampla oferta e

nenhuma restrição acadêmica para o ingresso; o baixo custo para seus participantes, ao contrário do modelo francês que apresentava altos custos para a sua clientela; o acesso facilitado pelo fato de as atividades serem oferecidas em bibliotecas, centros comunitários, escolas, domicílios; horários, currículos e métodos bem flexíveis (SWINDELL; THOMPSON, 1995, apud CACHIONI, 2002).

Tratando-se do alcance da cada modelo, Cachioni (2002, p. 35-36) aponta que,

Com o tempo, ocorreu miscigenação entre as duas propostas, que se adaptaram a diferentes contextos nacionais e institucionais. Hoje, o modelo francês predomina na Espanha, na Alemanha, na Suíça, na França, na Bélgica, na Polônia, em Portugal, no Japão, na Suécia, na Finlândia, na Argentina e no Brasil. O modelo inglês predomina na Grã-Bretanha, na Austrália, na Nova Zelândia e na República Tcheca. Mistura ou coexistência dos modelos francês e inglês existe principalmente nos Estados Unidos, no Canadá, na Holanda, na Itália e na China.

Com toda essa miscigenação, são muitos os nomes dados aos programas de Universidade da Terceira Idade nos diversos locais. No Brasil, as principais denominações são: Universidade da Terceira Idade, Universidade Aberta à Terceira Idade; Universidade para a Terceira Idade; Universidade com a Terceira Idade; Universidade na Idade Adulta; Universidade Alternativa; Universidade sem Limites, Universidade sem Fronteiras; Programa da Terceira Idade; Faculdade da Terceira Idade; Faculdade de Atualização Permanente; Núcleo de Estudos e Pesquisa ou Núcleo Integrado de Apoio à Terceira Idade; Centro Regional de Estudos e Atividades da Terceira Idade; Centro de Extensão em Atenção à Terceira Idade; Programa de Participação Permanente; Projeto Sênior; Atividade Física para a Terceira Idade; Curso de Extensão para a Terceira Idade; Grupo de Convivência ou Grupo de Trabalho da Terceira Idade; Encontros para a Terceira Idade; Educação Continuada e Terceira Idade; Universidade Aberta à Maturidade (CACHIONI, 2002).

É importante tencionar essas diversas nomenclaturas quanto aos possíveis direcionamentos ideológicos subjacentes as expressões “da”, “aberta à”, “para a”, “com a”, “na”, “de apoio”, “em atenção”, “e”, pois tais termos explicitam a intencionalidade da criação da política institucional.

Entretanto, independente do modelo ou da nomenclatura, as UATI's³ retomam os objetivos idealizados por Vellas lá no passado: a autonomia, o bem-estar e a saúde,

³ Neste trabalho a nomenclatura adotada foi Universidade Aberta à Terceira Idade.

a inclusão social, a educação permanente, o lazer, a cultura, a resignificação da velhice, ou seja, uma melhor qualidade de vida para o idoso.

3.2 HISTÓRICO DAS UNIVERSIDADES ABERTAS À TERCEIRA IDADE NO BRASIL

As UATI's – dimanam no Brasil não apenas como atividades de ensino, pesquisa e extensão, mas também acompanhando o notório processo de envelhecimento no país e as recomendações internacionais acerca desse fenômeno (SCORTEGAGNA, 2016).

Cachioni (2002), uma das principais e mais citadas pesquisadoras sobre o tema, faz uma minuciosa linha do tempo sobre o surgimento e desenvolvimento das UATI's no Brasil, desde os movimentos antecessores, até os modelos mais utilizados pelos programas aqui implantados. A autora relata o pioneirismo do SESC – no trabalho educacional com os idosos, sob influência francesa. No SESC, os primeiros Grupos de Convivência do gênero nasceram em 1960 e, na década seguinte, surgem as primeiras Escolas Abertas para a Terceira Idade.

Em 1982, foi fundado o Núcleo de Estudos da Terceira Idade – NETI – na Universidade Federal de Santa Catarina, figurando como a primeira iniciativa dessa natureza no meio universitário. O núcleo centrava-se na promoção de pesquisas, estudos e divulgação de conhecimentos gerontológicos, além de formar recursos humanos especializados no tema e promover o cidadão idoso (GUEDES; VAHL, 1992, apud CACHIONI, 2002).

Em 1984, foi organizado o Projeto Grupos de Atividades Físicas para a Terceira Idade – GAFTI, pelo Centro de Educação Física da Universidade de Santa Maria-RS, que deu origem ao Núcleo Integrado de Estudos e Apoio à Terceira Idade – NIEATI, em 1994. No final da década de 80, despontam a Universidade Sem Fronteiras, na Universidade Estadual do Ceará, e o Núcleo de Assistência ao Idoso – NAI, na Universidade Estadual do Rio de Janeiro, que posteriormente deu origem à Universidade Aberta à Terceira Idade – UnATI (CACHIONI, 2002).

Em 1990, ano que deu início ao píncaro da implementação dos programas para a terceira idade nas universidades, foi organizado o Centro de Extensão em Atenção

à Terceira Idade – CETRES, pela Universidade Católica de Pelotas (CACHIONI, 2002). Neste mesmo ano, surge, em parceria com o SESC, a Universidade da Terceira Idade da PUC/Campinas, a primeira a ser divulgada na mídia em caráter nacional (LIMA, 1999).

Nesse sentido, Cachioni (2002, p. 38) expende:

Foi na década de 90 que a extensão universitária voltada para a terceira idade conheceu seu apogeu com a multiplicação dos programas voltados para adultos maduros e idosos nas universidades brasileiras. Com denominações, formas de organização diversas, porém com propósitos comuns, como o de rever os estereótipos e preconceitos com relação à velhice; promover a auto-estima e o resgate da cidadania; incentivar a autonomia, a integração social e a auto-expressão, e promover uma velhice bem-sucedida em indivíduos e grupos, essas instituições hoje se espalham por todo o país. Essa expansão ocorreu a partir da criação da Universidade da Terceira Idade da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, em agosto de 1990. Segundo Martins de Sá (2000), entre 1990 e 1999 esses programas cresceram de seis para cerca de 140, localizaram-se em 18 estados brasileiros, mas principalmente em São Paulo, Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Paraná, Santa Catarina, Rio de Janeiro e Bahia. As instituições do ensino superior particulares são as que mais têm investido nessa área, seguidas das estaduais e das federais.

Analisando os estudos e pesquisa sobre as UATI's no Brasil, o que se observa de maneira contundente é que esses programas apareceram nas instituições de ensino superior de uma maneira mais orgânica, no intuito de atender a uma demanda social ascendente, além de incrementar a imagem social institucional e, no caso das instituições privadas, aumentar o fluxo de caixa. Isso quer dizer que, na maioria dos casos, os programas não foram implantados e/ou coordenados por gerontólogos, mas por pessoas interessadas no tema e que muitas vezes lutam por espaço, recursos e reconhecimento para que as UATI's possam manter-se e cumprir seu papel.

3.3 FUNDAMENTOS DA UNIVERSIDADE ABERTA À TERCEIRA IDADE

As UATI's apoiam-se, de modo geral, em dois fundamentos: na educação permanente baseada nos conceitos e descobertas da ciência cognitiva; e na Gerontologia Educacional, conforme análise que segue.

3.3.1 A Ciência Cognitiva, Educação e a Terceira Idade

A ciência cognitiva surge na década de 40, nos Estados Unidos, através de um experimento feito com um grupo de pessoas de diversas áreas do meio acadêmico e profissional – engenheiros, antropólogos, cientistas sociais, matemáticos, filósofos, psicólogos, entre outros, garantindo assim, a interdisciplinaridade da matéria. Atualmente, a ciência cognitiva converge para cinco disciplinas: inteligência artificial, linguística, neurociência, filosofia e psicologia cognitiva (LIMA, 2001).

De acordo com Lima (2001), a atual abordagem dessa ciência tem o processo cognitivo como uma construção de mundo, ou seja, resulta da interação do ser vivo com o seu mundo e suas experiências, não sendo excluído desse processo os sentimentos, as emoções, a dimensão histórica e o contexto em que ocorrem os fenômenos. Com as descobertas feitas pela ciência cognitiva e as tecnologias dela derivadas, houve uma verdadeira revolução científica em torno da plasticidade cerebral, sobretudo no que diz respeito ao processo de envelhecimento. Numa pesquisa realizada na Alemanha, Ramscar et. al. (2014) afirmam que o cérebro humano trabalha mais devagar na idade avançada porque armazena mais informações adquiridas ao longo do tempo, quer dizer, o cérebro não perde sua capacidade cognitiva devido ao processo de envelhecimento, apenas leva mais tempo para processar toda a informação armazenada.

Muitos mitos circundavam o funcionamento cerebral, dada a dificuldade de se estudar o órgão num indivíduo vivo. Esse fato foi superado com o advento dos exames, altamente sofisticados e detalhados, que possibilitaram a geração de imagens nítidas da anatomia e metabolismo cerebral, capazes de monitorar o funcionamento de um cérebro humano em atividade. Essas novas informações promoveram reformulações em diferentes áreas de estudos – científicos, médicos, educacionais, engendrando transformações relevantes na compreensão da natureza humana guiada pelo cérebro (LIMA, 2001).

Lima (2001, p. 18-20) diz que:

As descobertas da nova biologia do cérebro provaram a sua natureza mutante: as células cerebrais continuam produzindo novos dendritos e receptores, geram novas sinapses, ou junções para comunicação, e alteram a essência de neurotransmissores que estimulam a atividade cerebral. Até o cérebro adulto pode gerar células inteiramente novas. [...] Acreditava-se que os cérebros mais velhos perdiam a capacidade de crescer, tornando-se fixos e estáticos após a puberdade. Os cientistas acreditavam que, ao chegar à velhice, 40% das células do cérebro poderiam ser destruídas pelo envelhecimento normal e que essa perda resultaria na diminuição da capacidade cerebral. [...] Agora sabe-se que as células do cérebro podem

gerar...novas redes de comunicação em qualquer idade; embora todas as pessoas nasçam com um número fixo de células cerebrais, esse número inato não define a capacidade mental, o que conta é a proliferação das conexões ao longo da vida. [...] na ausência de doença, o envelhecimento, em si, não leva ao declínio e à perda das atividades cognitivas e intelectuais. É inegável que o cérebro normal, durante o processo de envelhecimento, encolhe ligeiramente; a velocidade de processamento de novas informações e de recuperação das informações armazenadas diminui e a memória a curto prazo torna-se menos afiada. [...] Mas a precisão da memória e a fluência verbal não diminuem com a idade. Com tempo suficiente, o cérebro velho saudável, em geral, recupera informações tão bem quanto os cérebros jovens, apesar de não ser tão rápido.

A partir dessa nova visão acerca da plasticidade cerebral, a autora infere que o modo como usamos o cérebro pode alterar a sua própria forma, isto é, a estimulação física e intelectual pode causar mudanças em sua estrutura. Logo, fatores ambientais, alimentação, educação e estilo de vida têm grande ingerência sobre o funcionamento mental.

Tem-se, portanto, um fator chave para o desenvolvimento do tema aqui proposto: diante desse quadro sobre a plasticidade cerebral, novos caminhos surgem em prol de uma velhice mais saudável e inclusiva. E, nesse cenário, vislumbra-se, sobretudo, a educação permanente.

Para Netto (2001, p. 51), a educação permanente é:

[...] um processo duplo de aperfeiçoamento integral e sem solução de continuidade dos seres humanos, desde o seu nascimento até o fim de seus dias e se traduz tanto pela experiência individual quanto social, de aprofundamento de conhecimentos, sejam informais [...] ou formais.

Isto é, o conceito de educação permanente está pautado tanto nas atividades sociais, culturais e políticas de cunho individual quanto coletivas, dando ênfase à ideia de que na maturidade as pessoas carregam a capacidade de se superarem, de renovarem a sociedade e também a si próprias (NETTO, 2001).

Citando Todaro (2008, p. 66-67), tem-se:

[...] a educação permanente encontra sua expressão mais clara no envolvimento dos idosos com iniciativas educacionais voltadas para a ampliação de informações (por exemplo: leitura e escrita, línguas estrangeiras, informática, saúde), a atualização e o aprimoramento cultural (por exemplo: turismo, artes, filosofia e psicologia), a valorização social (por exemplo: programas de convivência com as gerações mais jovens em que idosos são convidados a oferecer seus conhecimentos especializados), o convívio com os iguais e os investimentos no desenvolvimento da cidadania.

Ainda nessa conceituação, Neri e Cachioni (1999) declaram que a base para a educação permanente está na interdisciplinaridade, centrada na busca de novas

formas e locais de aprendizagem, adequando-se a conteúdos, métodos e objetivos que dialoguem com as necessidades dos idosos.

Um dos princípios elementares da educação permanente está baseado na não exigência de pré-requisitos formais e, até mesmo, na inexistência de provas e/ou exames, e sim na busca espontânea da ampliação do horizonte cultural, numa melhor compreensão de mundo, com vistas a uma melhor qualidade de vida (NETTO, 2001).

Assim, através da educação o idoso volta a desenvolver e ampliar suas habilidades, elaborar novos objetivos e traçar estratégias para alcançá-los, ou seja, pensar na possibilidade de educação para idosos é pensar em instrumentos para uma velhice saudável, ativa e participativa. Para além, a educação representa ainda o caminho que vai permitir o exercício e a conquista do conjunto dos direitos e deveres da cidadania, que se ampliam a cada dia em contrapartida às necessidades do homem e da dignidade humana, em qualquer faixa etária (OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2008). Para Freire (2005), a educação cumprirá seu caráter político e social, a partir da criação de espaços de problematizações da realidade com possibilidades dialéticas, com vistas à educação consciente, voltada para a transformação da realidade.

O retorno aos estudos na terceira idade não tem como objetivo atulhar o indivíduo de informação, mas sim de reformular o pensamento do idoso para a velhice, com senso crítico, sem submissão e mantendo a compreensão de que a educação está vinculada aos fenômenos sociais, históricos, culturais e ideológicos, estimulando a percepção das interconexões implícitas nesses fenômenos. Além disso, alguns estudos afirmam a existência de uma predisposição para a aprendizagem, tal qual ocorre no período infantil (LIMA, 2001; VALENTE, 2001).

Como testifica Cuenca (2011), os idosos denotam singularidades por conta do momento evolutivo em que se encontram e, desta maneira, deve-se levar em consideração peculiaridades que podem condicionar o aprendizado, a exemplo de uma possível deterioração física, biológica e/ou funcional; efeitos psicossociais; diferenças funcionais no nível cognitivo. Esses aspectos não precisam determinar a aprendizagem dos idosos, eles apenas condicionam a forma e o conteúdo a ser aprendido, ou seja, esse conteúdo deve ser adaptado para as necessidades, interesses e expectativas do público alvo, motivando a vontade de aprender para além do desempenho acadêmico, buscando continuamente o desenvolvimento pessoal e a

socialização, promovendo uma melhoria na qualidade de vida com a elevação da autonomia e a manutenção da autoestima (CUENCA, 2011).

Assim, a educação figura como facilitadora da capacidade funcional do idoso em diversas esferas, estando atrelada, inclusive, à manutenção da saúde, no sentido de promover maior acesso a cuidados médicos, estimulando comportamento salutar e atividades cognitivas para a prevenção de doenças (VERAS, 2003).

Nessa lógica, Netto (2001, p. 52) observa que:

As Universidades Abertas passaram a significar para tais grupos uma oportunidade sem igual para reencontro ou redescoberta de seu potencial, de se perceberem como seres humanos que deviam e podiam se valorizar como cidadãos ativos e participantes, recuperando sua auto-estima, resgatando sua auto-imagem e mostrando aos seus familiares e à sociedade como um todo a capacidade de pensar e agir por si mesmos e, sobretudo, ir à luta pelos seus direitos e conquistas de novos objetivos e metas.

Imbuídas por esses conceitos e estudos, as UATI's erguem-se, protagonizando uma transformação pedagógica e cultural, traduzindo positivamente as necessidades da terceira idade.

3.3.2 A Gerontologia Educacional

A palavra gerontologia origina-se do grego: gero (velho) e logia (estudo, conhecimento) (PONTAROLO e OLIVEIRA, 2008). A gerontologia foi proposta por Élie Metchnikoff, em 1903, como uma nova ciência que estuda o processo de envelhecimento em suas mais diversas dimensões. Obteve maior notoriedade após a II Guerra Mundial, na América do Norte, através da criação da *Society of Gerontology* (SEQUEIRA, 2007).

No Brasil, a primeira sociedade de geriatria é fundada em 1961 e torna-se aberta também para gerontólogos a partir de 1978, passando a se chamar SBGG, contando hoje com cerca de 2700 associados⁴ médicos e não médicos. Já em 1982 surge uma outra associação do gênero, a Associação Nacional de Gerontologia, que congrega cerca de 700 profissionais não médicos. Vale ressaltar que, também a partir da década de 70, a terceira idade passou a receber um tratamento acadêmico

⁴ Dado disponível no site da SBGG, em 05 de setembro de 2018, <https://sbgg.org.br>.

propriamente dito, transformando-se em um tema de pesquisa e de estudos (DEBERT, 2012).

A Gerontologia, como ciência, possui caráter multidisciplinar à medida em que reúne conceitos teóricos provenientes de diferentes disciplinas, em torno de seu objeto de estudo, e interdisciplinar em função da complexidade do fenômeno da terceira idade, que exige não apenas a união de conhecimentos existentes em diversas disciplinas, mas também a construção de um novo corpo de conhecimento científico que orienta a sua prática. Deste modo, podemos dizer que a gerontologia é uma disciplina transversal, porque ela não pode ser explicada sob a ótica de um ramo específico de ciência (PAVARINI, 2005).

Os avanços dos estudos da gerontologia, associado ao aumento da população acima de 60 anos, demonstram como as questões da velhice passaram a despertar o interesse da sociedade científica, das universidades, das entidades da sociedade civil e dos meios de comunicação, além de emergir com agudeza e frequência nos discursos políticos, evidenciando uma preocupação universal em torno da senectude.

Além disso, nota-se que o conceito de gerontologia é deveras confundido com a definição de geriatria, mas fica evidente a distinção entre ambos na formulação de Carvalho (1984, p. 31):

A geriatria é o ramo da medicina que se ocupa dos idosos saudáveis ou enfermos, que necessitam de cuidados preventivos de atenção clínica e terapêutica, de reabilitação e de apoio social. [...] A gerontologia estuda o idoso do ponto de vista científico, em todos os seus aspectos, físicos, biológicos, psíquicos e sociais, sendo responsável pelo atendimento global do paciente. Assim, a geriatria, que se ocupa do aspecto médico do idoso, pode ser considerada como parte da gerontologia.

Debert (2012, p. 198-202) ressalta que a criação desse campo científico não se faz sem um conjunto de disputas, levando em consideração quatro questões recorrentes no discurso dos gerontólogos brasileiros:

- a) A “crônica da crise anunciada”, que prevê uma catástrofe em consequência do envelhecimento populacional que coloca em risco a reprodução da vida social e legitima a preocupação teórico-acadêmica com a velhice;
- b) A crítica ao capitalismo, onde o idoso não produtivo é desvalorizado, senão abandonado, pelo Estado e pela sociedade;

- c) A crítica à cultura brasileira, que valoriza o jovem, preocupada em incorporar as últimas novidades, sem olhar para suas próprias tradições;
- d) Nos países desenvolvidos, o declínio da família extensa colaborou para a criação do *welfare state*. No Brasil, o Estado foi incapaz de resolver problemas básicos da maioria da população, deixando os idosos em situação de profunda vulnerabilidade.

Portanto, observa-se que a gerontologia se dedica a conhecimentos mais holísticos que envolvem o envelhecimento, incluindo também aspectos sociais e econômicos. Esta ciência divide-se em três grandes ramificações: Gerontologia Biomédica, Geriatria e Gerontologia Social (RODRIGUES; RAUTH; TERRA, 2016).

Nesta pesquisa, o maior interesse situa-se na dimensão social da gerontologia. Paúl (2005, apud PEREIRA, 2016) relata que a Gerontologia Social, termo utilizado pela primeira vez em 1954, por Clark Tibbits, é a área da gerontologia que se ocupa do impacto das condições sociais e socioculturais sobre o processo de envelhecimento e das consequências desse processo. Ou seja, trata-se de ramo da gerontologia que abrange aspectos antropológicos, psicológicos, legais, sociais, ambientais, econômicos, éticos, espirituais e políticos no processo de envelhecimento humano (RODRIGUES; RAUTH; TERRA, 2016).

Afunilando um pouco mais e conduzindo a análise para o tema aqui proposto, notabiliza-se a dimensão educacional da Gerontologia Social: a Gerontologia Educacional.

A educação se constitui como um processo elementar nas diferentes sociedades, assumindo características próprias, ideais e objetivos segundo o espaço e o tempo, tal como as estruturas políticas e sociais. A educação deve desenvolver o sujeito como um todo, permitindo que este esteja integrado à sociedade, com uma participação ativa e consciente. Deste modo, a educação voltada para o segmento idoso deve revestir-se de uma ação consciente e que de fato atinja seus objetivos em relação a este grupo, o qual necessita de metodologias, materiais e enfoques específicos (SCORTEGAGNA, 2010).

Nesse sentido, observa Lima (2000, p. 15):

Assim, como a reforma de meu pensamento, gerada pelos estudos, possibilitou-me traçar novas metas de vida, acredito que a educação permanente também criará estas possibilidades para o idoso que voltar a

estudar, exercitar-se num processo de reflexão através de um currículo intencionado para que isto aconteça. Refletir sobre sua inserção no mundo, despertar e ampliar suas potencialidades, traçar novos caminhos, novos projetos, dando assim, um efetivo sentido à sua vida.

Destarte, surge a Gerontologia Educacional como um campo interdisciplinar que se desenvolve no âmbito da educação de idosos, da formação de recursos humanos para lidar com a velhice, e na mudança das perspectivas das sociedades em relação aos idosos e ao envelhecimento (CACHIONI, 2002). A referida disciplina desenha-se como um instrumento metodológico de orientação e viabilização no processo de intervenção social voltado à socialização dos idosos. Em vista disso, Romans et. al. (2003) salientam a importância da Gerontologia Educacional na aquisição de novas habilidades e aprendizagens, principalmente quando as pessoas idosas não estão adaptadas ao meio educativo convencional.

Cachioni (2002) estrutura a Gerontologia Educacional em três eixos: 1) Educação para idosos através de programas educacionais voltados a atender as necessidades da população desse público; 2) Educação para a população em geral sobre a velhice e aos idosos através de programas educacionais que possibilitam à população mais jovem repensar seus conceitos sobre a velhice e, aos idosos, repensar o seu próprio processo de envelhecimento; 3) Formação de recursos humanos para o trabalho com os idosos através de eventos de capacitação técnica de profissionais e da formação de pesquisadores.

Lima (2000) afirma que essa proposta pedagógica para os idosos deverá ser construída pela ação que dá significado às coisas, isto é, num primeiro momento esta ação realiza os desejos e atende às necessidades dos idosos e, num segundo momento, assimila os conhecimentos e atinge um novo patamar, ampliando sua visão de mundo.

A autora complementa dizendo que:

Os mecanismos da gerontologia educacional requerem uma pedagogia específica para garantir a reforma do pensamento: é necessário diferenciar o ensino, possibilitando que cada idoso aprendiz vivencie tão frequentemente quanto possível, situações fecundas de aprendizagens, para conseguir que eles tenham acesso a essa cultura e dela se apropriem, colocando-os diante de situações ótimas de aprendizagem; para que os idosos desenvolvam pensamentos não só para sobreviverem, mas, sobretudo, para conquistar, com autonomia, melhor qualidade de vida. (LIMA, 2000, p.143).

Sendo assim, confirma-se que a Gerontologia Educacional aventa uma metodologia de aprendizado específica para o idoso, trazendo a diversidade e a

interdisciplinaridade como elementos imanentes, perquirindo um processo de envelhecimento saudável, ativo e autônomo.

Numa crítica acerca dos preceitos lançados pela gerontologia, Haddad (2016) questiona a lógica capitalista sustentada pelas relações de dominação:

A realidade reificada da cultura dominante estendida [...] é consubstanciada na “ciência” produtora do saber sobre a velhice que, seduzida pelo culto ao cientificismo, produz um discurso fetichista sobre a velhice: suas representações misteriosas encobrem a origem da produção social da velhice trágica; encobrem a realidade vivida pelo homem durante toda a trajetória de sua vida. A problemática social da velhice, assim como formulada pelos teóricos, de forma autônoma, independentemente da realidade concreta que a produz, é uma falsa questão: expressão da ideologia dominante. (HADDAD, p. 108, 2016).

Ainda nesse debate, Lins (2013) abaliza que, diante da gerontologia educacional, é necessário manter o senso crítico para evitar a perpetuação de estruturas de dominação, tendo cautela no discurso e dando ênfase a uma educação transformadora, que ofereça ao idoso a possibilidade de participar e intervir nas tomadas de decisões referentes a sua vida dentro da sociedade, deixando de atuar como um sujeito passivo da ação de outros sobre si e suas necessidades.

Deslindando mais uma crítica à gerontologia, Debert (2012, p. 203-206) pontua que existe uma construção da imagem do velho brasileiro como vítima de sofrimento. Contudo, os resultados de novas pesquisas demonstram que:

- a) Os mais jovens tendiam a superestimar a realidade problemática dos mais velhos, ou seja, os idosos projetavam uma imagem muito mais positiva da sua situação do que aquela que serve de pressuposto para a gerontologia;
- b) O pressuposto bem sedimentado da gerontologia que diz que a aposentadoria leva a uma situação traumática que envolve a perda da autoidentidade, o que nem sempre é observado nas pesquisas.

Nota-se que algumas das principais conjecturas consolidadas pela gerontologia são contraditas por pesquisas, expondo a heterogeneidade do processo de envelhecimento, levando os gerontólogos à negação de algumas das suas premissas, e mostrando que nem sempre a imagem pessimista da terceira idade pode ser empregada, sobretudo nos dias atuais (DEBERT, 2012).

Diante da dialética sobre teorias gerontológicas, suas distorções e contradições, percebe-se que o posicionamento de Lins (2013) e as ponderações de

Debert (2012), menos radicais que as de Haddad (2016), refletem com mais clareza o que esta pesquisa pretende elucidar. É notória a influência da lógica de dominação sobre o processo de envelhecimento e sua heterogeneidade, assim como está evidenciada a dimensão estética e, por diversas vezes, contraditória das representações literárias sobre a velhice dentro da gerontologia. Contudo, diante da realidade capitalista posta e, por hora, incontornável, a gerontologia educacional, através de suas ferramentas, propicia uma experiência positiva aos idosos, contribuindo para proporcionar uma melhoria na vida desses indivíduos.

Assim, na perspectiva da gerontologia educacional, da educação permanente e diante da emergente necessidade de políticas públicas voltadas à terceira idade, enquadram-se os programas de UATI (NERI; CACHIONI, 1999).

3.4 A PROPOSTA DA UNIVERSIDADE ABERTA À TERCEIRA IDADE PARA A RESSIGNIFICAÇÃO DA CONCEPÇÃO DA TERCEIRA IDADE

Conforme têm sido apresentadas, as UATI's se constituem como uma nova opção de participação social e ressignificação do idoso, utilizando as possibilidades existentes nas universidades. A UATI é, portanto, uma ferramenta de educação para idosos que propõe uma melhora na qualidade de vida, estimula a apreensão de novos conhecimentos e habilidades, mantendo e requalificando a independência dos idosos, além de reinserir socialmente esses indivíduos.

Oliveira e Scortegagna (2016, p. 4) chamam a atenção para o fato de que,

Além de políticas públicas gerais para o idoso, existe um recorte que faz referência ao direito da educação e este, como qualquer outro direito, deve ser respeitado. No ordenamento jurídico, não existe uma política educacional para o idoso, mas políticas públicas que apresentam, no decorrer de seu texto, prescrições à educação. Não existe um modelo de educação para a terceira idade, nem diretrizes curriculares ou qualquer outra legislação que norteie a educação especificamente para esta faixa etária, entretanto conforme prescreve o Estatuto do Idoso, no que se refere à educação, o governo deve apoiar a criação das Universidades Abertas para a Terceira Idade (UATI).

De modo geral, as UATI's têm objetivo de integrar a pessoa idosa na comunidade acadêmica, conscientizando-a da importância de seu papel na sociedade, além de promover o incentivo ao conhecimento em alguma área de seu

interesse. Ademais, esse tipo de programa busca promover a educação continuada e o bem-estar físico e mental.

Oliveira e Oliveira (2008, p. 9) também enfatizam que:

A UATI fundamenta-se na concepção de educação permanente e auto realização do idoso. Estrutura-se com abordagem multidisciplinar, priorizando o processo de valorização humana e social da terceira idade, analisando constantemente a problemática do idoso nos diversos aspectos; biopsicológicos, filosóficos, político, espiritual, religioso, econômico e sociocultural. Preocupa-se em proporcionar ao idoso melhor qualidade de vida, tornando-o mais ativo, alegre, participativo e integrado à sociedade. Possibilita a aquisição de conhecimentos e informações em diferentes áreas apoiada na educação permanente.

Como coloca Valente (2001), atualmente a maioria das universidades oferecem programas educacionais para a terceira idade e, geralmente, essas instituições geram uma estrutura física e acadêmica em cursos e matrizes curriculares diferenciados. Nesse contexto, valoriza-se a experiência e a heterogeneidade, enfatizando o processo de aprendizado mais prazeroso e menos maçante.

Assim, podemos elencar os principais objetivos das UATI's, segundo os estudiosos do tema (MARTINS DE SÁ, 1998, apud NETTO, 2001; NETTO, 2001; CAHIONI, 2002):

- Possibilitar o reordenamento da vida cotidiana do cidadão idoso;
- Capacitar o idoso para lidar melhor com as suas emoções e situações conflituosas;
- Auxiliar na compreensão do processo de envelhecimento;
- Ressignificar o papel do idoso diante de si e da sociedade;
- Romper obstáculos para uma efetiva comunicação e interação;
- Favorecer o domínio do meio social, histórico, econômico, político, cultural e tecnológico, tendo em conta as novas circunstâncias da sociedade que os rodeia, pois os idosos necessitam conhecer e compreender um mundo em constante transformação;
- Desenvolver a capacidade de aprendizagem dos idosos, oferecendo recursos tecnológicos para que eles possam utilizar suas habilidades cognitivas;
- Satisfazer suas preocupações de ordem moral, estética e cultural;

- Proporcionar amplas oportunidades para a orientação de uma vida saudável, levando em consideração a saúde física e mental;
- Fomentar diversas atividades socioeducativas e culturais.

À luz dos objetivos dos programas educacionais voltados para a terceira idade, Netto (2001, p. 53) amplia a visão sobre seus resultados:

Relativamente à questão instrumental, os cursos das Universidades Abertas têm procurado lidar com os seus alunos não apenas como pessoas merecedoras de atenção específica, mas como gente capaz de contribuir para a melhoria não somente de sua própria condição, como para concorrer para a melhoria da comunidade onde vivem [...].

Portanto, as UATI's englobam um conjunto de objetivos a fim de reinserir o idoso na sociedade, combatendo os estereótipos e preconceitos, com ações voltadas a um processo de envelhecimento saudável e ativo, através de um trabalho que busca a interação e a comunicação constantes, promovendo, ainda, impactos sociais positivos no âmbito comunitário onde vivem os beneficiários diretos dos programas.

É valoroso ressaltar que esses programas democratizam a possibilidade de acesso à medida em que não exigem dos alunos a apresentação de diplomas nem a realização de exames ou provas. Trata-se, assim, de uma revolução pedagógica e cultural, pois possibilita a interação entre os conhecimentos adquiridos pelos alunos ao longo da vida de forma empírica, e os conhecimentos formais, artísticos e estéticos passados pelos professores (NETTO, 2001).

Contudo, para alcançar os objetivos propostos pelos programas educacionais para idosos, são fundamentais alguns pressupostos (CACHIONI, 2002, p. 28-29):

- O conceito de educação permanente prevê que a educação e a aprendizagem são contínuas e acumulativas, e não um conjunto pontual de eventos institucionais;
- A educação para idosos necessita de uma mudança da atitude social da própria clientela;
- A educação deve possibilitar não só a divulgação do conhecimento, como também o desenvolvimento comunitário da sociedade, com a participação dos próprios idosos;

- Os programas educacionais necessitam da criação, desenvolvimento e institucionalização de uma metodologia adaptada às características da clientela, considerando-se os aspectos cognitivos, afetivos e ambientais;
- A educação para adultos maduros e idosos deve pretender, no mínimo, incrementar os saberes e conhecimentos; incrementar os saberes práticos, o saber fazer, o aprender e seguir aprendendo e possibilitar o crescimento contínuo, as relações sociais e a participação social.

Com a efetivação desses pressupostos, acredita-se que os programas devam servir como um espaço educacional, cultural, político e de lazer, pelo qual os idosos possam vir a usufruir uma vida saudável, participativa e produtiva na sociedade em que estão inseridos (ARRUDA, 2007), transformando, por extensão, o próprio ambiente em que vivem.

Todavia, esses programas sofrem alguns tipos de críticas, dentre elas, destacam-se três questões. Na primeira, a educação permanente é colocada como um processo que depende do idoso, remetendo ao indivíduo a responsabilidade pela construção de uma velhice feliz, ou seja, “a felicidade na velhice dependerá da coragem que ele tiver para enfrentar o fantasma da velhice, desmascarando-o com a arma do conhecimento burguês” (HADDAD, 2016, p. 151). Para Haddad (2016), a educação coloca-se como uma necessidade elementar para que o idoso consiga viver numa sociedade que o ameaça, não por dominá-lo econômica e politicamente, mas por obrigá-lo a uma constante atualização em face às severas mudanças. Na segunda crítica, revela-se um possível caráter de segregação em relação aos programas educacionais para os idosos, isto é, com a criação de cursos específicos voltados para a terceira idade, existiria uma tendência à segregação e ao isolamento, aumentando ainda mais a distância entre os idosos e as outras faixas etárias. A terceira crítica aborda a falta de pré-requisitos para o acesso dos alunos, fato esse que faria das UATI's um programa de extensão um pouco mais elaborada do que outras organizações sociais voltadas para idosos, que acontecem fora do ambiente universitário, em que prevalecem atividades lúdicas e pouco aprofundadas, muitas vezes de cunho paternalista e protecionista (NETTO, 2001).

Apesar de possuírem argumentos plausíveis, as críticas não são fortes o suficiente para desconstruir os benefícios agregados aos programas educacionais em

tela. A educação permanente vai muito além de um instrumento de alienação e dominação, quer dizer, assim como na educação em qualquer fase da vida, se for conduzida com esse intuito, ela será perversa e vil, e esse não é objetivo das UATI's. Como coloca Lima (2001, p. 23):

[...] a educação fará a sua parte para que o novo paradigma de velhice vigore, valendo a pena viver mais anos. [...] Os novo conhecimentos serão vistos e usados com criticidade, sem domesticação e submissão do idoso, e sim com uma apropriação inteligente do mundo.

No que tange à segregação, trata-se apenas de uma segregação espacial e não social. Existem estudos que comprovam que a segregação dos idosos, num espaço heterogêneo e do ponto de vista da idade cronológica, permite o aumento do número de atividades desenvolvidas, a ampliação da rede de relações sociais e eleva a satisfação na velhice (DEBERT, 2012). De resto, é bem verdade que tanto nos cursos regulares quanto nos cursos para a terceira idade, os alunos tendem a estabelecer relações de convívio, dentro e fora da sala de aula, de acordo com interesses comuns, faixa etária ou outros motivos que geram proximidade e afinidade (NETTO, 2001).

Em relação à superficialidade do conteúdo acadêmico como consequência da não exigência de pré-requisitos para ingresso, a literatura e as pesquisas dão conta do contrário. No seu cabedal, a UATI traz como preceito a heterogeneidade da formação educacional baseada na interação entre a experiência do aluno e o ensino formal do professor, o que não significa simplificação ingênua e nem falta de profundidade (NETTO, 2001).

Nesse prisma, Lima (2001, p. 24 - 25) avigora:

Uma escola voltada aos idosos, como é o caso das universidades abertas à terceira idade, não tem a intenção de segregar os idosos, protegê-los, dificultar seu acesso e pertencimento a outros grupos etários. A finalidade da escola é ensinar os idosos a repensar o pensamento, uni-los por um período de tempo, para criar grupos permeados por um sentimento de identidade e gerar vínculos. Instalar procedimentos de socialização que ajudarão na dinâmica do grupo e no processo de produção, em que os idosos vivenciarão situações de aprendizagens fecundas para eles. Unidos, ganharão força, coragem para reagirem ao estigma de velhice – de perdas, isolamento, incapacidade –, para se encaminharem e viverem o novo paradigma de velhice – de ganhos, de lutas, de participação, de autonomia. E estarão fortalecidos para sua inserção na família e em outros grupos sociais.

Portanto, tem-se na UATI a idealização e realização de uma nova velhice, fundada basicamente na autonomia, na auto-realização, no fortalecimento da participação social, no resgate da cidadania, na interação, na comunicação e na saúde

física e mental. Assim, como observa Lima (2001), ao reformular-se, o idoso reformula o mundo.

4 OS CAMINHOS METODOLÓGICOS DA INVESTIGAÇÃO

O presente capítulo apresenta o trajeto metodológico percorrido para a realização desta pesquisa. São apresentados aqui o tipo de abordagem e a estratégia metodológica, os instrumentos de coleta e ferramenta de análise de dados, o contexto investigado e os participantes da pesquisa.

4.1 CARACTERÍSTICAS DA PESQUISA

Apoiando-se no conceito de que o método é um meio para auferir certo objetivo e que o desígnio da ciência é a busca do conhecimento, pode-se afirmar que o método científico é um conjunto de procedimentos adotados com o propósito de atingir o conhecimento (PRODANOV; FREITAS, 2013). Segundo Minayo (2004), a metodologia é o ponto central de todo processo de pesquisa científica, por meio dela os conteúdos, pensamentos do pesquisador são articulados de forma a estruturar a abordagem acerca do objeto de estudo.

Ainda nesse contexto, Demo (1985, p. 19) afirma:

Metodologia é uma preocupação instrumental. Trata das formas de se fazer ciência. Cuida dos procedimentos, das ferramentas, dos caminhos. A finalidade da ciência é tratar a realidade teórica e praticamente. Para atingirmos tal finalidade, colocam-se vários caminhos. Disto trata a metodologia. É um erro superestimar a metodologia, no sentido de cuidar mais dela do que de fazer ciência. O mais importante é chegarmos onde nos propomos chegar, ou seja, a fazer ciência. A pergunta pelos meios de como chegar lá é essencial também, mas é especificamente instrumental. Somente o metodólogo profissional faz dela sua razão de ser, principalmente o filósofo da teoria do conhecimento. Mas, para o cientista em geral, é apenas disciplina auxiliar.

Tendo em vista a resposta para o problema de pesquisa e os objetivos propostos por este estudo, a abordagem metodológica utilizada foi a quanti-qualitativa. Isto porque apenas a pesquisa quantitativa, com seu viés positivista, muito utilizado nas pesquisas em ciências naturais e exatas, não daria conta das perquisições apresentadas por este trabalho. De acordo com Minayo (2004), a abordagem quantitativa limita-se em explorar os fenômenos estabelecendo ligações de regularidade que possam ser evidenciadas entre eles, renuindo-se ao conhecimento das causas. A abordagem qualitativa, por sua vez, adota a interpretação dos

fenômenos sociais, utilizando-se da subjetividade para a compreensão da ação humana que não pode ser quantificada. Nesse sentido, Minayo e Sanches (1993, p. 244) afirmam:

É no campo da subjetividade e do simbolismo que se afirma a abordagem qualitativa. A compreensão das relações e atividades humanas com os significados que as animam é radicalmente diferente do agrupamento dos fenômenos sob conceitos e/ou categorias genéricas dadas pelas observações e experimentações e pela descoberta de leis que ordenariam o social.

Portanto, acredita-se aqui na abordagem quanti-qualitativa como a mais adequada para o que se propõe apresentar. Isto porque a literatura já comprovou que ao invés de serem dicotômicas, as duas abordagens podem ser complementares, dependendo do resultado que se busca. Assim, com Gramsci (1995, p. 50) temos:

Afirmar, portanto, que se quer trabalhar sobre a quantidade, que se quer desenvolver o aspecto “corpóreo” do real, não significa que se pretenda esquecer a “qualidade”, mas, ao contrário, que se deseja colocar o problema qualitativo da maneira mais concreta e realista.

Sendo assim, esta pesquisa lançou mão de dados quantitativos para obter um panorama geral em relação ao grupo estudado e, num segundo momento, utilizou ferramentas de análise de dados qualitativos para extrair percepções mais aprofundadas sobre as tendências verificadas na comunidade investigada. Para tanto, o método empregado foi o estudo de caso realizado na UATI, da UEFS, localizada no município de Feira de Santana, no Estado da Bahia.

Yin (1984) afirma que o estudo de caso é uma investigação empírica de um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto real, onde múltiplas fontes de evidência são utilizadas e que o estudo de caso surge do desejo de compreender fenômenos sociais complexos, retendo as características significativas e holísticas de eventos da vida real. Na compreensão de Stake (2000), o estudo de caso é uma ferramenta de pesquisa que se caracteriza justamente por esse interesse em casos individuais e não pelos métodos de investigação, os quais podem ser os mais variados, tanto qualitativos como quantitativos.

A definição pela aplicação de um estudo empírico para legitimar o trabalho de pesquisa aconteceu devido à amplitude deste método, que abarca desde a delimitação do estudo até a análise e entendimento dos dados, propiciando ao pesquisador respostas mais próximas da realidade. Para além, foram desenvolvidos estudos bibliográficos utilizando-se de livros, artigos, dissertações, teses, alguns disponíveis

na rede mundial de computadores, com vistas a construir uma compreensão dos aspectos teóricos referentes ao tema, para que, posteriormente, fosse feita a coleta de dados com os alunos da UATI/UEFS e análise dos mesmos.

4.2 INSTRUMENTOS PARA LEVANTAMENTO DE DADOS

O presente estudo procedeu o levantamento de dados em campo em duas etapas. Na primeira etapa, foi realizada a entrevista estruturada. Contudo, antes de elucidarmos como essa etapa se deu, faz-se necessário explicitar algo que aconteceu quando do início da coleta. Num primeiro momento, estava planejado que essa fase aconteceria com a aplicação de um questionário, entretanto, percebeu-se uma grande dificuldade dos participantes em responder sozinhos o instrumento, muito por conta da avançada idade e da baixa escolaridade do público inquirido.

A partir disso, decidiu-se pela entrevista estruturada, pois assim o entrevistador passou a ter a oportunidade de fazer a leitura das questões e esclarecer possíveis dúvidas, proporcionando mais confiança e conforto aos entrevistados. Em se tratando de entrevista, Rosa e Arnoldi (2006, p. 14, apud RIBEIRO, 2008, p. 140-141) colocam que:

A entrevista é uma ferramenta imprescindível para se trabalhar buscando-se contextualizar o comportamento dos sujeitos, fazendo a sua vinculação com os sentimentos, crenças, valores e permitindo, sobretudo, que se obtenham dados sobre o passado recente ou longínquo, de maneira explícita, porém tranquila, e em comunhão com o seu entrevistador que deverá, inicialmente, transmitir atitudes que se transformam em transferência e troca mútua de confiabilidade.

Ribeiro (2008, p. 141), acrescenta ainda que:

A entrevista é a técnica mais pertinente quando o pesquisador quer obter informações a respeito do seu objeto, que permitam conhecer sobre atitudes, sentimentos e valores subjacentes ao comportamento, o que significa que se pode ir além das descrições das ações, incorporando novas fontes para a interpretação dos resultados pelos próprios entrevistadores.

Em relação à entrevista estruturada, Gil (2008) traz que a mesma se desenvolve a partir de uma relação fixa de perguntas, cuja ordem e redação permanecem invariáveis para todos os entrevistados que geralmente, são em grande número. O autor afirma ainda que esse tipo de instrumento possibilita a análise estatística dos dados devido à padronização prevista numa lista prefixada de perguntas. Outrossim, Gil (2008, p. 113) complementa: “Esta lista de perguntas é

frequentemente chamada de questionário ou formulário. Este último título é preferível, visto que questionário expressa melhor o procedimento auto-administrado”.

O formulário da entrevista foi composto por 28 questões (conforme Apêndice A), sendo as 15 primeiras sobre o perfil socioeconômico e saúde do entrevistado, e as 13 restantes sobre a UATI/UEFS e a relação do aluno com o programa. Para a formulação das questões, foram levados em conta o problema e os objetivos da pesquisa, além das particularidades do grupo estudado.

A segunda etapa da coleta consistiu na aplicação de uma entrevista semiestruturada para um grupo menor de alunos, divididos em quatro categorias: alunos com menos de 01 ano de UATI, alunos com 01 a 05 anos de UATI, alunos com 06 a 10 anos de UATI e alunos com mais de 11 anos de UATI.

A utilização da entrevista semiestruturada justificou-se por se tratar de um instrumento que possibilita o aprofundamento das questões aqui analisadas, isto é, permite a compreensão de quais são as repercussões da UATI na vida dos alunos do programa de uma maneira mais orgânica e lúdica, visto que a entrevista estruturada aplicada na primeira etapa limita a expressividade dos respondentes. Nesse sentido, Ribeiro (2008, p. 144), traz:

Na entrevista semiestruturada, as questões deverão ser formuladas de forma a permitir que o sujeito discorra e verbalize seus pensamentos, tendências e reflexões sobre os temas apresentados. O questionamento é mais profundo e, também, mais subjetivo, levando ambos a um relacionamento recíproco, muitas vezes, de confiabilidade. [...] Exigem que se componha um roteiro de tópicos selecionados. Seguem uma formulação flexível, e a sequência e as minúcias ficam por conta do discurso dos sujeitos e da dinâmica que acontece naturalmente.

As entrevistas foram gravadas e transcritas na íntegra. Após a transcrição, os dados levantados foram categorizados em consonância com os resultados encontrados na entrevista estruturada. A partir daí os dados foram tratados com a aplicação da Análise de Conteúdo, segundo os conceitos e técnicas disseminados por Bardin (2016). Para a referida autora, a análise de conteúdo caracteriza-se como:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens. (BARDIN, 2016, p. 48).

Desta forma, a análise de conteúdo constitui uma metodologia utilizada para descrever e interpretar conteúdos, conduzindo a descrições sistemáticas, qualitativas ou quantitativas, ajudando a reinterpretar as mensagens e a atingir uma compreensão de seus significados, tudo isso através da definição de categorias atinentes aos objetivos da pesquisa, na qual categorizar significa isolar elementos para, em seguida, agrupá-los (MORAES, 1999; VERGARA, 2005).

Para respaldar a aplicação das entrevistas (estruturada e semiestruturada), este estudo apoiou-se no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, elaborado conforme orienta as Resoluções 466/12 e 510/16 do Conselho Nacional de Saúde, permitindo que o respondente compreendesse os procedimentos, riscos, desconfortos, benefícios e direitos envolvidos na sua participação nesta pesquisa, o que proporcionou uma decisão autônoma. Outrossim, o termo documentou a autorização do sujeito da pesquisa, possibilitando ainda que as informações básicas possam ser mantidas para leitura posterior (GOLDIM et. al., 2003).

Vale salientar também que o projeto desta investigação foi submetido aos Comitês de Ética em pesquisa da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB e da UEFS, obtendo aprovação em ambas as instituições, conforme pareceres apensados no Anexo deste trabalho. Os Comitês de Ética configuram-se como instâncias compostas por representações interdisciplinares, cuja função é avaliar os projetos de pesquisa que envolvam a participação de seres humanos. Essa avaliação visa garantir que os aspectos éticos e metodológicos estejam adequados, assegurando uma anuência institucional, para além da responsabilidade do pesquisador (GOLDIM; FRANCISCONI, 1995).

4.3 O CONTEXTO INVESTIGADO

Este estudo teve como lócus de pesquisa a UATI da UEFS. A UEFS é uma instituição pública e gratuita, mantida pelo governo do Estado da Bahia, criada sob a vigência da Lei Federal nº 5.540, de 28 de novembro de 1968. Inicialmente denominada de Fundação Universidade de Feira de Santana – FUFES, foi organizada de acordo com projeto elaborado pelo Centro de Estudos Interdisciplinares para o Setor Público – ISP – ligado à Universidade Federal da Bahia. Em dezembro de 1980,

no bojo de um processo de Reforma Administrativa do Estado, foi extinta a FUFES, através da Lei Delegada nº 11, de 29.12.80, sucedida pela UEFS, Autarquia Especial, criada pela Lei Delegada nº 12, de 30.12.80. De acordo com o seu Estatuto, a UEFS tem como objetivos, dentre outros, promover o desenvolvimento das ciências, das letras, das artes e da tecnologia pelo ensino, a pesquisa e a extensão; servir de instrumento de promoção de desenvolvimento cultural, social e econômico da região de Feira de Santana (UEFS, 2018).

Seguindo uma tendência mundial, a UATI/UEFS foi criada em 1992 pelo Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão – CONSEP, através da Resolução nº 13/92, como um programa de extensão subordinado à antiga Subgerência de Extensão, atual Pró-Reitoria de Extensão – PROEX, financiado com recursos próprios e tendo como principais objetivos estimular a promoção da saúde, a socialização dos saberes, a prática de esportes, as relações sociais, o lazer, a arte, a cultura, a inclusão digital, a reinserção no setor produtivo, a reintegração sócio-comunitária, o fortalecimento dos vínculos familiares, o equilíbrio psicossomático, a preparação para a Terceira Idade e a educação permanente (UEFS, 2018).

Dessa forma, o programa assume o compromisso de assegurar a existência de espaços multiplicadores, com ações interativas, educativas e qualificadas, que privilegiem o indivíduo no seu processo de envelhecer com dignidade, contribuindo para melhorar a qualidade de vida dos idosos residentes em Feira de Santana e microrregião (UEFS, 2018).

Atualmente o programa é coordenado por Leila Cristina Amarante Coelho, Técnica Administrativa da UEFS, e atende cerca de 900 alunos através de uma série de oficinas e cursos, distribuídos nos seguintes eixos de atuação (UEFS, 2018):

- Promoção da saúde: viabiliza a importância do viver de forma satisfatória, através de práticas saudáveis e regulares, que contribuam para que o idoso não apenas adquira conhecimentos sobre a manutenção de sua saúde, mas também realize atividades essenciais para o equilíbrio entre o corpo e a mente, chave para sentir-se mais disposto para a vida;
- Arte-educação: o programa entende a arte enquanto propiciadora de uma educação com princípios democráticos e participativos e como desafio para a construção de uma cultura que respeite as diferenças. Nesse sentido,

promove o compartilhamento de diversos saberes, ideias e habilidades, oferecendo aos idosos oficinas e cursos voltados à criação artística, tanto no plano intelectual quanto no plano da produção artesanal, exercendo atividades prazerosas;

- Educação permanente: acredita na capacidade constante de aprendizado e se configura como um elo integrador, que ajuda a transformar e atualizar o idoso, através do estímulo à aquisição do conhecimento, do desenvolvimento de habilidades e competências e do exercício consciente da cidadania, tornando-o capaz de trabalhar em grupo, cooperar, buscar oportunidades e fazer escolhas;

- Lazer: compreende ocupações escolhidas de livre vontade, que estejam ligadas somente ao benefício pessoal, desvinculadas das obrigações. O objetivo é favorecer a integração e a ressocialização dos idosos. As atividades propostas são diversas e estão acopladas a saberes artísticos, educativos, sociais e turísticos.

O programa oferece os seguintes cursos e oficinas: Dança de Salão, Coral, Yoga, Caminhando para a Transformação, Teatro, Artesanato, Tai-Chi-Chuan, Pilates, Jogos Recreativos, Alongamento na Terceira Idade, Criando Artes, Ginástica com Música, Treinamento de Força, Memórias e Leituras, Hidroginástica, Encontros Interativos, Bordados, Saúde no Envelhecer, Grupo de Oração, Artes, Saúde x Doenças, Danças Culturais, Massagem Relaxante e Informática Básica. As atividades são desenvolvidas em três locais distintos: No campus da UEFS, que fica no bairro Novo Horizonte; No Centro Universitário de Cultura e Arte – CUCA, que fica no centro da cidade; e no Centro Social Urbano – CSU, no bairro Cidade Nova.

O corpo docente é composto por vinte e quatro professores. Desses, sete são bolsistas PIBEX⁵, cinco são professores da UEFS e doze são contratados através de credenciamento, conforme Lei estadual nº 9.433/05 (alterada pelas Leis estaduais nº 9.658/05 e nº 10.697/08), Lei Complementar nº 123/06, normas gerais da Lei federal nº 8.666/93 e legislação pertinente.

De acordo com o site do programa, qualquer pessoa na faixa etária a partir dos 50 anos pode se inscrever na UATI, sendo necessário apresentar documento oficial

⁵ Programa Institucional de Bolsa Extensão – PIBEX da UEFS.

com foto e comprovante de residência quando da abertura de vagas, normalmente realizada no mês de fevereiro. A Universidade Aberta à Terceira Idade também abre espaço para profissionais interessados no estudo e investigação da Terceira Idade (UEFS, 2018).

4.4 OS PARTICIPANTES DA PESQUISA

Como já citado anteriormente, a UATI contava em 2018 com cerca de 900 alunos. Teoricamente, o programa aceita no seu corpo discente pessoas a partir de 50 anos idade, contudo, durante a aplicação da pesquisa, localizou-se alunos mais jovens. Antes das entrevistas serem iniciadas, planejou-se aplicar a primeira etapa da coleta de dados, ou seja, a entrevista estruturada, para 200 alunos, o que significaria um pouco mais de 20% do alunado.

Entretanto, quando do início da aplicação do instrumento, descobriu-se que o contrato de prestação de serviço de uma parte dos professores havia sido encerrado em 31 de julho de 2018 e que um novo processo de seleção estava em tramitação, previsto para concluir-se no final de setembro do mesmo ano. Por conta do cronograma da pesquisa, decidiu-se pela realização da entrevista nesse momento em que o universo da UATI contava com cerca de 500 alunos ativos. Assim, o instrumento foi aplicado para 100 alunos, o que representou 20% do universo de participantes que não tiveram suas aulas suspensas pelo do término do contrato de parte do corpo docente.

Desta forma, a amostra foi constituída de forma não-probabilística intencional. Nas amostras não-probabilísticas intencionais, tal definição é feita a partir da experiência do pesquisador no campo de pesquisa, numa empiria pautada em raciocínios instruídos por conhecimentos teóricos da relação entre o objeto de estudo e o corpus a ser estudado (PIRES, 2008, apud FONTANELLA et. al., 2011).

Isto posto, a entrevista estruturada foi aplicada a 100 alunos da UATI/UEFS, entre os dias 08 e 29 de agosto de 2018, nas seguintes aulas: Saúde ao Envelhecer, Tai-Chi-Chuan, Criando Artes, Treinamento de Força, Artesanato e Pilates. Essa etapa teve a intenção de traçar um panorama geral do perfil dos alunos, assim como averiguar as principais impressões e repercussões da UATI na vida dos seus

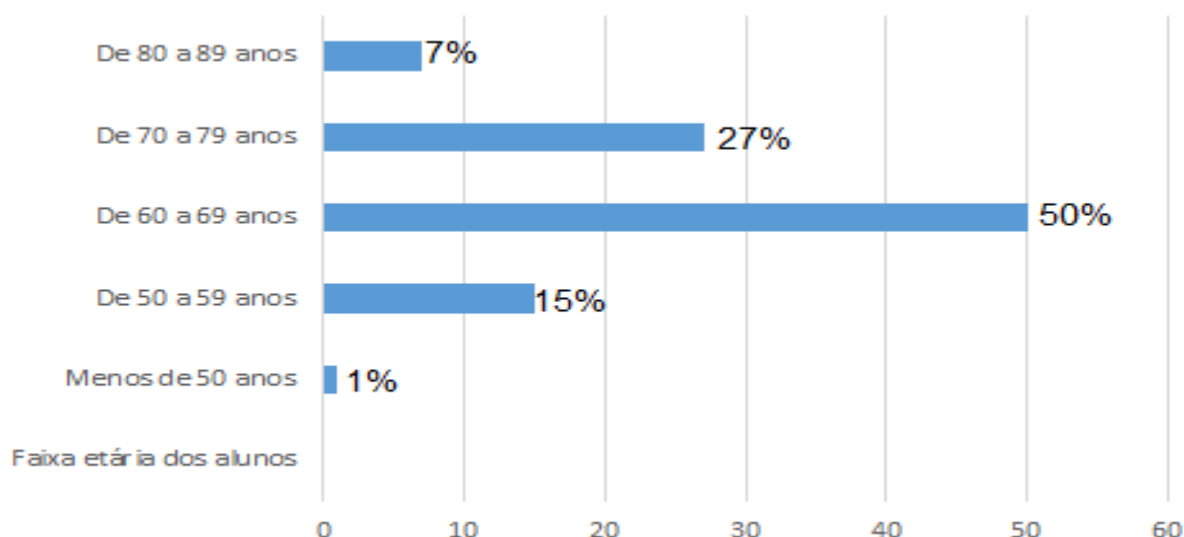
participantes, através de um tratamento estatístico dos dados, com uso de gráficos, observando-se a análise qualitativa dos mesmos.

A segunda etapa, a entrevista semiestruturada, foi corporificada por 16 alunos, divididos em quatro categorias, considerando-se o tempo de participação na UATI, em conformidade com o que foi descrito precedentemente. A escolha destes alunos foi feita com o auxílio dos professores e coordenação da UATI, no intuito de atender ao pré-requisito (tempo de UATI), a fim de possibilitar a resposta ao problema desta pesquisa. Foram ouvidos quatro alunos de cada categoria, totalizando 16 entrevistas, realizadas entre os dias 27 e 28 de agosto de 2018, nas aulas de Pilates e Criando Artes. Em ambas as etapas, a identidade dos participantes foi preservada.

4.4.1 O Perfil dos Participantes

Com a aplicação da entrevista estruturada, foi possível delinear o perfil, as preferências e as impressões gerais dos alunos da UATI/UEFS. Através da amostra analisada, que contou com 100 (cem) participantes, dados como idade, sexo, estado civil, arranjo familiar, renda, estado de saúde, além de alguns dados sobre a relação dos participantes com programa, foram explicitados. A caracterização dos alunos é de fundamental importância para um possível mapeamento das necessidades dos idosos, e ainda norteia o programa e as políticas públicas para esse segmento, tendo em vista a prevenção e/ou correção de distorções por classe social, gênero, raça e geração (BERQUÓ, 1999).

Os alunos entrevistados possuem idade entre 46 e 83 anos (Gráfico 1), entretanto, a média da idade fica em torno dos 66 anos.

Gráfico 1 - Distribuição percentual por faixa etária dos alunos entrevistados

Fonte: Dados da Pesquisa (2018).

É notável que 50% dos participantes estão na faixa etária entre 60 e 69 nove anos. Essa predominância de faixa etária é também encontrada nos trabalhos de Ferreira (2013), Peixoto (2015) e Scortegagna (2016).

Em relação ao sexo da amostra analisada, 92% corresponde ao sexo feminino e 8% ao sexo masculino. O fenômeno da predominância feminina na população idosa e, conseqüentemente, nos programas voltados para esse segmento vem sendo abordado na literatura acerca do tema e foi, mais uma vez, constatado neste estudo. Em relação a isso, Berquó (1999, p. 39) afirma que:

O superávit de mulheres idosas continuará prevalecendo e será tanto maior quanto mais avançada a idade, requerendo atenção específica. Serão elas, na grande maioria, viúvas, morando na casa dos filhos ou filhas, ou chefiando famílias monoparentais, ou ainda morando sozinhas.

Ainda nesse viés, contudo tratando especificamente dos programas para a terceira idade, Debert (2012, p. 139) acrescenta:

No Brasil, os programas para a terceira idade têm mobilizado sobretudo um público feminino. A participação masculina raramente ultrapassa os 20% [...]. Essa desproporção tem preocupado os estudiosos dos programas, que apontam, com razão, os limites das explicações que se reduzem a constatar que as mulheres vivem mais do que os homens.

O liame entre gênero e envelhecimento gera distintas análises entre os estudiosos. Alguns autores acreditam que na terceira idade as mulheres vivenciam uma situação de maior vulnerabilidade pelo fato de estarem expostas a dois tipos de discriminação: por ser mulher e por ser idosa (DEBERT, 2012). Além disso, por

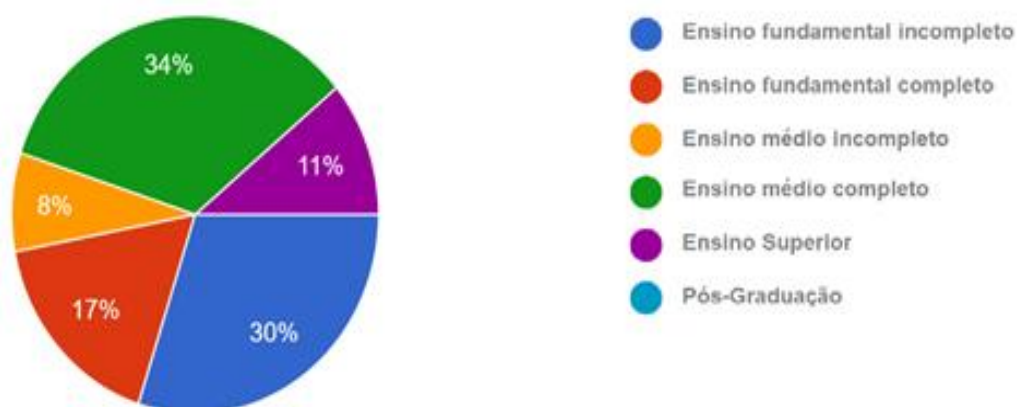
viverem mais, as idosas tornam-se viúvas em sua maioria. Em contrapartida, os homens idosos desfrutam de um maior apoio emocional, pois vivem, em sua maioria, ao lado das esposas. Sob essa perspectiva, fica claro que a feminização do envelhecimento precisa ser levada em conta na atenção aos idosos e nos programas e políticas para esse público (BERQUÓ, 1999).

No entanto, segundo Debert (2012), alguns estudos apontam que o processo de envelhecimento feminino se dá de forma mais branda que o masculino, posto que a mulher não sofre uma ruptura em relação ao trabalho tão violenta como a dos homens na aposentadoria. Além disso, os intensos vínculos afetivos familiares e a capacidade orgânica e fisiológica de se habituar a mudanças drásticas (a exemplo da gravidez, lactância e menstruação) ao longo da vida, possibilitaria uma melhor adaptação ao processo de envelhecimento (DEBERT, 2012).

Contudo, defende-se aqui que as políticas públicas e programas voltados aos idosos devem considerar, conforme abordado ao longo deste trabalho, a heterogeneidade do processo de envelhecimento, notando o perfil desse segmento e suas singularidades, a fim de atender da melhor maneira as demandas observadas.

Progredindo com a análise do perfil dos alunos da UATI, percebeu-se que, conforme o Gráfico 2, o nível de escolaridade apresentado é indubitavelmente baixo.

Gráfico 2 - Distribuição percentual por escolaridade dos alunos entrevistados



Fonte: Dados da Pesquisa (2018).

É possível inferir que 47 % dos alunos estudaram até o Ensino Fundamental, sendo que 30% desses não chegaram a completar essa fase escolar. 42% alcançaram o Ensino Médio, entretanto, 8% desses não conseguiram completar o

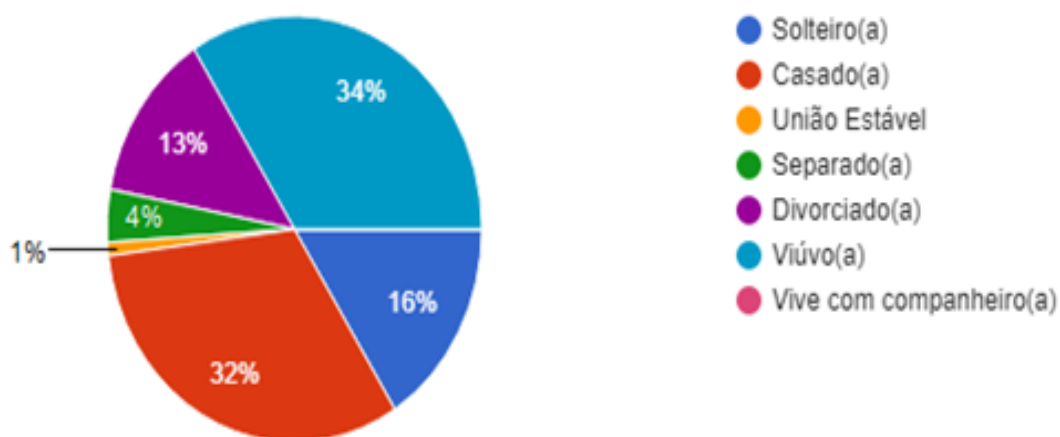
período. Apenas 11% declarou ter o Ensino Superior e não foi observado nenhum caso de Pós-Graduação.

Essa situação confirma o que alguns estudos apontam, a exemplo do que apresenta Berquó (1999, p. 31):

É preciso recordar que a situação de escolaridade das pessoas atualmente idosas remete a períodos calendários quando as chances de acesso à educação se davam de forma bastante assimétrica por classe social e gênero. Como consequência, os idosos – e em particular as mulheres idosas – estão expostos a enfrentar dificuldades agravadas pela falta de escolaridade na tentativa de buscar condições de existência e de sobrevivência.

Continuando a caracterização dos participantes da pesquisa, o Gráfico 3 mostra como os alunos estão distribuídos de acordo com o seu estado civil.

Gráfico 3 - Distribuição percentual por estado civil dos alunos entrevistados



Fonte: Dados da Pesquisa (2018).

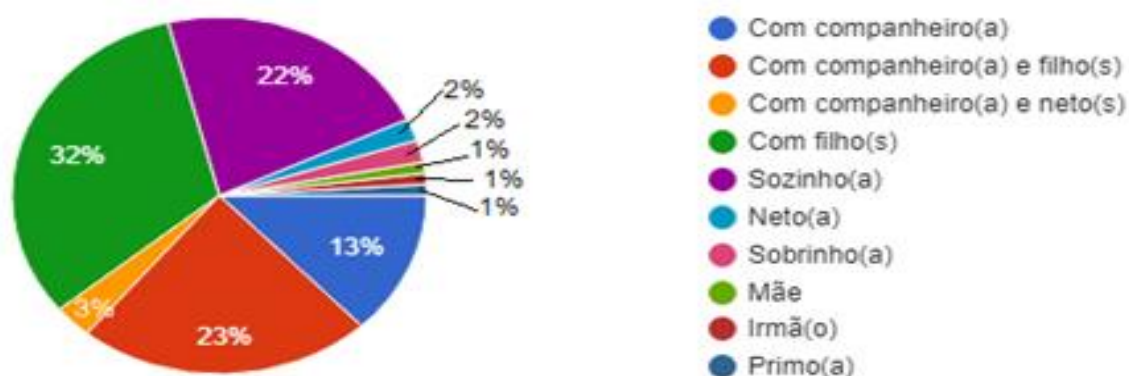
O cenário na UATI ratifica a predominância de mulheres viúvas na terceira idade (BERQUÓ, 1999). Aqui 34 % da amostra estudada declara-se Viúvo(a). Em segundo lugar, tem-se 32% Casado(a), seguido por 16 % Solteiro(a), 13% Divorciado(a), 4% Separado(a) e 1% União Estável formalizada. Ninguém declarou que vive com companheiro(a).

Como mostrou a entrevista, 5, 89 % dos entrevistados possuem residência própria, enquanto 10% vivem em casa alugada e 1% em casa cedida. As outras categorias apresentadas não foram mencionadas.

Ainda tratando de moradia, o Gráfico 4 analisa os arranjos residenciais dos participantes. Nesse item, tem-se um resultado bastante pulverizado. Vislumbra-se que 32% dos participantes moram com os filho(s), 23% moram com companheiro(a) e filho(s), 22% moram sozinhos(as), 13% moram com companheiros(as) e 3% moram

com companheiros(as) e neto(s). As categorias Mora com Neto(a) e Sobrinho(a) aparecem com 2% cada. Já as categorias Mora com a Mãe, Irmã(o) e Primo(a) aparecem com 1% cada.

Gráfico 4 - Distribuição percentual por arranjo residencial dos alunos entrevistados

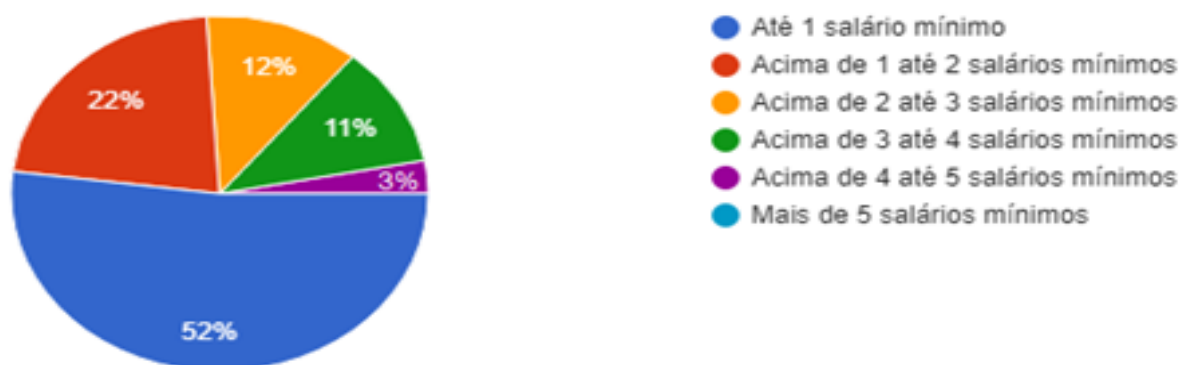


Fonte: Dados da Pesquisa (2018).

No que se refere a arranjo de moradia de idosos, é importante citar algumas questões abordadas na literatura acerca do tema. Alguns autores afirmam que nem o fato dos idosos morarem com os filhos garantem um processo de envelhecimento harmônico e saudável, nem o fato dos idosos morarem sozinhos conotam abandono. Isto porque as relações familiares podem ser abusivas, logo as unidades domésticas plurigeracionais não garantem uma velhice bem-sucedida. Com o aumento da mobilidade e o aperfeiçoamento das formas de comunicação à distância, que beneficiam diferentes classes sociais, o fato dos idosos morarem só não implica a perda da qualidade das relações familiares (DEBERT, 1999). Contudo, é certo que o apoio emocional é imprescindível no processo de envelhecimento.

Nessa direção, foi perguntado aos entrevistados como se dá o relacionamento dos mesmos com suas respectivas famílias. Nesta análise, 89% dos participantes avaliam positivamente seu relacionamento com os familiares (59% Muito bom e 30% Bom). Ainda deslindando dados sobre relações e arranjos familiares, 37% dos entrevistados têm 4 filhos ou mais, 22% têm 3 filhos, 23% têm 2 filhos, 6% têm 1 filho e 12% não têm filhos.

Prosseguindo no desenho do perfil dos participantes da pesquisa, em se falando de renda familiar, os dados levantados apresentam-se conforme o Gráfico 5.

Gráfico 5 - Distribuição percentual por renda familiar dos alunos entrevistados

Fonte: Dados da Pesquisa (2018).

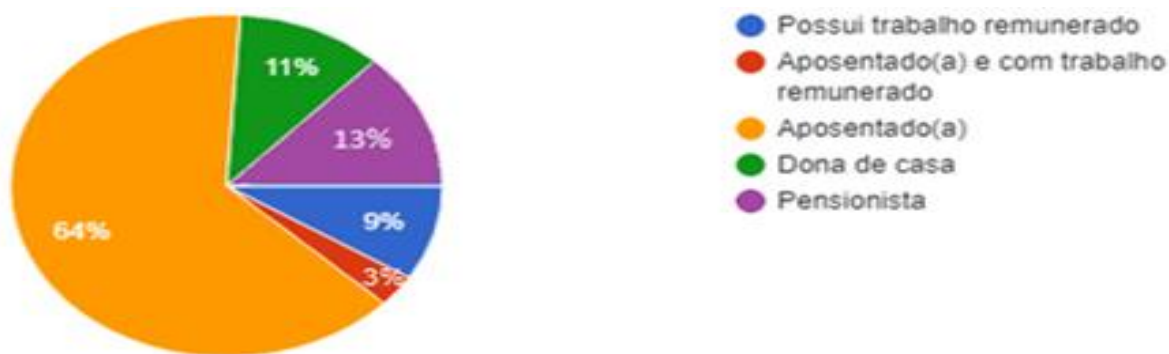
A grande maioria dos entrevistados, aqui representado por 52% dos participantes, possui renda familiar de até 1 salário mínimo, 22% da amostra está na faixa Acima de 1 até 2 salários mínimos, 12% na faixa Acima de 2 até 3 salários mínimos, 11% na faixa Acima de 3 até 4 salários mínimos, 3% na faixa Acima de 4 até 5 salários mínimos e ninguém se enquadrava na faixa Mais de 5 salários mínimos. Outro dado revelado na entrevista estruturada é que 56% dos participantes ajudam financeiramente familiares, enquanto apenas 18% recebem ajuda financeira de familiares.

Com a exposição desses dados, atina-se para a estreita relação entre a baixa escolaridade e os níveis mais baixos de renda. Nesta análise, pode-se ir além fazendo uma interação entre os dados observados sobre o sexo, a escolaridade e a renda, ou seja, o programa atende predominantemente mulheres idosas, com baixa escolaridade e em sua maioria com renda mensal de um salário mínimo.

Desse modo, a UATI, enquanto política institucional, contempla, sobretudo, indivíduos socialmente mais vulneráveis, que verdadeiramente necessitam da atenção proposta por esse tipo de programa, como esclarece Berquó (1999, 39):

O cenário que aguarda os que entrarão em idades avançadas no próximo século deverá contar com políticas sociais que deem ao idoso condições para desfrutar de uma vida com dignidade. Mas acima de tudo esse cenário deverá estar marcado por um horizonte de solidariedade: entre familiares, entre gerações, entre amigos e entre as pessoas.

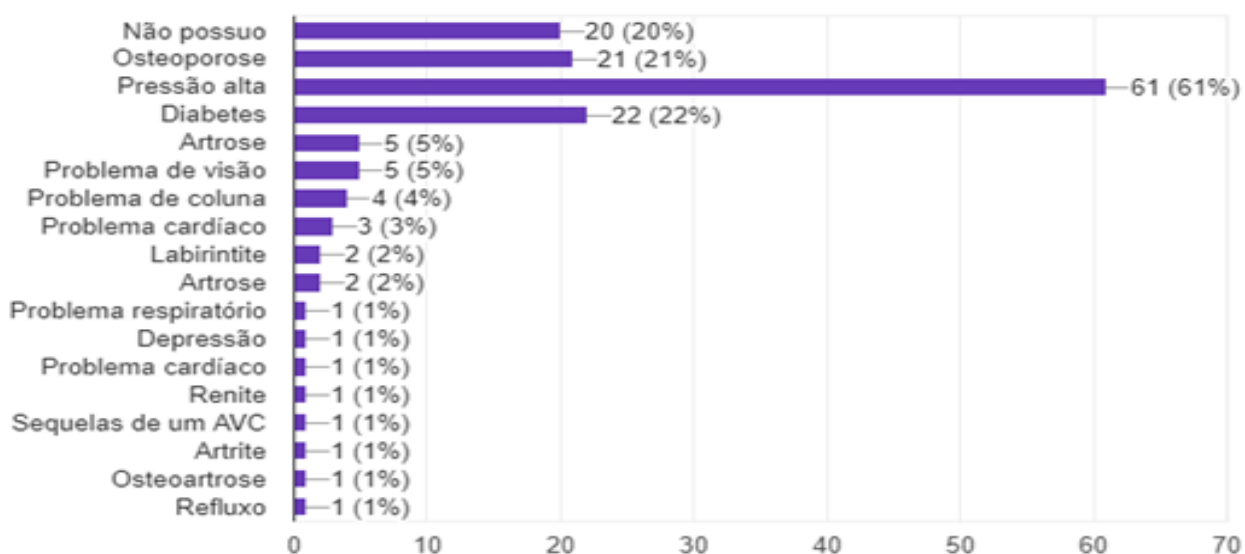
Outro ponto abordado no que tange o perfil dos participantes, foi a questão da posição profissional, conforme o Gráfico 6.

Gráfico 6 - Distribuição percentual por posição profissional dos alunos entrevistados

Fonte: Dados da Pesquisa (2018).

Neste gráfico, pode-se verificar que 64% dos participantes são aposentados, 13% são pensionistas, 11% são donas de casa sem remuneração, 9% possuem trabalho remunerado e 3% são aposentados e possuem trabalho remunerado.

Saindo um pouco do perfil socioeconômico, mais ainda na caracterização dos participantes da pesquisa, foi abordado o tema Saúde. Nota-se que 50% dos participantes consideram sua saúde Muito Boa ou Boa (14 % Muito boa e 36% Boa), enquanto a outra metade acredita ter um estado de saúde regular. Curiosamente, nenhum participante declara-se como detentor de uma saúde ruim, apesar de apenas 20% ter dito não possuir nenhuma doença crônica (Gráfico 7).

Gráfico 7 - Levantamento das doenças crônicas apresentadas pelos alunos entrevistados (poderia ser marcada mais de uma alternativa)

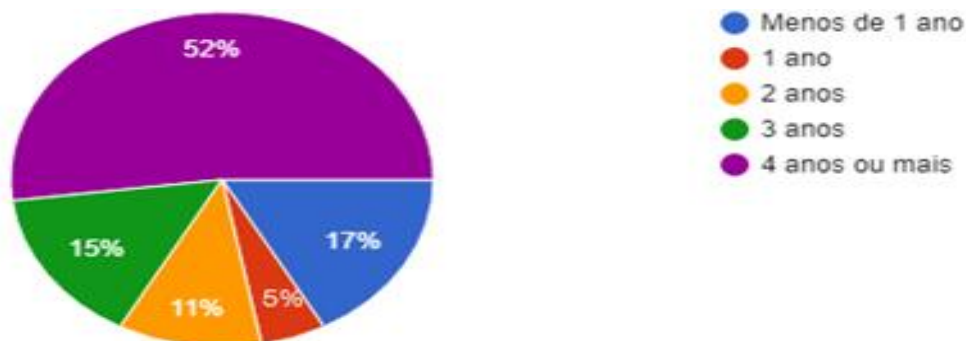
Fonte: Dados da Pesquisa (2018).

Constata-se que 80% dos participantes relatam algum tipo de doença crônica (apenas 20% disseram não possuir doença). As três principais ocorrências são: 61% possuem Pressão Alta, 22% possuem Diabetes e 21% possuem Osteoporose.

Complementando os dados sobre saúde, 79% dos participantes afirmam fazer o consumo de medicamentos de uso contínuo.

Findada a apuração quanto à saúde dos entrevistados, foram feitos alguns questionamentos sobre o ingresso, a participação e a frequência dos indivíduos na UATI. O primeiro deles está explícito no Gráfico 8.

Gráfico 8 - Distribuição percentual por tempo de participação na UATI dos alunos entrevistados

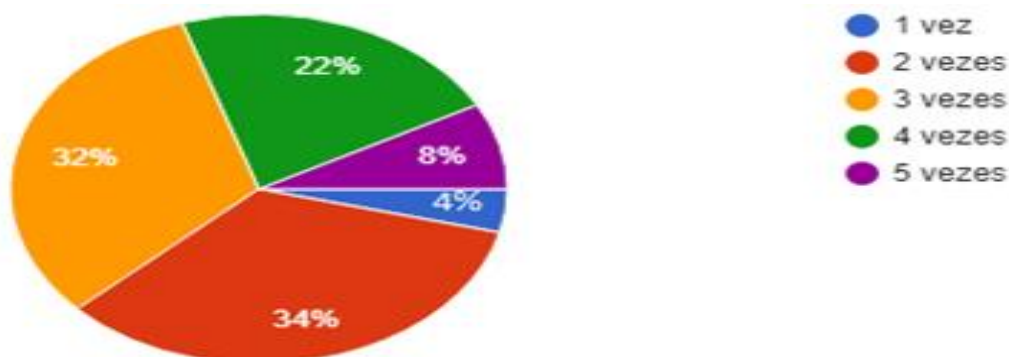


Fonte: Dados da Pesquisa (2018).

Vale salientar que esse gráfico demonstra uma baixa evasão dos alunos do programa. Os idosos se matriculam na UATI e passam bastante tempo frequentando-o. Assim, 52% dos participantes disseram frequentar a UATI há quatro anos ou mais, 15 % frequentam há três anos, 11% frequentam há 2 anos, 5% frequentam há 1 ano e 17 % matricularam-se em 2018.

Foi investigado também a frequência semanal dos participantes no programa, de acordo com o Gráfico 9.

Gráfico 9 - Distribuição percentual por frequência semanal na UATI dos alunos entrevistados



Fonte: Dados da Pesquisa (2018).

Neste item, 34% dizem frequentar o programa 2 vezes por semana, 32% frequentam 3 vezes por semana, 22% frequentam 4 vezes por semana, 8% frequentam 5 vezes por semana e 4% frequentam 1 vez por semana.

Em seguida, foi esquadrihado de que forma os participantes souberam da UATI: 72% afirmaram que souberam por amigos, 19% por familiares, 6% através de meios de comunicação, 2% procurou informação na UEFS e 1% soube por observação das atividades, visto que mora próximo ao local das aulas.

Para encerrar, os participantes foram interpelados sobre o apoio familiar quando do ingresso na UATI. Desta forma, 93% dos entrevistados disseram que tiveram apoio da família para ingressar no programa.

Após caracterização dos entrevistados, foi dada continuidade à pesquisa através da análise dos demais dados para identificação das repercussões da UATI na vida dos idosos participantes. É disso que trata o próximo capítulo.

5 REPERCUSSÕES DA UATI/UEFS NA VIDA DOS IDOSOS

PARTICIPANTES: O QUE APONTAM OS DADOS

De acordo com o que foi apresentado nos capítulos anteriores, a UATI, enquanto política institucional educacional e de socialização dos idosos, é amplamente justificada e necessária pelo seu caráter impulsionador no estímulo e desenvolvimento de aptidões físicas e mentais para um processo de envelhecimento bem sucedido.

Para Neri e Cachioni (1999), três conotações perpassam o conceito de “velhice bem-sucedida”: a primeira está associada à ideia de realização do potencial individual para a obtenção do bem-estar físico, social e psicológico avaliado como adequado pelo indivíduo e pelo seu grupo de idade; o segundo está relacionado às práticas médicas, cosméticas, físicas, sociais e educacionais destinadas a preservar a juventude e retardar/mascarar/reabilitar as consequências do processo de envelhecimento; e a terceira é a manutenção da competência em domínios selecionados do funcionamento, a exemplo de exercício físicos para fortalecer o senso de bem-estar ou o treino da memória para ajudar os idosos a organizarem suas vidas e, assim, sentirem-se mais satisfeitos.

Contudo, as autoras supracitadas salientam que o elemento essencial do conceito de “velhice bem-sucedida” não é a preservação de níveis de desempenho similares aos dos indivíduos mais jovens, e sim a preservação do potencial para o desenvolvimento do indivíduo, dentro dos limites da plasticidade individual permitida pela idade e estabelecida pelas condições individuais de saúde, estilo de vida e educação (NERI; CACHIONI, 1999).

À vista disso, este estudo analisou dados quantitativos e qualitativos extraídos de entrevistas estruturadas e semiestruturadas realizadas com um grupo de idosos/alunos da UATI/UEFS, com o objetivo de aferir quais são as repercussões do programa na vida dos seus participantes. Esses são identificados, após as transcrições das falas, com códigos que lhes garantem o anonimato, conforme exigência da ética na pesquisa com seres humanos e acordo assumido no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Os códigos foram assim compostos: **X, 00a, Z, 0a**. Onde **X** representa a letra inicial do nome do participante; **00a** representa a idade

em anos; **Z** representa o estado civil (C= casada; S= solteira; V= viúva, D= divorciada e Se= separada); e **0a** representa o tempo de UATI em anos, entretanto, sendo esse tempo menor que 1 ano, ele será representado por **<1a**.

A análise dos dados levantados será feita a partir de quatro categorias, dentre as quais: 1. Percepções dos participantes sobre a terceira idade; 2. Motivos que levaram ao ingresso na UATI e expectativas acerca do programa; 3. Percepções sobre a UATI e os benefícios do programa; 4. Críticas e sugestões para a melhoria da UATI. Segue a primeira etapa desta análise.

5.1 PERCEPÇÕES DOS PARTICIPANTES SOBRE A TERCEIRA IDADE

Para identificar o caminho percorrido para o ingresso dos alunos na UATI e também no intuito de compreender com maior nitidez o vínculo dos entrevistados com o programa, decidiu-se questioná-los, inicialmente, sobre as suas percepções acerca das mudanças ocorridas em suas vidas, provenientes da chegada da terceira idade. Entendendo como o idoso se percebe e identifica as mudanças, físicas e psicológicas, decorrentes do processo de envelhecimento, capta-se com maior facilidade as necessidades e expectativas dos participantes no tocante à UATI. Verifica-se abaixo alguns relatos obtidos:

A gente vai se afastando daquilo que a gente fazia, né? Então a gente tem que procurar novos conhecimentos, novas coisas que vai nos fazer bem e que a gente não se sinta isolada. (N, 55a, S, >1a).

Eu creio que mudou muita coisa... eu me senti assim... eu me senti assim... sozinha, na solidão... por já não ter os filhos nenhum dentro de casa... e eu ficava sozinha... eu me sinto diferente, não é como era... porque cada qual foi para as suas casas... e eu me sentia assim... de noite eu deitava, ficava olhando pro telhado... e não tinha como chamar uma pessoa. Tem um filho que mora vizinho, mas nunca é como dentro de casa (...). A mudança é que eu ainda estou com uma diabete... que, sei lá... quando a gente chega numa certa idade aparece muita coisa, mas se a gente ficar... com a solidão, piora mais ainda. (H, 73a, V, 3a).

Mudou porque... me entreguei assim... as coisas de casa. Positividade para não ficar só dentro de casa, fazendo trabalho de casa. (EO, 77a, C, 17a).

Nas falas supratranscritas, avistam-se com perspicuidade o *isolamento* e a *solidão* como símbolos marcantes da chegada da terceira idade. Isso pode ocorrer por diversos motivos: saída do mercado de trabalho; transformação dos arranjos familiares (viuvez, filhos em suas próprias casas, entre outros); e também pela

espoliação das relações afetivas num contexto em que, muitas vezes, o idoso não é valorizado (ABRAMOWICZ, 2001).

Para Arruda (2007), o processo de envelhecimento poder ser recebido como uma desorganização decorrente do extravio das potencialidades do indivíduo, que são comutadas pelas limitações, movendo o idoso ao isolamento. Sobre isso, o autor ainda complementa:

A velhice surge, conforme Frias (1999), “a partir da inexistência de novas ocupações e da ausência de objetivos e planos para a vida futura, e se intensifica através do isolamento, da solidão, das perdas familiares, do casamento dos filhos e da viuvez”. (ARRUDA, 2007, p. 100).

Outra mudança identificada com a chegada da terceira idade, pontuada por mais de um entrevistado, foi o declínio da saúde e de aspectos físicos em geral, conforme relatos que seguem:

Eu acharia que quando chegasse a minha terceira idade eu teria uma vida assim... mais descansada, uma vida assim... não de lazer totalmente, porque ninguém é perfeito para ter uma vida só de lazer, mas eu teria mais assim... uma vida de descanso, teria menos atividades, principalmente dentro de casa, entendeu? Teria mais tempo para mim. Eu achei que quando chegasse a minha terceira idade, eu iria sentar, fazer um tricô, fazer crochê, ver os netos, quer dizer, ainda não tenho netos... pois seria essa a minha expectativa... (...) Em 2010 eu me acidentei, fracturei o tornozelo, aí tive que fazer uma cirurgia, e depois dessa cirurgia sempre vem aquela coisa... fiz fisioterapia, e você toma remédio, melhora uma coisa, ataca outra, depois veio o problema da LER⁶, tive que operar a mão por conta da LER, hoje eu não posso fazer tricô, quer dizer... faço, mas não é aquela coisa como antes, porque as limitações são outras. (M, 64a, S, <1a).

Na verdade, eu que eu acho que mudou, é justamente o aspecto físico... a resistência diminuiu... e... é... a resistência diminui... a gente não tem mais a saúde que tinha quando era jovem. (LG, 56a, D, 3a).

Mudou muita coisa. Mudou assim... a memória já era um pouco esquecidinha e aumentou, as vezes pegava um ônibus de um bairro para outro... e eu sei que aqui era a UEFS, mas a paisagem não era da UEFS... tudo isso aconteceu com a chegada da terceira idade (...) As doenças: chegou a osteoporose, chegou a diabete... (AS, 71a, V, 7a).

Neri e Cachioni (1999) apresentam três categorias sobre o processo de envelhecimento que contemplam essa notada percepção das perdas e alterações biológicas. A primeira é o envelhecimento primário ou normal: refere-se às transformações naturais do processo, ou seja, cabelos brancos, rugas, declínio da força e rapidez, entre outros. A segunda é o envelhecimento secundário: destacam-se as mudanças causadas por doenças tipicamente associadas à idade avançada, decorrentes de elementos intrínsecos de degeneração. A terceira é o envelhecimento

⁶ LER: Lesão por esforço repetitivo.

terciário: faz referência a velhice avançada, caracterizada por um vasto crescimento das perdas num período relativamente curto, conduzindo o indivíduo à morte.

Observa-se que as autoras supracitadas categorizam o processo de envelhecimento de acordo com os conceitos de senescência e senilidade. Isto é, o envelhecimento primário, compreendido como um processo natural de diminuição progressiva da reserva funcional dos indivíduos, corresponde ao conceito de senescência. O chamado envelhecimento secundário ou senilidade é alcançado em condições de sobrecarga como, por exemplo, doenças, acidentes e estresse emocional, podendo ocasionar uma condição patológica que requeira assistência (BRASIL, 2006).

Entretanto, não se captou apenas impressões negativas frente a chegada da terceira idade. Alguns idosos relacionaram a chegada da terceira idade a padrões positivos, a exemplo de maturidade, aprendizado e alegria. Nessas falas, têm-se:

Parece que a gente vai chegando a idade e vai ficando mais... aprendendo mais... (A, 67a, V, <1a.).

Mudou muita coisa. (...) Senti mais alegre. (AM, 56a, V, 3a).

Eu achei bom, porque algumas pessoas quando passam dos 60, se acha que é inútil. Eu não me senti inútil. Me sinto útil até demais. Mais do que era antes... (...) Pra mim, esses 60 anos pra cá tá sendo muito bom. Tô vivenciando coisas que eu nunca vivenciei na vida, coisas boas... tá sendo tudo bem. (MC, 64a, C, 6a).

Mudou muita coisa. Mudou o jeito de ser, mudou até o jeito de amar, né? Porque antigamente, os pais da gente tinha amor pela gente, mas não era aquele amor que chegava dava um abraço, dava um beijo... um amor diferente, entendeu? (...) Eles não demonstravam. Assim eu criei meus filhos, dessa maneira, Mas depois, amadurecendo, fui aprendendo a demonstrar o amor, né? (MI, 74a, V, 15a).

Através dessas falas é possível verificar, como abordado anteriormente, a heterogeneidade do processo de envelhecimento. Esse transcurso é percebido e vivenciado de maneira distinta pelos indivíduos, de acordo com fatores como: o equilíbrio entre as limitações e as potencialidades, a capacidade de adaptação em relação as perdas inerentes ao processo, a seleção e concentração em domínios prioritários, as motivações particulares, além das questões culturais e sociais (NERI; CACHIONI, 1999). Dessa forma, Netto (2001, p. 49) coloca:

Há também a considerar – com destaque para os países pobres – que, não obstante a ideia de velhice esteja ainda muito associada à decadência física, doença e miséria, com os avanços dos conhecimentos e dos tratamentos geriátricos e com a lenta melhoria das condições econômicas da população e dos programas de assistência social, já não se pensa tanto nos idosos como

cidadãos debilitados, incapazes, totalmente dependentes, fracos, sem vontade própria e sem meios de lutar pelos seus interesses.

Outra percepção positiva bastante recorrente nas falas dos entrevistados é a liberdade associada à terceira idade, haja vista os seguintes depoimentos:

(...) eu saio a hora que dá, chego a hora que dá, não tenho pressa de voltar... vou pro centro da cidade também... as vezes vou comprar, fico por lá e volta a hora que dá. (H, 73a, V, 3a).

Mais liberdade. Eu sempre gostei muito de viajar e, graças a Deus, eu viajo muito. (I, 70a, C, 10a).

Mudou muita coisa. Primeiro: eu fui criada numa educação muito rígida, não tive na minha infância, na minha adolescência... liberdade nenhuma. Eu não tinha liberdade. Minha mãe não coisava, porque eu perdi meu pai muito cedo, e ela sempre dizia que filha sem pai não podia sair porque ficava mal falada. Aí eu casei muito cedo também, casei com 14 para 15 anos, já tive logo o primeiro filho... e depois que eu fiquei viúva, passei a frequentar a universidade, eu fiquei muito mais... liberdade, vivo mais... tenho mais alegria porque vivo mais. Tenho um passeio que eu quero ir eu vou, ninguém me empata. Não tenho que dá satisfação a ninguém, só faço dizer: "Vou viajar tal dia". (IS, 82a, V, 18a).

Com a chegada da terceira idade, o que eu acho que foi melhor para mim foi a liberdade. Porque hoje eu não tenho mais responsabilidade com filho com marido. Eu sou livre para sair e voltar na hora que eu quiser, então isso aí... (MR, 76a, Se, 16a).

Esses relatos revelam o crescimento das possibilidades de realização de tarefas e projetos que não puderam ser colocados em prática, ao longo da vida, por causa das obrigações profissionais, familiares e domésticas. A liberdade, tanto de tempo quanto de escolha, nesta fase da vida, revela um horizonte de novas e amplas possibilidades, que se desnudam em atividades atraentes e gratificantes, isentas das imposições, das obrigações e horários rígidos, das solicitações despóticas do trabalho e do lar, enfim, de todas as pressões sociais sustentadas ao longo da existência (NETTO, 2001).

A partir das percepções dos participantes percebe-se que não há uma velhice, mas velhices, isto é, a concepção de terceira idade muda considerando-se as vivências anteriores da pessoa e as suas condições de saúde, familiares e culturais. Assim, entende-se que essa etapa da vida é tão diversa de pessoa para pessoa quanto as anteriores.

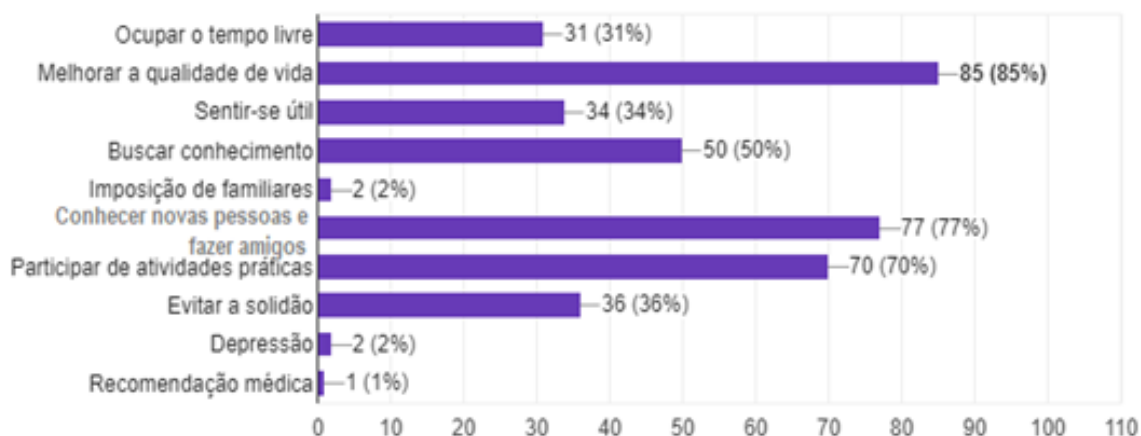
De posse dessas informações, passou-se para a etapa seguinte a investigação: detectar os motivos que levaram ao ingresso na UATI, fazendo um link com as já manifestadas impressões sobre a terceira idade, e as expectativas dos alunos acerca do programa.

5.2 MOTIVOS QUE LEVARAM AO INGRESSO NA UATI E EXPECTATIVAS ACERCA DO PROGRAMA

Para consecução dos dados que descortinaram o propósito do ingresso e as expectativas dos alunos em relação ao programa, utilizou-se tanto da entrevista estruturada, quanto da entrevista semiestruturada. Com isso, foi possível a obtenção de nuances mais orgânicas sobre os dados coletados nos dois instrumentos, fazendo-se uma interação dos mesmos.

Em ambas as entrevistas (estruturada e semiestruturada) os participantes foram questionados sobre as motivações/expectativas que os levaram a procurar a UATI. Na entrevista fechada, observou-se o seguinte resultado, ressaltando-se que poderia ser citada mais de uma alternativa dentre as opções dadas:

Gráfico 10 - Motivos para ingresso na UATI



Fonte: Dados da Pesquisa (2018).

Observa-se que *melhorar a qualidade de vida* (85%) foi a opção mais reconhecida entre os entrevistados, seguida pelos tópicos: *Conhecer novas pessoas e fazer amigos* (77%), *Participar das atividades práticas* (70%), *Buscar conhecimento* (50%), *Evitar a solidão* (36%), *Sentir-se útil* (34%) e *Ocupar o tempo livre* (31%). Os itens *Imposição de familiares* (2%), *Depressão* (2%) e *Recomendação médica* (1%) também foram citados, porém em números bem abaixo ao das outras alternativas apresentadas. Complementando a entrevista estruturada e em consonância com as percepções dos entrevistados sobre a chegada da terceira idade, indagou-se na entrevista semiestruturada sobre as motivações dos alunos para a entrada na UATI. Pode-se observar nas falas abaixo o que foi revelado, enfaticamente, pelo Gráfico 10:

Procurei assim... a melhora assim... do estado de vida da gente sobre a saúde (...) o que eu esperava dela está acontecendo. (A, 67a, V, <1a).

É a gente poder sair de casa, a gente ter uma atividade física que melhora a nossa saúde e na nossa autoestima. (N, 55a, S, >1a).

Lazer e qualidade de uma melhor vida, melhorar de vida assim... porque sempre a terceira idade traz umas consequências à saúde, né?! Aí para não chegar a esse ponto de... chegar a consequências mais difíceis, então eu procurei logo, né... uma prevenção. (D, 62a, Se, <1a).

(...) que quando você pratica uma atividade você tem aquela... você tem uma vida mais... mais leve! No bom sentido. Porque você fica mais inspirada para fazer uma atividade, não fica com a cabeça cheia só com os problemas, que a gente que é mãe de família tem vários. (...) Antes eu não tinha tempo, hoje eu sou obrigada a ter... uma porque eu preciso, e outra pela necessidade da saúde... (M, 64a, S, <1a).

Uma colega me falou de uns exercícios que eu tinha que fazer, porque eu tive um AVC (acidente vascular cerebral), mas eu não tinha ainda 60 anos, e só tava pegando com 60. Quando eu vim, consegui entrar. Não sabia nem que tinha artesanato, vim por causa da hidro e das caminhadas que fazia aqui. Dos exercícios físicos. (E, 60a, C, 4a).

Melhora na qualidade de vida (...) e procurar também novos conhecimentos. (I, 70a, C, 10a).

Em todos os relatos acima, avista-se como motivo do ingresso e expectativa em relação à UATI a melhora da qualidade de vida, principalmente do que tange à saúde e à prática de atividades físicas. Ou seja, os aspectos ligados à saúde e ao declínio físico percebidos com a chegada da terceira idade apresentam-se, claramente, como um grande fator para a entrada do indivíduo no programa. Como já demonstrado anteriormente, o conceito de qualidade de vida na terceira idade está intimamente atado à capacidade de realizar as atividades básicas da vida diária, à autonomia, ao controle de doenças, ao bem-estar físico e emocional e à inserção em atividades sociais (WHO, 2005; NERI, 2005; PEIXOTO, 2015). Sendo assim, as falas dos entrevistados ratificam os dados apontados pelo Gráfico 15.

Ainda trazendo o diálogo entre o Gráfico 10, a entrevista semiestruturada e a percepção dos alunos em relação a chegada da terceira idade, outras paridades foram confirmadas:

Eu esperava tudo isso, que a gente venha encontrar pessoas diferentes, que a gente venha... como é que diz? Conviver com todo mundo. (N, 55a, S, >1a).

Na verdade, o que me levou a procurar a UATI foi, justamente, pra interagir mais com pessoas da minha idade, fazer novas amizades e ocupar o tempo. (...) Ter uma interação social melhor. (LG, 56a, D, 3a).

(...) eu ficava assim sozinha e minha neta, eu tenho uma neta mais velha, falou: "Vó, eu vou matricular a senhora na UEFS!". Eu falei: "Pra fazer o quê?". Ela: "Pra fazer ginástica e criar arte!". Eu falei: "Tá bom!". Aí ela veio, me matriculou, e eu tô aqui. (H, 73a, V, 3a).

Eu ficava muito em casa, parada, sem fazer nada, só arrumava a casa. Aí assistia televisão... aí minhas filhas falou comigo se eu queria entrar na UATI pra fazer física... ocupar o tempo... (AM, 56a, V, 3a).

Era para eu não ficar em casa 24 horas, porque a gente se torna só doméstica... e dá margem ao quê? Ao inimigo, que é a depressão, a tristeza... e eu não queria isso para mim... nunca quis... então eu sempre procurei me movimentar... (I, 70a, C, 10a).

(...) minha mãe ficou doentinha, quando foi daí a pouco, minha mãe faleceu. Aí foi um período muito difícil para mim, quando minha mãe faleceu... muito, muito, muito... eu quase entro em depressão. E por conta disso, eu vim para a UATI. Minha filha me trouxe para aqui. (...) A tristeza... eu só vivia no quarto. Eu fiz um quarto pra ela [a mãe], para assistir televisão com ela, eu vivia muito com ela, e com o falecimento dela eu fiquei muito deprimida, nesse canto, não queria assistir televisão, não queria fazer mais nada... (LO, 72a, V, 10a).

Foi a morte de meu esposo e a morte de meu filho. Depois de um ano que meu esposo faleceu, meu filho faleceu de acidente. (...) Eu fiquei muito deprimida, muito triste, isolada. (...) Aí minhas filhas começaram a sair comigo, a procurar uns lugares para mim sair, pra se divertir, se distrair, pra brincar, pra conhecer novas pessoas, fazer novas amizades, e assim eu fui. (MI, 74a, V, 15a).

Eu acho que foi a solidão. Fiquei praticamente sozinha e isso fez eu procurar, porque a pessoa viver sozinha não é bom. (MR, 76a, Se, 16a).

Minha autoestima estava baixa. (MC, 64a, C, 6a).

É que eu me aposentei, e assim que eu me aposentei... eu não queria ficar em casa, queria ter uma atividade para mim sair, para não ficar aquela coisa de dia-a-dia, casa, casa, casa... e aí eu procurei sair para ter contato com outras pessoas, fazer o que eu estou fazendo, que eu não fazia antes... para não ficar em casa! (MC, 64a, C, 6a).

E aí eu vim participar da UATI para não ficar só em casa, fazendo trabalho de casa. (EO, 77a, C, 17a).

Nestas falas, a saúde mental, traduzida em aspectos como solidão, tristeza, perdas, sensação de inutilidade, foi a mola propulsora para o ingresso na UATI. Tem-se uma gama de relatos, inclusive, a maior parte deles, que trazem uma forte carga emocional de pessoas que buscaram o programa como ferramenta para uma ressignificação existencial. Isto é, os alunos enxergaram a UATI como um instrumento de reinserção social, agregado a novos aprendizados, ao convívio com pessoas da mesma idade, ao preenchimento do tempo livre e, sobremodo, como um suporte social para a valorização da terceira idade.

Sobre isso, Netto (2001, p. 59) acrescenta:

[...] a simples saída de casa, duas ou três vezes por semana, para comparecer às aulas e demais atividades [...], constitui-se em fator importante de quebra de isolamento e solidão dos alunos, proporcionando-lhes condições para derrubar muitos tabus, estereótipos e preconceitos sociais relativos aos mais velhos, levando-os a contestar e rever muitos dos papéis sociais que a sociedade procura lhes impor [...].

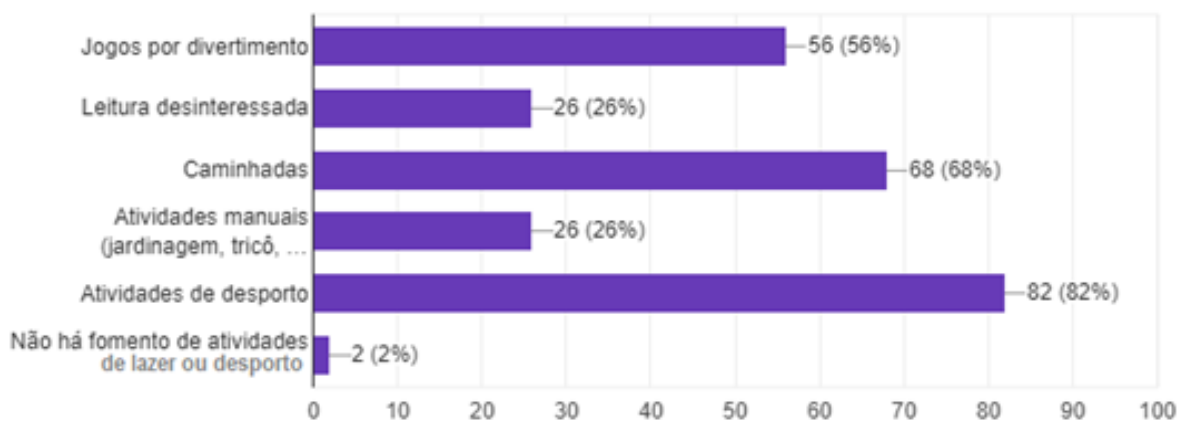
Observa-se que na percepção de grande parte dos idosos entrevistados, a UATI tem uma função de proporcionar a manutenção dos vínculos de socialização geradores de bem-estar, saúde mental e emocional. Isso reafirma a relevância social do programa para o público a que se destina.

Entendendo melhor o motivo para ingresso/expectativas dos alunos da UATI, partiu-se para a análise das percepções dos alunos sobre a UATI e dos benefícios do programa na vida dos mesmos.

5.3 PERCEPÇÕES SOBRE A UATI E OS BENEFÍCIOS DO PROGRAMA

Para Abramowicz (2001), o convívio em grupo possibilita o afloramento de significados comuns, levando ao idoso a sensação de bem-estar. Neste sentido, as universidades abertas à terceira idade podem ser traduzidas como espaços de aproximação e interação, que viabilizam trocas afetivas e a realização de atividades prazerosas, desenvolvendo, por esse caminho, uma melhor qualidade de vida na terceira idade. Frente a isso, analisou-se, quantitativa e qualitativamente, as percepções e benefícios da UATI aferidos pelos alunos entrevistados, buscando o significado do programa enquanto um ambiente disseminador de novos conhecimentos, fomentador de práticas saudáveis e de interações sociais.

Iniciando essa análise, os alunos foram questionados, na entrevista estruturada, sobre a realização de atividades de lazer e desporto na UATI. Do total de alunos entrevistados, 98% afirmou que o programa fomenta atividades de lazer e desporto. A partir dessa informação, os alunos apontaram quais eram as atividades realizadas neste sentido, como mostra o Gráfico 11, ressaltando-se que poderia ser citada mais de uma alternativa dentre as opções dadas:

Gráfico 11 - Atividades de lazer e desporto fomentas pela UATI

Fonte: Dados da Pesquisa (2018).

Percebe-se uma maciça preferência dos participantes pelos tópicos *Atividades de desporto* (82%), *Caminhadas* (68%) e *Jogos por divertimento* (56%). Diante disso, é cognoscível o expressivo investimento da UATI na realização de atividades esportivas e a ampla adesão do alunado a essas atividades. Sobre essa constatação, seguem algumas percepções dos alunos extraídas da entrevista semiestruturada:

Nossa!! A hidro [hidroginástica] é tudo de bom. (E, 60a, C, 4a).

O tratamento dos professores com a gente, todos os exercícios que eu estou fazendo, que eu estou me sentindo muito bem, bem melhor do que eu era. Então pra mim, isso tá maravilhoso. (...) é muitas dores que eu sentia, e hoje em dia, Graças a Deus... o joelho era dessa grossura, depois disso já melhorou muito. (A,67a,V,<1a).

Eu acho ótimo. Quando nada, as dores não continua com era. Porque quanto mais a gente fica parada, pior! (H, 73a, V, 3a).

Eu faço física de manhã e aí mudou muita coisa... eu comecei a ficar mais alerta, tenho mais vontade de trabalhar quando chego em casa. (...) Mais disposta. (AM, 56a, V, 3a.).

São ótimas, porque eu não sabia nada de pilates e hoje eu sei. E eu sinto os ossos melhor, os braços, as pernas. (...) Melhorou 100%! E Tai chi também que ensina a gente a respirar melhor também, muitas vezes a gente ficava tomando remédio para melhorar as coisas e agora não. (EO, 77a, C, 17a).

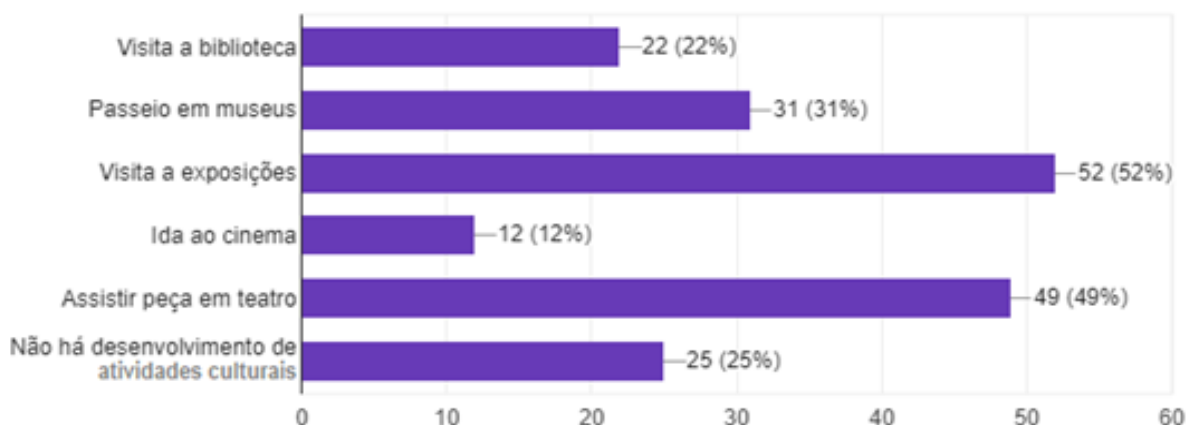
Os benefícios da atividade física para a conquista da velhice bem sucedida são inquestionáveis. Costa (2001) estabelece que a prática regular de atividades físicas oportuniza a vivência de uma velhice saudável, autônoma e com maior qualidade de vida. Após pesquisa realizada no projeto *Atividades Físicas e Recreativas para a Terceira Idade*, realizado pela Faculdade de Educação Física da Universidade Federal de Uberlândia – AFRID/UFU com alunos idosos, o referido autor revela ainda alguns proveitos não tão óbvios da prática de atividades físicas, afirmando que:

A prática de atividades físicas, na visão dos idosos, passou a ter uma conotação desmistificadora do contato corporal. Descobriram que nos relacionamentos de interação a corporeidade é um importante sinalizador de comunicação entre eles, o que torna possível perceber o corpo como uma linguagem expressiva mais típica e imediata do comportamento. Nessas práticas o toque e o contato físico são inevitáveis, no entanto são realizados de maneira natural e espontânea que antigos tabus e preconceitos relacionados ao corpo, tomados como ponto de referência moral, são superados nos relacionamentos interativos entre eles. Essa saudável aproximação estimula o relacionamento interpessoal, isto é, a capacidade de aceitar e amar os outros numa relação mais íntima e confiável, elementos estes tão importantes na satisfação pessoal. (COSTA, 2001, p. 101).

Quer dizer, para além das visíveis benesses físicas, o incentivo e a prática de atividades físicas na terceira idade englobam fatores subjetivos que propiciam satisfação pessoal, interação social, quebra de paradigmas limitantes, favorecendo, desta maneira, ao bem-estar corporal e mental. Sendo assim “o significado da atividade física ultrapassa as dimensões orgânicas, metabólicas, antropométricas, ou seja, ia além dos benefícios do bem estar físico, promovendo, também, efeitos de qualidade sobre a dimensão psicológica” (COSTA, 2001, p. 107).

Na sequência, os participantes foram questionados sobre as atividades culturais proporcionadas pela UATI e o seguinte resultado veio à tona, ressaltando-se que poderia ser citada mais de uma alternativa dentre as opções dadas:

Gráfico 12 - Atividades culturais promovidas pela UATI



Fonte: Dados da Pesquisa (2018).

Os dados revelam que as duas principais atividades culturais promovidas pela UATI são *Visita a exposição* (52%) e *Assistir peça teatro* (49%). Salienta-se ainda que 25% dos entrevistados afirmam que o programa não tem desenvolvido atividades culturais, pelo menos nos últimos anos. De acordo com os coordenadores do programa na UEFS, essa realidade tem acontecido por conta do corte de verbas e do

contingenciamento de despesas⁷ ao qual a UEFS foi submetida pelo Governo do Estado da Bahia, conforme Decreto Nº 16.417 de 16 de novembro de 2015.

Prosseguindo a pesquisa e trazendo à tona as relações interpessoais geradas pelo programa, os entrevistados expressaram como se sentem em relação aos colegas de UATI. Observou-se que 99% (72% Muito bom e 27% bom) dos entrevistados veem de maneira positiva o seu relacionamento com os demais colegas de programa, comprovando que o convívio em grupo, apoiado pela emergência de interesses comuns, trazem satisfação e prazer, possibilitando interações carregadas de afeto, como verifica-se nas falas subsequentes:

Tudo isso vai fazendo com que a gente se sinta bem, e o convívio com os nossos colegas também. (N, 55a, S, >1a).

(...) agora com a UATI é que eu estou me sentindo um pouquinho realizada. Porque eu convivo com pessoas diferentes, você conversa com um, você tem um problema, o outro tem outro, né? (...) Amizade! Um aconchego! (M, 64a, S, <1a).

(...) para mim foi antes da UATI e depois da UATI. (...) Mas agora, depois que eu vim para a UATI, minha vida mudou. Fiz novos amigos, faço alguns exercícios, tenho essa turma do artesanato, que é top (...) entre antigamente e agora, eu tô muito melhor agora. (...) Assim... movimento, mente, amizade, a maneira de eu ver a vida, tudo! Tudo, tudo, tudo! (...) Você pensa que com 60 você já está morrendo? Não! A vida começa, eu acho que é daí. (E, 60a, C, 4a).

E quando eu venho para aqui me sinto feliz, porque tem tanta amiga, não é?! A gente começa a conversar, dá risada... isso é uma alegria tão grande, que todo dia eu: "Tomara que chegue segunda-feira de tarde!" (...) Aqui é bom demais! (...) Eu pensei que não era assim tão bom como tá sendo. (H, 73a, V, 3a).

(...) o povo dizia assim: "Tu vai entrar na terceira idade e só vai lidar com velho!". Mas não... são pessoas da mente muito boa, muito jovens, sabe? É não tem nada de velho aqui. (...) só tem idade, mas a mente é boa, sadia e jovem. (...) Quando chega o dia de vim, eu fico com aquela ansiedade de vim logo, porque é muito bom. (MC, 64a, C, 6a).

Aí eu vim, mas não sabia que ia me sentir tão bem aqui. (...) Que na terceira idade a gente fica muito parado em casa, quer sair, não tem como se divertir porque não vai só... mas aqui não, a gente tá sempre em grupo. (AS, 71a, V, 7a).

O sentimento de pertencimento e o convívio social outorgam aos membros da UATI a construção de competências comunicativas que despontam num autoconhecimento, ou, até mesmo, numa ressignificação dessa fase da vida. Daí, o

⁷ Em 2013 a atividade econômica no Brasil sentiu o baque e os problemas referentes a histórica fragilidade fiscal e aos demais problemas estruturais. O nível de endividamento dos consumidores breiou a expansão do consumo; a escalada da inflação corroeu a renda. Tudo isso eclodiu numa forte crise econômica e política sentida, principalmente, a partir de 2015, que resultou num extenso contingenciamento de despesas que atingiu todos os entes da federação.

aprendizado, a auto-realização, a vontade de aprender e o bem-estar aparecem como consequências naturais desse processo.

Abramowicz (2001) garante que o suporte social representado pelo grupo e sua trama de interações, oportuniza aos participantes a percepção do “outro”, fato esse que confere ao indivíduo o sentido social do existir, do estar no mundo, do pertencer, do continuar sendo, apesar de estar vivenciando o processo de envelhecimento. Toda essa dinâmica é ainda marcada pelo movimento, pela busca do novo e pelo entusiasmo.

Ainda tratando de relações interpessoais, os entrevistados deixaram suas impressões acerca dos professores e da coordenação da UATI. Neste quesito, os participantes da pesquisa demonstraram 100% (80% Muito bom e 20% Bom) de satisfação na interação com os professores e coordenação do programa. Esse sentimento foi reiterado nos relatos dos entrevistados, como se pode conferir:

O professor é muito atencioso! (A,67a,V,<1a).

Eu acho um serviço muito bonito. Os professores são bons, eles têm uma dinâmica muito boa, assim... uma liderança de grupo. (N, 55a, S, >1a).

Pra começar, além dos exercícios, o auto astral da professora... que eu vou te dizer... a professora é... que nesses... nessas atividades que a gente faz que se chama oficinas, é primordial o tratamento dos professores com os alunos... (...) que eu acho que isso aí é tudo... estimula o aluno a vim para a aula, estimula o aluno a querer ser melhor, a querer se desenvolver, a querer... ter na mente da gente que a gente pode, que a gente consegue... (E, 60a, C, 4a).

Melhorou porque eu venho pra cá, fico conversando com as amigas... elas conversando, alegre... essa menina que tá aí (...), a professora, é uma benção... faz a gente dá risada... todas elas. (...) e ela tem um carinho por a gente, e interessa mesmo em ensinar, e eu tô aqui para aprender. (H, 73a, V, 3a).

Todos os meus professores e professoras são exemplos na minha vida. As palavras, as palestras... (LO, 72a, V, 10a).

A gente ama nossa professorinha. (...) sempre quando uma pessoa me pergunta eu digo que a UATI é maravilhosa. (IS, 82a, V, 18a).

Eu acho muito bom. Muito bom mesmo. A gente aprende muita coisa. Principalmente aqui com Eliana (professora de memórias), a gente aprende muita coisa. É tanto que nessa aula dela eu já tenho uns cinco ou seis anos, toda vida que existe a matrícula eu sempre continuo aí. (MI, 74a, V, 15a).

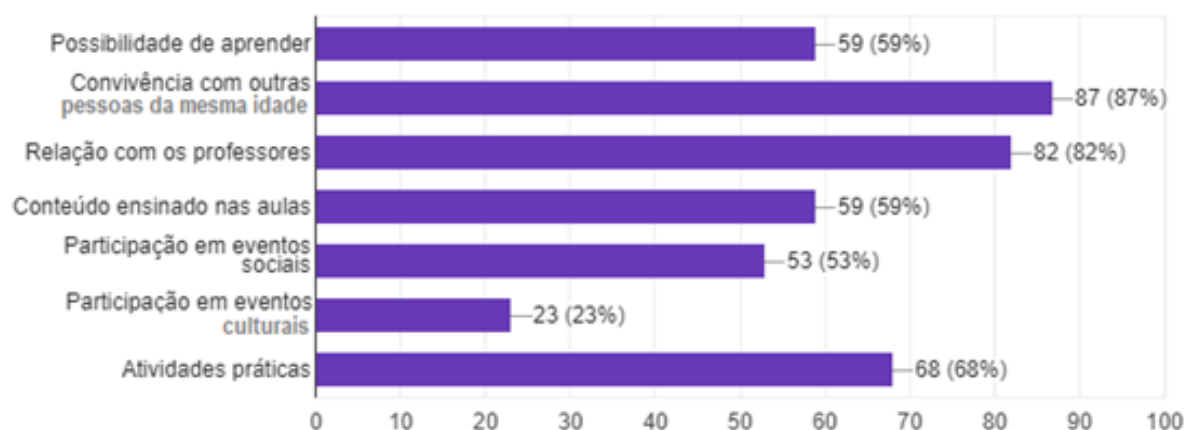
Essa satisfação referente ao corpo docente é explicada por Cachioni e Neri (2008), que colocam os alunos e professores dentro de uma relação repleta de ganhos afetivos e sociais. Para as autoras, as UATI's proporcionam um envelhecimento bem-sucedido, com alunos satisfeitos, mais autônomos e com a autoestima restaurada. Desta forma, os docentes se relacionam com idosos que apresentam atitudes e estilo

de vida distintos dos modelos comumente percebidos, e muitas vezes não admirados, fazendo com que os professores revejam seus entendimentos e padrões sobre o que é ser idoso (CACHIONI; NERI, 2008).

Assim, a relação interpessoal e intergeracional, entre docentes que ministram as oficinas e discentes, ocorre sob laços amoráveis e trocas intensas, emprestada pela longa experiência de vida dos idosos e pelo domínio dos professores sobre conteúdos novos e que estão em constante transformação. Esses aspectos propiciam a emergência de um cenário em que o ensino e a aprendizagem acontecem mutuamente, contemplando ambas as partes envolvidas: alunos e professores, ou seja, existe uma permuta enérgica de saberes. Entretanto, há que se destacar nessa análise que o funcionamento da UATI/UEFS está fortemente atrelado a contratação de profissionais que atuam como ministrantes de determinadas oficinas, esvaziando nesses casos o sentido da prática extensionista que é desenvolvida por docentes e discentes da universidade.

Feitas as considerações sobre as interações presentes na UATI, os entrevistados foram interrogados sobre os aspectos que mais os agradavam no programa, como mostra o gráfico a seguir, ressaltando-se que poderia ser citada mais de uma alternativa dentre as opções dadas:

Gráfico 13 - Aspectos da UATI que mais agradam os entrevistados



Fonte: Dados da Pesquisa (2018).

O Gráfico 13 destaca, mais uma vez, o aprazimento dos alunos quanto à *Convivência com outras pessoas da mesma idade* (87%) e a *Relação com os professores* (82%). Seguindo, soblevam-se as *Atividades práticas* (68%), o *Conteúdo ensinado nas aulas* (59%), a *Possibilidade de aprender* (59%) e a

Participação em eventos sociais (53%). A Participação em eventos culturais apresentou um resultado mais modesto, na casa dos 23%.

Evidenciando as categorias mais expostas pelos entrevistados, complementa-se a análise com o esteio das elocuições abaixo:

(...) eu mesmo, apesar de não ter 60 anos, eu aprendi muito com pessoas de mais idade que eu, e se desempenhar, ser feliz... e a gente não ficar mais naquele marasmo: "Ah, porque eu não aguento mais nada!". E, no entanto, a gente tá vendo pessoas de 70/80 anos, tudo na ativa. (LG, 56a, D, 3a).

(...) eu não sabia nem o que era criar arte. Depois que eu cheguei aqui, Graças a Deus, eu tô aprendendo muita coisa. (H, 73a, V, 3a).

Antes eu não saía para lugar nenhum, só uma vez ou outra, ficava só em casa... agora eu sempre venho para aqui, no final do ano tem as festas de encerramento. (EO, 77a, C, 17a).

Mas aí eu comecei a sair, fazia 9 oficinas, brincava, ficava a semana todinha fora de casa, só voltava em casa de noite ou, uma vez por outra, de tarde ou de manhã, e foi muito bom. A minha terceira idade é como se fosse a minha adolescência hoje. (LO, 72a, V, 10a).

Memórias é maravilhosa, Ave Maria! Teatro é ótimo, minhas colegas, nós somos muito amigas. Hidroginástica, Ave Maria! (...) Agora mesmo uma amiga me perguntou: "Como é que faz para entrar na UATI?"; eu disse: "É só você ir lá e se matricular. Agora só se matricula em fevereiro, depois dessas aula."; ela disse: "Esse ano eu vou."; eu disse: "Então vamos!". (IS, 82a, V, 18a).

Todas (as atividades) são muito boas! Principalmente o teatro que é a que eu mais gosto. (MR, 76a, Se, 16a).

Vê-se que a UATI, na qualidade de um espaço que visa a acolher indivíduos com singularidades marcadas por intensas e constantes transformações, tem atendido às principais expectativas do seu público. A promoção do bem-estar, da socialização, da saúde física e mental, do aprendizado contínuo, quer dizer, da qualidade de vida como um todo, é um fato legitimado pelos dados levantados e aqui expostos.

Assim sendo, no plano pessoal, o programa representa a possibilidade do autoconhecimento, de reencontrar a alegria e o prazer, de renascer, de ressignificar a velhice e de redescobrir todo o potencial individual; já no plano coletivo, a UATI se mostra como um ambiente participativo e interativo, onde o bem-estar com a vida e com a idade passam a ser compartilhados (NETTO, 2001).

Para fins de uma análise mais acurada sobre as repercussões da UATI em relação aos seus participantes, os entrevistados foram investigados quanto às mudanças ocorridas em suas vidas após ingresso no programa, ressaltando-se que poderia ser citada mais de uma alternativa dentre as opções dadas, conforme Gráfico 14 a seguir:

Gráfico 14 - Mudanças percebidas na vida dos participantes após ingresso na UATI

Fonte: Dados da Pesquisa (2018).

Novamente o *Aumento da sensação de bem-estar* (88%), que pode ser traduzido em melhoras físicas, mentais e emocionais, aparece como protagonista, seguido por categorias com grande representatividade, a exemplo do *Aumento da autoestima* (73%), *Sentir-se útil* (60%) e *Aumento da frequência dos momentos de socialização* (54%). Todos esses pontos também foram externados verbalmente através da entrevista semiestruturada:

As dores que eu sentia na coluna, já não sinto mais. Já senti bastante melhora já. Mais disposição. (D, 62a, Se, <1a).

(...) eu me sinto bem mais leve...por conta das minhas limitações hoje, né?! E para mim é tudo! (M, 64a, S, <1a).

E eu me sinto bem! (...) Pra mim tá ótimo... porque do jeito que eu vivia... eu, as vezes, em casa não conseguia fazer as coisas. (H, 73a, V, 3a).

Eu melhorei muito minha qualidade de vida. A vida inteira eu roí unha... tensão nervosa. (...) Depois que eu vim para a UATI deixei de roer a unha, sem motivo e sem razão! (...) Minha unha ficava nos cotoco que chegava a dar choque quando metia a mão na água. A vida toda foi assim. (...) Primeiro foi a da unha, que eu tinha vergonha... quando eu tinha um lugar para ir, eu tinha que colocar unha postiça... e a qualidade de vida melhorou muito e eu adquirir muitos conhecimentos. (...) Melhorou muito minha autoestima, minha maneira de pensar, de agir. (I, 70a, C, 10a).

(...) eu passei a ter autoestima, passei a ser uma pessoa mais alegre, mais dada... eu era mais fechada. (...) Mudou muito! Porque e comecei a sair muito, fazer viagens para longe que eu não fazia. Teve uma mudança muito grande na minha vida. Passei a conhecer lugares que eu nunca nem imaginaria. (...) Muito bom. É bom para a minha mente, é bom para o meu corpo, eu me sinto assim... renovada. (MC, 64a, C, 6a).

(...) eu era muito... não sei se era tímida, mas era muito... não era muito social. Eu era meia... (...) Então, eu era muito fechada, meia retraída, eu não não conversava muito, falava muito pouco. Hoje em dia eu sou uma tagarela! Rsr rsr... Muito tagarela. Converso, bato papo em público... se for possível já dou até uma palestra, parece até que eu me formei, mas não me formei em

nada não. A única formatura que tenho é de costureira, que eu me formei e corte costura. Só isso. Mas melhorei muito. (IS, 82a, V, 18a).

Hoje eu dou risada, sorrio... e antigamente eu era muito triste, muito fechada, tímida... e me abri. Hoje eu sou outra pessoa. (MR, 76a, Se, 16a).

Reitera-se, desta forma, a natureza potencializadora e compensatória da UATI. O programa confirma seu papel de suporte e aporte social frente ao seu público, engajado na promoção do bem-estar e da qualidade de vida dos idosos.

Nesta análise comparou-se também de que forma as percepções sobre a UATI e os benefícios atribuídos ao programa variam de acordo com o tempo de frequência no programa:

Quadro 2 - Comparativo das percepções e benefícios da UATI de acordo com o tempo de frequência

TEMPO DE UATI	RELATOS
<p style="text-align: center;">MENOS DE 01 ANO</p>	<p>O tratamento dos professores com a gente, todos os exercícios que eu estou fazendo, que eu estou me sentindo muito bem, bem melhor do que eu era. Então pra mim, isso tá maravilhoso. (...) é muitas dores que eu sentia, e hoje em dia, Graças a Deus... o joelho era dessa grossura, depois disso já melhorou muito. (A, 67a, V, <1a)</p>
	<p>Eu acho um serviço muito bonito. Os professores são bons, eles tem uma dinâmica muito boa, assim... uma liderança de grupo. Tudo isso vai fazendo com que a gente se sintam bem, e o convívio com os nossos colegas também. Tudo isso já vem... como é que se diz? Uma coisa vai se desenvolvendo com a outra... (N, 55a, S, >1a)</p>
	<p>As dores que eu sentia na coluna, já não sinto mais. Já senti bastante melhora já. Mais disposição. (D, 62a, Se, <1a)</p>
	<p>(...) eu me sinto bem mais leve...por conta das minhas limitações hoje, né?! E para mim é tudo! (M, 64a, S, <1a).</p>
<p style="text-align: center;">DE 01 A 05 ANOS</p>	<p>(...) mas para mim assim... eu até falei ali na sala... para mim foi antes da UATI x depois da UATI. (...) Mas agora, depois que eu vim para a UATI, minha vida mudou. Fiz novos amigos, faço alguns exercícios, tenho essa turma do artesanato, que é top (...) entre antigamente e agora, eu tô muito melhor agora. (...) Assim... movimento, mente, amizade, a maneira de eu ver a vida, tudo! Tudo, tudo, tudo! (...)Você pensa que com 60 você já está morrendo? Não! A vida começa, eu acho que é daí. (E, 60a, C, 4a).</p>
	<p>... eu mesmo, apesar de não ter 60 anos, eu aprendi muito com pessoas de mais idade que eu, e se desempenhar, ser feliz... e a gente não ficar mais naquele marasmo: "Ah, porque eu não aguento mais nada!". E, no entanto, a gente tá vendo pessoas de 70/80 anos, tudo na ativa... (LG, 56a, D, 3a).</p>
	<p>Melhorou porque eu venho pra cá, fico conversando com as amigas... elas conversando, alegre (...) Eu acho ótimo. Quando nada, as dores não continua com era. Porque quanto mais a gente fica parada, pior! (...) E eu me sinto bem! (...) Pra mim tá ótimo... porque do jeito que eu vivia... eu, as vezes, em casa não conseguia fazer as coisas, e aqui a gente vem e faz leva tudo pronto... chegar em casa, umas coisas que falta a gente completa, e tô vivendo assim. (H, 73a, V, 3a).</p>

(Continuação)

	Eu faço física de manhã e aí mudou muita coisa... eu comecei a ficar mais alerta, tenho mais vontade de trabalhar quando chego em casa. (...) Mais disposta. (AM, 56a, V, 3a)
DE 06 A 10 ANOS	Eu melhorei muito minha qualidade de vida. A vida inteira eu roí unha... tensão nervosa. (...) Depois que eu vim para a UATI deixei de roer a unha, sem motivo e sem razão! (...) Minha unha ficava nos cotoco que chegava a dar choque quando metia a mão na água. A vida toda foi assim. Melhorou muito minha autoestima, minha maneira de pensar, de agir (I, 70a, C, 10a)
	(...)eu passei a ter autoestima, passei a ser uma pessoa mais alegre, mais dada... eu era mais fechada. (...)Mudou muito! Porque e comecei a sair muito, fazer viagens para longe que eu não fazia. Teve uma mudança muito grande na minha vida. Passei a conhecer lugares que eu nunca nem imaginaria. (...) Muito bom. É bom para a minha mente, é bom para o meu corpo, eu me sinto assim... renovada. (MC, 64a, C, 6a)
	Aí eu vim, mas não sabia que ia me sentir tão bem aqui. (...) Que na terceira idade a gente fica muito parado em casa, quer sair, não tem como se divertir porque não vai só... mas aqui não, a gente tá sempre em grupo. (AS, 71a, V, 7a)
	Mas aí eu comecei a sair, fazia 9 oficinas, brincava, ficava a semana todinha fora de casa, só voltava em casa de noite ou, uma vez por outra, de tarde ou de manhã, e foi muito bom. A minha terceira idade é como se fosse a minha adolescência hoje. (LO, 72a, V, 10a).
ACIMA DE 11 ANOS	Melhorou 100%! E Tai chi também que ensina a gente a respirar melhor também, muitas vezes a gente ficava tomando remédio para melhorar as coisas e agora não. (...)Antes eu não saía para lugar nenhum, só uma vez ou outra, ficava só em casa... agora eu sempre venho para aqui, no final do ano tem as festas de encerramento. (EO, 77a, C, 17a)
	(...)eu era muito... não sei se era tímida, mas era muito... não era muito social. Eu era meia... (...)Então, eu era muito fechada, meia retraída, eu não não conversava muito, falava muito pouco. Hoje em dia eu sou uma tagarela! Rsr rsr... Muito tagarela. Converso, bato papo em público... se for possível já dou até uma palestra, parece até que eu me formei, mas não me formei em nada não. A única formatura que tenho é de costureira, que eu me formei e corte costura. Só isso. Mas melhorei muito. (IS, 82a, V, 18a)
	Eu acho muito bom. Muito bom mesmo. A gente aprende muita coisa. Principalmente aqui com Eliana (professora de memórias), a gente aprende muita coisa. É tanto que nessa aula dela eu já tenho uns cinco ou seis anos, toda vida que existe a matrícula eu sempre continuo aí. (MI, 74a, V, 15a)
	Hoje eu dou risada, sorrio... e antigamente eu era muito triste, muito fechada, tímida... e me abri. Hoje eu sou outra pessoa. (MR, 76a, Se, 16a)

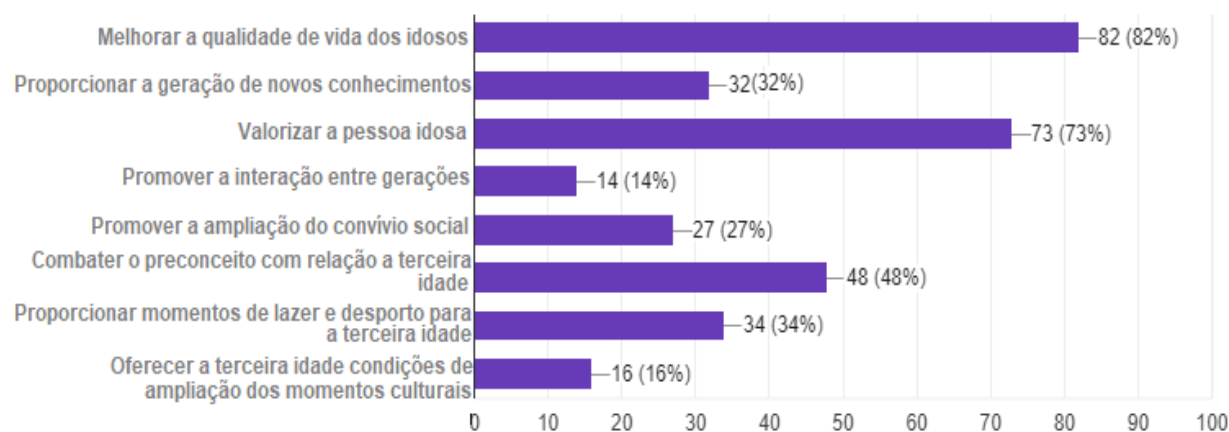
Fonte: Dados da Pesquisa (2018).

É bem verdade que, independentemente do tempo de ingresso na UATI, todos os relatos apontam impressões positivas e reais benefícios alcançados. Todavia, avista-se uma sutil variação entre as alunos com menos de 01 anos e os demais. No

início, as percepções giram em torno dos ganhos físicos e da relação amistosa com os professores. Esses, nesse caso, figuram como atores com os quais a interação, por parte dos alunos, é inevitável e obrigatória. Com o passar do tempo, as percepções e repercussões do programa vão se transmutando, adquirindo profundidade e contornos que a curto prazo não podem ser sentidos plenamente. Nesse percurso as amizades solidificam-se, a solidão dilui-se, a autoestima e a autoconfiança sedimentam-se, e assim, os benefícios proporcionados pela UATI transcendem os proveitos físicos, atingindo também as questões psíquicas e sociais, reestruturando o processo de envelhecimento dos seus participantes.

À guisa de conclusão desse bloco, os entrevistados expuseram suas percepções sobre quais seriam os objetivos da UATI, ressaltando-se que poderia ser citada mais de uma alternativa dentre as opções dadas:

Gráfico 15 - Percepção dos entrevistados sobre os objetivos da UATI



Fonte: Dados da Pesquisa (2018).

Os entrevistados, em sua maioria, elegeram os seguintes tópicos como representantes dos objetivos da UATI: *Melhorar a qualidade de vida dos idosos* (82%), *Valorizar a pessoa idosa* (73%) e *Combater o preconceito com relação a terceira idade* (48%). Fazendo um paralelo com os objetivos oficiais do programa – estimular a promoção da saúde, a socialização dos saberes, a prática de esportes, as relações sociais, o lazer, a arte, a cultura, a inclusão digital, a reinserção no setor produtivo, a reintegração sócio-comunitária, o fortalecimento dos vínculos familiares, o equilíbrio psicossomático, a preparação para a Terceira Idade e a educação permanente (UEFS, 2018) – nota-se afinidade entre os benefícios percebidos pelos alunos e as reais propostas anunciadas. Logo, pode-se deduzir que, em linhas gerais, a UATI está conseguindo alcançar seus propósitos.

5.4 CRÍTICAS E SUGESTÕES PARA A MELHORIA DA UATI

Na última categoria abordada pelas entrevistas, os participantes foram interpelados sobre possíveis críticas ou sugestões de melhoria para a UATI. Isto porque, uns dos objetivos desta pesquisa é colaborar para o fortalecimento do programa, logo, conhecer as fragilidades do mesmo torna-se imprescindível neste processo.

Na maior parte dos casos, os alunos expressaram irrestrito contentamento com as práticas e atividades do programa, não conseguindo esboçar formas concretas de melhoria da UATI, como demonstra o Gráfico 16, ressaltando-se que poderia ser citada mais de uma alternativa dentre as opções dadas:

Gráfico 16 - Sugestões de melhorias para a UATI na opinião dos entrevistados



Fonte: Dados da Pesquisa (2018).

Mais da metade dos entrevistados (55%) afirmam que a UATI não necessita de melhorias, muito por conta da afetividade nas relações e em gratidão aos benefícios alcançados através da participação no programa. Contudo, é sabido que sempre há espaço para incrementos e avanços, como os que podem ser averiguados no Gráfico 16. Dentre esses, destacam-se melhorias no *Espaço físico* (15%), *Inclusão de novas atividades/disciplinas* (12%), *Horários das atividades/aulas* (7%) e *Aumentar o número de vagas das atividades* (5%).

Nas entrevistas semiestruturadas, o resultado desta categoria deu-se de maneira similar, ou seja, e grande parte dos entrevistados reafirmou a plena satisfação frente a UATI:

Assim, pra mim tá ótimo! Não tem o que falar! (A, 67a, V, <1a).

Por enquanto, para mim, não tem dizer assim: “isso aqui tem que mudar!” (M, 64a, S, <1a).

Realmente não sei... sei que até aqui eu tô me sentindo bem. (H, 73a, V, 3a).

Agora, assim, eu não sei dizer. Pra mim tá tudo bem. (...) Porque quando eu preciso de uma atividade, tá aberta para mim. Então eu não tenho assim... reclamação. (AS, 71a, V, 7a).

Eu vejo tudo normal aqui. (...) Tá tudo bem. (LO, 72a, V, 10a).

Por enquanto estou achando bom, tá ótimo. (EO, 77a, C, 17a).

Eu acho tudo tão bom, tão perfeito que... se puder melhorar é bom, mas eu não tenho lembrança do que melhorar. (MR, 76a, Se, 16a).

Contudo, outros entrevistados manifestaram suas sugestões e vontades de mudança para o programa. Fazendo um paralelo com a entrevista estruturada, alguns itens vistos no Gráfico 16 também foram relatados através das falas levantadas, a exemplo das questões referentes à estrutura física, que agora aparece pela carência de material adequado para a realização de algumas atividades:

(...) só mais aparelhos, comprar mais aparelhos, porque ainda são poucos, (...) aqui no pilates. (D, 62a, Se, <1a).

Aqui na parte de pilates, a Universidade devia ajudar a gente mais, devia colocar mais aparelhos pra gente (...) Mais material, porque só deu os colchonetes. (...) Quando ele (professor) vai fazer atividade de evitar queda, como vai ter de hoje a quinze, o material é dele, que ele traz. (I, 70a, C, 10a).

Outros tópicos afins nas duas entrevistas, considerados como possíveis focos de melhorias, são o número de vagas das atividades e o aumento da frequência das aulas:

Sempre precisa, né? As vezes a gente quer participar de uma atividade e não acha vaga. Deveria aumentar o número de vagas das atividades. Eu mesma queria participar de hidroginástica e até hoje não consegui. (...) Tem muita gente que quer participar de outras atividades e não consegue. E se aumentar a vaga para tudo, satisfaz a todo mundo. (MC, 64a, C, 6a).

(...) pelo menos que aumentasse a carga horária, que fosse pelo menos uns três dias... (N, 55a, S, >1a).

Uma outra questão levantada pelos participantes foi o gasto com o transporte, visto que o programa aceita alunos com menos de 60 anos (idade mínima para isenção no pagamento de passagens no transporte coletivo), e esses precisam arcar com as despesas de locomoção até a UATI, fato esse que, por muitas vezes, compromete a assiduidade de alguns discentes:

Assim... não é só as pessoas acima de 60 anos que frequenta, então eu achava que a gratuidade no transporte coletivo seria melhor. Porque as vezes a gente não pega mais oficina, devido ao transtorno... a gente tem que pagar passagem e não é sempre que a gente tem o dinheiro para pagar a passagem... e aí complica um pouquinho. (LG, 56a, D, 3a).

(...) para vim para a UATI... para facilitar o transporte... (AM, 56a, V, 3a).

Ademais, a diminuição do investimento em atividades culturais também foi sentido e identificado como cerne de melhoramento:

(...) uma coisa que eu acho que precisaria melhorar muito as atividades das Terças Culturais⁸. Era de 08 em 08 (dias) e tinha muita coisa. (...) Hoje em dia é de 15 em 15 (dias) e quase que não tem nada (atividades). A pessoa vai lá, mas não vai ver nada. Antigamente, quando não tinha um palestrante, tinha um cinema, um filme, tinha uma brincadeira, tinha alguma coisa assim que distraía a gente. Hoje em dia não tem. (IS, 82a, V, 18a).

Do mesmo modo, questões práticas, do dia-a-dia, como uma melhor comunicação entre os alunos e a coordenação foram zonas de insatisfação de alguns alunos, conforme relato abaixo:

Tem sim como melhorar... assim... quando não tiver aula ter alguém que avise a gente, pra gente não vir aqui e não encontrar ninguém. Quando tiver greve, avisar. Porque as vezes a gente vem e encontra fechado, e as vezes a gente não consegue nem entrar. (MI, 74a, V, 15a).

Enfim, são todas sugestões válidas, que visam, sobretudo, o aperfeiçoamento da UATI e o atendimento apropriado às demandas do alunado, e que compõem um elenco de melhorias que, se colocadas em prática, promoverão o fortalecimento do programa enquanto importante ferramenta de suporte social para idosos, isto é, enquanto política pública institucional de relevante valia social. Constata-se assim, que ao final desta análise de dados, foi possível traçar-se um mapa no qual conseguiu-se localizar, claramente, as repercussões da UATI na vida dos seus participantes, além de identificar os impactos das atividades desenvolvidas nas relações sociais, na vida cultural e de lazer dos idosos, reconhecendo também as expectativas desses indivíduos frente ao programa.

⁸ Evento que acontecia no CUCA todas as terças e que não está acontecendo mais.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O envelhecimento populacional motivou um aumento substancial no número de estudos empíricos e teóricos sobre a velhice, inclusive no Brasil, onde os benefícios concedidos aos idosos – e demais segmentos sociais – pelo Estado são visivelmente precários. Por parte das instituições sociais, observa-se uma progressiva agitação na direção desse crescente segmento populacional (NERI; CACHIONI, 1999). E é nesse contexto que insurgem as UATI's, como fomentadoras, por meio de práticas diversas, de uma velhice bem sucedida, que leve em conta toda heterogeneidade do processo de envelhecimento, conforme discutido ao longo deste trabalho.

Analisando especificamente a UATI/UEFS, foi possível identificar como e em quais aspectos o programa repercute na vida de seus participantes, ou seja, o objetivo geral desta pesquisa foi alcançado. Ficou provado que, com a chegada da terceira idade, os indivíduos notam mudanças bruscas em suas vidas, transformações que atingem o corpo, a mente e as relações sociais. Muitas vezes, o declínio físico vem acompanhado de perdas, sentimento de solidão e da sensação de inutilidade causada pelo fim das relações de trabalho e saída do sistema produtivo.

Todas essas percepções negativas contidas no abeiramento e entrada na terceira idade foram referidas pelos participantes como atenuadas com o ingresso na UATI. Primeiramente foi possível inferir que os alunos sentiram melhoras físicas significativas após a prática de exercícios nas oficinas oferecidas pelo programa. Essas atividades promoveram não apenas o restabelecimento de funções físicas deterioradas, como também viabilizaram a quebra de tabus em relação ao corpo e sua funcionalidade, além de oportunizar aprendizado e interação interpessoal. Logo, a prática de atividades física caracterizou-se como uma praxe que oferece os benefícios físicos já esperados, acrescidos de valorosos proveitos psicológicos.

Captou-se ainda, que o sentimento de solidão acompanhado da falta de preenchimento do tempo livre, ora ocasionado pela aposentadoria, ora pela isenção de responsabilidades domésticas como consequência da saída dos filhos de casa, ou até mesmo da viuvez, também constitui impressão negativa da chegada da velhice. Em contrapartida, alguns idosos afirmaram que a liberdade, como resultante da diminuição das responsabilidades domésticas e familiares, é o ponto alto da chegada

da terceira idade, pois faculta ao indivíduo a oportunidade de viver novas experiências, embasadas na satisfação própria, o que nem sempre foi possível ao longo da vida. Em ambas as percepções, a UATI figurou como protagonista na vida dos entrevistados, seja como ambiente de ressocialização e suporte social, seja como oportunidade de aprendizado e de práticas de atividades prazerosas para preenchimento de tempo livre.

Em relação ao primeiro objetivo específico, isto é, analisar os efeitos das atividades desenvolvidas através da UATI/UEFS na ampliação das relações sociais, na vida cultural e de lazer dos idosos, identificou-se que a interação com os professores e colegas da UATI foram também referenciadas como geradoras de laços afetivos sólidos, repletos de amizade e companheirismo. A sensação de utilidade e pertencimento, as trocas intergeracionais carregadas de aprendizados, a prática de atividades aprazíveis, os momentos de socialização e lazer, entre outros, agradam e atendem às expectativas dos alunos em suas singularidades e demandas específicas. Entretanto, tratando das atividades culturais, foi detectada uma diminuição, quase extinção, da promoção dessas ações pelo programa. Isso foi atribuído à severa crise política e econômica vivida no Brasil desde 2015, que atingiu todos os entes da federação, inclusive o Estado da Bahia, e afetou duramente todas as universidades públicas e, conseqüentemente, suas políticas institucionais. Com isso, a UEFS foi submetida a um decreto de contingenciamento de despesas e que resvalou na UATI, implicando, diretamente, nas atividades desenvolvidas pelo programa.

O segundo objetivo específico buscou refletir sobre as expectativas dos participantes do programa quanto a essa política institucional de inclusão social. Via de regra, a pesquisa apontou que o programa tem atendido às expectativas dos participantes, expectativas essas expressadas no aumento da qualidade de vida, no desejo da ampliação das relações sociais, na busca do conhecimento, no refreamento da solidão/isolamento, no combate ao preconceito em relação à terceira idade e da prática de atividades saudáveis e deleitáveis, garantindo assim um bem-estar tangível.

Portanto, como coloca Neri e Cachioni (1999), os próprios idosos reconhecem a UATI, como um espaço para o fortalecimento da autoconfiança, do autoconhecimento e da autonomia, além propiciar aprendizagem e interação social, contribuindo assim...

[...] para a diminuição da dependência da população idosa, beneficiando seu bem-estar físico e psicológico, o que resulta vantajoso para as famílias e a sociedade, para a Previdência Social e para o sistema de saúde. (NERI; CACHIONI, 1999, p. 124).

Todo esse caminho que deve ser percorrido em busca de uma melhor qualidade de vida na terceira idade, isto é, de uma velhice bem sucedida. E para isso... “É importante que o idoso conheça e auxilie na elaboração dessas reformas paradigmáticas da velhice do século XXI. Reformulando-se... ele reformula o mundo.” (LIMA, 2001, p. 25).

A guisa de conclusão e respondendo ao terceiro objetivo específico, segue abaixo um roteiro de sugestões práticas, que também se configura como produto desta pesquisa, baseado nos resultados obtidos, para o fortalecimento da UATI/UEFS:

Figura 2 - Roteiro de sugestões para o crescimento e fortalecimento da UATI

Utilizar os recursos internos da UEFS para oferta das atividades, inclusive culturais.	<ul style="list-style-type: none"> • Fomentar a participação da comunidade interna da UEFS no programa: docentes, discentes e técnicos. • Disponibilizar espaços e equipamentos da UEFS pra realização de atividades da UATI, a exemplo do acervo da biblioteca, museus, eventos acadêmicos ou demais eventos realizados no <i>campus</i> e em unidades <i>extra campus</i> da UEFS.
Desenvolver atividades para atrair o público masculino.	<ul style="list-style-type: none"> • Promover oficinas e cursos voltados para os homens idosos, de acordo com as demandas desse público
Incrementar o programa nos quesitos “estrutura física” e “materiais para desenvolvimento das atividades”.	<ul style="list-style-type: none"> • Investir na aquisição de novos aparelhos para o pleno desenvolvimento das oficinas, a exemplo pilates e, no caso da hidroginástica, promover adaptação na piscina de modo a favorecer as condições de acessibilidade pelos idosos, dada as limitações físicas desse público.
Melhorar a comunicação entre alunos, coordenação e corpo docente.	<ul style="list-style-type: none"> • Abrir um canal de comunicação direta com alunos, a exemplo de uma lista de transmissão por aplicativos de mensagens, ou, em casos pontuais, realizar contato telefônico de modo que os alunos recebam informações relevantes de forma tempestiva.
Aumentar o número de vagas no programa.	<ul style="list-style-type: none"> • Ampliar o quadro de professores envolvidos ou reformular a duração das oficinas. Por exemplo, ao invés de serem oferecidas duas turmas de aulas de pilates, Yoga, Dança, Tai chi chuan, Treinamento de força, dentre outras, com duração de uma hora cada, poderiam ser disponibilizadas três turmas com aulas de quarenta minutos cada.

Fonte: Dados da Pesquisa (2018).

Assim, ficam as contribuições deste trabalho para o crescimento e fortalecimento da UATI. Espera-se que esse programa, de provada relevância social, continue sua bela e eficaz empreitada de fazer do processo de envelhecimento um caminho bem sucedido e digno, ausente de preconceitos e repleto de aprendizado.

REFERÊNCIAS

ABRAMOWICZ, M. Tempo de ser: envelhecimento e a trama das interações sociais em grupo de voluntárias. In: KACHAR, V. (Org.). **Longevidade: um novo desafio para a educação**. São Paulo: Cortez, 2001.

ADDAD, E. G. M. **A ideologia da velhice**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2016.

ARRUDA, I. E. A. Reflexões sobre o idoso e o programa Universidade da Terceira Idade. **Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano**, Passo Fundo, v. 4, n. 2, p. 94-113, jul./dez. 2007. Disponível em: <<http://seer.upf.br/index.php/rbceh/article/view/134/106>>.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016.

BEAUVOIR, S. **A velhice** Tradução de Maria Helena Franco Monteiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BERNARDI, M. L. **Avaliação da política pública de atendimento para terceira idade – limites e possibilidades da integração social no programa de extensão UNATI – Universidade Aberta à Terceira Idade da UNICENTRO (PR)**. 2014. 140 f. Dissertação (Mestrado em Gestão de Políticas Públicas) – Centro de Ciências Sociais e Jurídicas, Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí, 2014.

BERQUÓ, E. Considerações sobre o envelhecimento da população no Brasil. In: NERI, A. L.; DEBERT, G. G. (Org.). **Velhice e sociedade**. Campinas: Papyrus, 1999.

BOSI, E. **Memória e sociedade: lembrança de velhos**. 3.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BAHIA. **Lei nº 12.925 de 17 de dezembro de 2013**. Dispõe sobre a Política Estadual da Pessoa Idosa e dá outras providências. Bahia: Palácio do Governo do Estado da Bahia, 2013.

BRASIL. **Constituição Federal de 1988**. Constituição da República Federativa do Brasil: texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações determinadas pelas Emendas Constitucionais de Revisão nos 1 a 6/94, pelas Emendas Constitucionais nos 1/92 a 91/2016 e pelo Decreto Legislativo no 186/2008. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2016.

_____. **Lei nº 8.842, de 4 de janeiro de 1994.** Dispõe sobre a Política Nacional do Idoso, cria o Conselho Nacional do Idoso e dá outras providências. Brasília: Congresso Nacional, 1994.

_____. **Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003.** Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. Brasília: Congresso Nacional, 2003.

_____. **Política Nacional de Extensão Universitária.** Manaus: FORPROEX, 2012.

_____. **Portaria nº 2.528, de 19 de Outubro de 2006.** Aprova a Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa. Brasília: Ministério da Saúde, 2006.

BUCCI, M. P. D. Políticas públicas e direito administrativo. **Revista de Informação Legislativa**, Brasília, v. 34, n. 133, p. 89-98, jan./mar. 1997. Disponível em: <<http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/198/r133-10.PDF?sequence=4>>.

CACHIONI, M. **Formação profissional, motivos e crenças relativas à velhice e ao desenvolvimento pessoal entre professores de universidades da terceira idade.** 2002. 276 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

_____. Gerontologia educacional/educação gerontológica. In: NERI, A. L. (Org.). **Palavras-chave em gerontologia.** 3.ed. Campinas: Alínea, 2008.

_____; NERI, A. L. Educação e gerontologia? Desafios e oportunidades. **Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano**, Passo Fundo, p. 99-115, jan./jun. 2004. Disponível em: <<http://seer.upf.br/index.php/rbceh/article/view/49/56>>.

_____; NERI, A. L. Motivos e vantagens associados ao exercício da docência em universidades da terceira idade. **Estudos Interdisciplinares Sobre O Envelhecimento**, Porto Alegre, v. 13, n. 1, p. 27-54, 2008. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/RevEnvelhecer/article/view/6946/4214>>.

CALDAS, C. P.; THOMAZ, A. F. A velhice no olhar do outro: uma perspectiva do jovem sobre o que é ser velho. **Revista Kairós Gerontologia**, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 75-89, nov. 2010. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/5367>>.

CARVALHO, E. T. F. Geriatria não faz milagres. **Revista Brasileira de Clínica e Terapêutica**, São Paulo, v. 13, n. 7, p. 28-32, jul. 1984.

COSTA, G. A. Corporeidade, atividade física e envelhecimento: desvelamentos, possibilidades e aprendizagens significativas. In: KACHAR, V. (Org.). **Longevidade: um novo desafio para a educação**. São Paulo: Cortez, 2001.

CUENCA, M. E. Motivación hacia el aprendizaje en las personas mayores más allá de los resultados y el rendimiento académico. **Revista de Psicología y Educación**, n. 6, p. 239-254, 2011.

DEBERT, G. G. A construção e a reconstrução da velhice: família, classe social e etnicidade. In: NERI, A. L.; DEBERT, G. G. (Org.). **Velhice e sociedade**. Campinas: Papyrus, 1999.

_____; G. G. **A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento**. 1. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2012.

DEMO, P. **Introdução à metodologia da ciência**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1985.

FEIRA DE SANTANA. **Lei nº 3647 de 08 de dezembro de 2016**. Dispõe sobre Assuntos do Interesse da Pessoa Idosa e dá outras providências. Feira de Santana: Câmara Municipal, 2016.

_____. **Lei nº 3812, de 04 de abril de 2018**. Dispõe sobre a Política Municipal de Atenção ao Idoso, no âmbito do município de Feira de Santana e dá outras providências. Feira de Santana: Câmara Municipal, 2018.

FERNANDES, M. T. O.; SOARES, S. M. O desenvolvimento de políticas públicas de atenção ao idoso no Brasil. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 46, n. 6, p.1494-1502, 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v46n6/29.pdf>>.

FERREIRA, M. R. S. C. **Qualidade de vida: uma análise dos indicadores de QV sob a percepção dos idosos da Universidade Integrada da Terceira Idade**. 2013. 116 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Administração) – Fundação Cultural Dr. Pedro Leopoldo, Pedro Leopoldo, 2013.

FONTANELLA, B. J. B.; LUCHESI, B. M.; SAIDEL, M. G. B.; RICAS, J.; TURATO, E. R.; MELO, D. G. Amostragem em pesquisas qualitativas: proposta de procedimentos para constatar saturação teórica. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 2, p. 389-394, fev. 2011. Disponível em: <<https://www.scielosp.org/pdf/csp/2011.v27n2/388-394/pt>>.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 43. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOLDIM, J. R.; FRANCISCONI, C. F. Os comitês de ética hospitalar. **Revista de Medicina ATM**, v. 15, n. 1, p. 327-34, 1995. Disponível em: <http://jornalmedicina.cfm.org.br/index.php/revista_bioetica/article/view/340/408>.

_____; PITHAN, C. F.; OLIVEIRA, J. G.; RAYMUNDO, M. M. O processo de consentimento livre e esclarecido em pesquisa: uma nova abordagem. **Revista da Associação Médica Brasileira**, São Paulo, v. 49, n. 4, p. 372-374, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-42302003000400026>.

GRAMSCI, A. **Concepção dialética da história**. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

GUEDES, N. M.; VAHL, I. A. C. O despertar de uma força: experiência da Universidade Federal de Santa Catarina com a população idosa. In: **A população idosa no Brasil**. I Seminário Nacional de Especialistas Multi-disciplinares em 3ª Idade. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1992.

IBGE, INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Projeções da população do Brasil**, 2013.

LIMA, M. A. A gestão da experiência de envelhecer em um programa para a Terceira Idade: a UnATI/UERJ. **Textos sobre Envelhecimento**, v. 2, n. 2, 56 p., 1999.

LIMA, M. P. **Gerontologia educacional**: uma pedagogia específica para idosos uma nova concepção de velhice. São Paulo: LTr, 2000.

_____. Reformas paradigmáticas na velhice do século XXI. In: KACHAR, V. (Org.). **Longevidade**: um novo desafio para a educação. São Paulo: Cortez, 2001.

LINS, T. Gerontólogo educacional brasileiro: a construção do modelo brasileiro. **Revista Kairós Gerontologia**, São Paulo, v. 16, n. 3, p.117-140, 2013.

LODOVICI, F. M. M.; SILVEIRA, N. D. R. Interdisciplinaridade: desafios na construção do conhecimento gerontológico. In: **Estudos interdisciplinares sobre o envelhecimento**, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 291-306, 2011. Disponível em <<http://seer.ufrgs.br/RevEnvelhecer/article/view/24814/15444>>.

MAGALHÃES, D. N. **A invenção Social da Velhice**. Rio de Janeiro: Ed. Papagaio, 1989.

MARTINS DE SÁ, J. L. Da universidade da 3ª idade para a comunidade: educação popular x educação acadêmica. In: Pontifícia Universidade Católica de Campinas. **Cadernos de Serviço Social**, Campinas: Núcleo de Políticas Sociais e Serviço Social, 1998.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 23. ed. Petrópoles: Vozes, 2004.

_____; SANCHES, O. Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade? **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 239-262, jul./set.1993.

MORAES, R. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

NAHAS, M. V. **Atividade física, saúde e qualidade de vida: conceitos e sugestões para um estilo de vida ativo**. Londrina: Midigraf, 2013.

NASCIMENTO, A. C. F. **Envelhecimento: experiências de idosos e idosas de níveis sociais diferentes na cidade de São Paulo**. 2007. 107 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Faculdade de Ciências Médicas, Santa Casa de São Paulo, São Paulo, 2007.

NERI, A. L.; CACHIONI, M. Velhice bem-sucedida e educação. In: NERI, A. L.; DEBERT, G. G. (Org.). **Velhice e sociedade**. Campinas: Papyrus, 1999.

_____. **Palavra-chave em gerontologia**. Campinas: Ed. Alínea, 2005.

NETTO, A. J. Universidade aberta para a maturidade: avaliação crítica de uma avançada proposta educacional e social. In: KACHAR, V. (Org.). **Longevidade: um novo desafio para a educação**. São Paulo: Cortez, 2001.

OLIVEIRA, R. C.; OLIVEIRA, F. S. Políticas públicas, educação e o protagonismo dos idosos na universidade. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 8, 2008, Curitiba. **Anais...** Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2008.

Disponível em:

<http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/786_362.pdf>.

_____; SCORTEGAGNA, P. A. A Educação na Terceira Idade: conhecimentos a partir da análise das produções. In: Reunião Científica Regional da ANPED, 11, 2016, Curitiba. **Anais...** Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2016. Disponível em: <http://www.anpedsul2016.ufpr.br/wp-content/uploads/2015/11/eixo13_RITA-DEC%C3%81SSIA-DA-SILVA-OLIVEIRA-PAOLA-ANDRESSA-SCORTEGAGNA.pdf>.

OMS, ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **Relatório Mundial de Envelhecimento e Saúde de 2015**. Disponível em: <<http://sbgg.org.br/wp-content/uploads/2015/10/OMS-ENVELHECIMENTO-2015-port.pdf>>.

PACHECO, J. L. As universidades abertas à terceira idade como espaço de convivência entre gerações. In: SIMSON, O. R. M. V.; NERI, A. L.; CACHIONI, M. (Org.). **As múltiplas faces da velhice no Brasil**. Campinas: Alínea, 2003.

PATROCÍNIO, W. P.; PEREIRA, B. P. C. Efeitos da educação em saúde sobre as atitudes de idosos e sua contribuição para a educação gerontológica. **Trabalho, Educação e Saúde**, Rio de Janeiro, v. 11 n. 2, p. 375-394, mai./ago. 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tes/v11n2/a07v11n2.pdf>>.

PAÚL, C. Envelhecimento e ambiente. In: L. SOCKZA. **Contextos Humanos e Psicologia Ambiental**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2005.

PAULA, D. B. **Universidade aberta à terceira idade e o espaço de sociabilidade**. 2009. 22 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Gestão de Mídia, Informação e Cultura) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

PAVARINI, S. C. et al. A arte de cuidar do idoso: gerontologia como profissão? **Revista Texto e Contexto – Enfermagem**, Florianópolis, v. 14, n. 3, p. 398-402, jul./set. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tce/v14n3/v14n3a11>>.

PEIXOTO, N. **A percepção da qualidade de vida pelos idosos da Universidade Aberta para Maturidade – UNABEM – UEMG/Passos-MG**. 2015. Dissertação (Promoção de Saúde) – Departamento de Ciências Biológicas e Saúde, Universidade de Franca, Franca, 2015.

PEREIRA, M. N. C. S. **Envelhecimento e avaliação gerontológica multidimensional**: um estudo de base comunitária no município de Vizela. 2016. 140 f. Dissertação (Mestrado em Gerontologia Social) – Instituto Politécnico de Viana do Castelo, Viana do Castelo, 2016.

PIRES, A. P. Amostragem e pesquisa qualitativa: ensaio teórico e metodológico. In: POUPART, J.; DESLAURIERS, J. P.; GROULX, L. H.; LAPEMÈRE A.; MAYER, R.; PIRES, A. P. (Org.). **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.

PONTAROLO, R. S.; OLIVEIRA, R. C. S. Terceira Idade: uma breve discussão. **Publ. UEPG Ci. Hum., Ci. Soc. Apl., Ling., Letras e Artes**, Ponta Grossa, v. 16, n. 1, p. 115-123, jun. 2008. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/humanas/article/viewFile/624/612>>.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RAMSCAR, M.; HENDRIX, P.; SHAOUL, C.; MILIN, P.; BAAYEN, H. The Myth of Cognitive Decline: Non-Linear Dynamics of Lifelong Learning. **Revista Topics in Cognitive Science**, v. 6, n. 1, p. 5-42, 2014. Disponível em: <<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1111/tops.12078>>.

RIBEIRO, E. A. A perspectiva da entrevista na investigação qualitativa. **Evidência: Olhares e Pesquisa em Saberes Educacionais**, Araxá, v. 4 n. 4, p.129-148, mai. 2008.

RIBEIRO, M. H. L. S. **A implementação do Estatuto do Idoso: estudo exploratório em Salvador-Bahia**. 2016. 72 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Segurança Pública, Justiça e Cidadania) – Faculdade de Direito, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

RODRIGUES, N. C. Aspectos sociais da aposentadoria. In Schons, C. R.; PALMA, L. S. (Org.). **Conversando com Nara Costa Rodrigues: sobre gerontologia social**. Passo Fundo: UPF, 2000.

_____; RAUTH, J.; TERRA, N. L. **Gerontologia social para leigos**. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016.

ROMANS, M.; PETRUS, A.; TRILLA, J. **Profissão educador social**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

ROSA, M. V. F. P.; ARNOLDI, M. A G. C. **A entrevista na pesquisa qualitativa: mecanismos para validação dos resultados**. Belo Horizonte: Autentica, 2006.

SBGG, SOCIEDADE BRASILEIRA DE GERIATRIA E GERONTOLOGIA. Disponível em: <<https://sbgg.org.br>>.

SCHMITZ, E. D. **Envelhecimento, velhice e grupos de terceira idade: a perspectiva dos facilitadores do Sesc/RS**. 2013. 120 f. Dissertação (Mestrado em Envelhecimento Humano) – Faculdade de Educação Física e Fisioterapia, Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2013.

SCORTEGAGNA, P. A. **Emancipação política e educação: ações educacionais para o idoso nas instituições de ensino superior públicas paranaenses**. 2016. 275 f. Tese (Doutorado em Educação) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2016.

_____. **Políticas públicas e a educação para a terceira idade: contornos, controvérsias e possibilidades**. 2010. 185 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2010.

SECCHI, L. **Políticas públicas: conceitos, esquemas de análise, casos práticos**. 2. ed. São Paulo: Cengage Learning, 2017.

SEQUEIRA, C. **Cuidar de idosos dependentes. Diagnósticos e intervenções**. Coimbra: Editora Quarteto, 2007.

SILVA, F. D. Políticas públicas e direito dos idosos. Examãpaku. **Revista Eletrônica de Ciências Sociais, História e Relações Internacionais da UFRR**. 11 p. 2008. Disponível em: <<http://revista.ufrr.br/examapaku/article/viewFile/1464/1058>>.

STAKE, R. E. **Estudos de caso em pesquisa e avaliação educacional**. 7. ed. Lisboa, 2000.

SWINDELL, R.; THOMPSON, J. An International Perspective on the University of the Third Age. **Educational Gerontology**, v. 21, n. 5, p. 429-447, 1995.

TEODORO, M. F. M. **UNATI/UERJ: uma proposta de educação permanente para o cidadão idoso**. 2006. 165 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Teologia e Humanidades, Universidade Católica de Petrópolis, Petrópolis, 2006.

TODARO, M. Á. Educação Permanente. In: Neri, A. L. (Org.). **Palavras-chave em gerontologia**. 3. ed. Campinas: Alínea, 2008.

UEFS, UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA. Disponível em: <www.uefs.br>.

VALENTE, J. A. Aprendizagem continuada ao longo da vida: o exemplo da terceira idade. In: KACHAR, V. (Org.). **Longevidade: um novo desafio para a educação**. São Paulo: Cortez, 2001.

VERAS, R. P. A novidade da agenda social contemporânea: a inclusão do cidadão de mais idade. **Revista A Terceira Idade**, São Paulo, v. 14, n. 28, p. 6-29, set. 2003. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/291355015_A_Novidade_da_Agenda_Social_Contemporanea_a_inclusao_do_cidadao_de_mais_idade>.

_____; CALDAS, P. C. Promovendo a saúde e a cidadania do idoso: o movimento das universidades da terceira idade. **Ciências & Saúde Coletiva**, v. 9, n. 2, p.423-432, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v9n2/20396.pdf>>.

VERGARA, S. C. **Métodos de pesquisa em administração**. São Paulo: Atlas, 2005.

WHO, WOLD HEALTH ORGANIZATION. **Envelhecimento ativo: uma política de saúde**. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2005.

YIN, R. K. **Case study research: design and methods**. Londres: Sage, 1984.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Entrevista Estruturada**Perfil/Questões econômicas, relacionadas a saúde e sociais.**

1- Idade: _____ anos

2- Sexo: () Feminino () Masculino

3- Escolaridade:

() 1º Grau incompleto

() 1º Grau completo

() 2º Grau incompleto

() 2º Grau completo

() Ensino Superior

() Pós Graduação

4- Estado Civil:

() Solteiro(a)

() Casado(a)

() União Estável

() Separado(a)

() Divorciado(a)

() Viúvo(a)

() Vive com companheiro(a)

5- Condições de moradia:

() Casa própria

() Casa alugada

() Casa cedida

() Não possui moradia fixa

() Mora em alguma instituição

() Outro: _____

6- Com quem mora:

() Com companheiro(a)

() Com companheiro(a) e filho(s)

() Com companheiro(a) e neto(s)

() Com filho(s)

() Sozinho(a)

() Outro: _____

7- Possui quantos filhos:

() Nenhum

() 1 filho

() 2 filhos

() 3 filhos

() 4 filhos ou mais

8- Renda mensal familiar:

- Até 1 salário mínimo
- Acima de 1 até 2 salários mínimos
- Acima de 2 até 3 salários mínimos
- Acima de 3 até 4 salários mínimos
- Acima de 4 até 5 salários mínimos
- Mais de 5 salários mínimos

9- O(a) senhor(a) ajuda algum integrante da sua família com sua renda?

- Sim Não

10- O(a) senhor(a) recebe ajuda financeira para se manter mensalmente?

- Sim Não

11- Posição profissional atual:

- Possui trabalho remunerado
- Aposentado e com trabalho remunerado
- Aposentado
- Outros: _____

12- Como é a saúde do(a) senhor(a) de um modo geral?

- Muito boa
- Boa
- Regular
- Ruim

13- O(a) senhor(a) possui alguma doença crônica?

- Não possui
- Osteoporose
- Pressão alta
- Diabetes
- Outra: _____

14- Toma medicamento de uso contínuo?

- Sim Não

Se sim, quantos medicamentos diferentes você toma por dia?

- 1 2 3 4 5 ou mais

15- Como é o relacionamento do(a) senhor(a) com familiares?

- Muito bom
- Bom
- Regular
- Ruim
- Muito ruim

Questões relacionadas a UATI

1- Como soube da UATI?

- Familiares

- Amigos
- Meios de comunicação
- Outros: _____

2- Teve apoio familiar para ingressar na UATI?

- Sim
- Não

3- Há quanto tempo participa da UATI?

- Menos de 1 ano
- 1 ano
- 2 anos
- 3 anos
- 4 anos ou mais

4- Quantas vezes por semana o(a) senhor(a) frequenta a UATI?

- 1 vez
- 2 vezes
- 3 vezes
- 4 vezes
- 5 vezes

5- O que motivou a entrada do(a) senhor(a) na UATI? (Pode assinalar mais de uma alternativa)

- Ocupar o tempo livre
- Melhorar a qualidade de vida
- Sentir-se útil
- Buscar conhecimento
- Imposição de familiares
- Conhecer novas pessoas e fazer amigos
- Participar de atividades práticas
- Evitar a solidão
- Outro _____

6- A UATI tem fomentado para o(a) senhor(a) momentos de lazer e desporto?

- Sim
- Não

Qual(is)? (Pode assinalar mais de uma alternativa)

- Jogos por divertimento
- Leitura desinteressada
- Caminhadas
- Atividades manuais (jardinagem, tricô, pintura, etc)
- Atividades de desporto
- Não há fomento de atividades de lazer ou desporto

7- Que tipo de atividade cultural a UATI tem lhe proporcionado? (Pode assinalar mais de uma alternativa)

- Visita a bibliotecas
- Passeio em museus
- Visita a exposições,

-) Ida ao cinemas
-) Assistir peça em teatro
-) Não há desenvolvimento de atividades culturais

8- Ao participar da UATI, o que mudou em sua vida? (Pode assinalar mais de uma alternativa)

-) Ampliação das redes de relações sociais
-) Aumento da sensação de bem-estar (alegria, disposição física)
-) Melhora na qualidade dos contatos sociais
-) Aumento da frequência dos momentos de socialização
-) Aumento da autoestima (sente-se bem consigo mesmo, igual aos outros, autoconfiança em sua capacidade de resolver os problemas)
-) Redução do isolamento
-) Ampliação da capacidade de aprendizado
-) Aumento da participação em atividades culturais (ida a bibliotecas, museus, exposições, cinemas e teatro)
-) Ampliação do meu tempo de lazer (repouso, divertimento, leitura desinteressada)
-) Sinto-me útil
-) Nada mudou

9- Como é o relacionamento do(a) senhor(a) com os demais participantes da UATI?

-) Muito bom
-) Bom
-) Regular
-) Ruim
-) Muito ruim

10- Como é o relacionamento do(a) senhor(a) com os professores e coordenação da UATI?

-) Muito bom
-) Bom
-) Regular
-) Ruim
-) Muito ruim

11- O que mais agrada na UATI? (Pode assinalar mais de uma alternativa)

-) Possibilidade de aprender
-) Convivência com outras pessoas da mesma idade (colegas)
-) Relação com os Professores
-) Conteúdo ensinado nas aulas
-) Participação em eventos sociais (festas, bailes, atividades recreativas, etc)
-) Participação em eventos culturais (museus, teatro e cinema)
-) Atividades práticas
-) Outros: _____

12- O que você gostaria que mudasse na UATI?

-) Espaço físico

- Professores
- Horários das atividades/aulas
- Inclusão de novas atividades/disciplinas. Quais:

Outro: _____

Não quero mudanças

13- Na sua opinião, qual é o objetivos da UATI? (Pode assinalar mais de uma alternativa)

- Melhorar a qualidade de vida dos idosos
- Proporcionar a geração de novos conhecimentos
- Valorizar a pessoa idosa
- Promover a interação entre gerações
- Promover a ampliação do convívio social
- Combater o preconceito com relação à terceira idade
- Proporcionar momentos de lazer e desporto para a terceira idade
- Oferecer à terceira idade condições de ampliação dos momentos culturais
- Outro: _____

APÊNDICE B - Roteiro da Entrevista Semiestruturada

Esta entrevista será realizada com os alunos divididos em quatro categorias: alunos com menos de 01 ano de UATI, alunos com 01 a 05 anos de UATI, alunos com 06 a 10 anos de UATI e alunos com mais de 11 anos de UATI. Isso, com o intuito de identificar possíveis mudanças na vida dos idosos após algum tempo de participação no programa.

Idade:

Estado civil:

Há quanto tempo frequenta a UATI:

- 1- O que mudou na vida do(a) senhor/senhora com a chegada da terceira idade?
- 2- Algum desses aspectos levou o(a) senhor/senhora a procurar a UATI
- 3- Quais eram as expectativas do(a) senhor/senhora ao ingressar na UATI?
- 4- Essas expectativas foram alcançadas? Por quê?
- 5- O(a) senhor/senhora considera que houve alguma mudança/benefício em sua vida pelo fato de estar participando da UATI? Qual(is)?
- 6- Em caso positivo na questão anterior, de que maneira esta mudança/benefício é relevante para esta fase da vida do(a) senhor/senhora?
- 7- O(a) senhor(a) realiza alguma atividade de lazer e desporto na UATI? Como você as avalia?
- 8- O que o(a) senhor/senhora considera que precisa melhorar no programa?

APÊNDICE C - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Título da pesquisa: Repercussões da Universidade Aberta à Terceira Idade/UEFS na vida dos idosos: uma análise a partir da percepção dos participantes

Pesquisadora responsável: Cibele Ribeiro Pereira

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Susana Couto Pimentel

Instituição: Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB

Local da coleta de dados: Universidade Aberta à Terceira Idade (UATI) da Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS

Prezado(a) Senhor(a):

Você está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa Repercussões da Universidade Aberta à Terceira Idade/UEFS na vida dos idosos: uma análise a partir da percepção dos participantes. Após ser esclarecido(a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias, uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. Em caso de recusa, você não terá nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição pesquisada.

Esta pesquisa se justifica pela necessidade de se fazer um estudo mais aprofundado sobre as atividades desenvolvidas pela Universidade Aberta à Terceira Idade da Universidade Estadual de Feira de Santana e tem como objetivo principal: Investigar como e em que aspectos as atividades desenvolvidas pela UATI/UEFS repercutem na vida dos idosos que dela participam.

Em média, o tempo gasto para o preenchimento do questionário/entrevista é de 15 minutos (podendo ser ultrapassado, de acordo com a necessidade de cada participante) e serão aplicados ao final das oficinas/disciplinas, de acordo com dia, hora e locais previamente definidos com a coordenação e professores do programa, de forma a garantir o anonimato e o sigilo das informações. Os riscos relacionados à pesquisa consistem na possibilidade de constrangimento ao responder a entrevista e desconforto do aspecto intelectual, que serão minimizados através do esclarecimento prévio sobre a pesquisa. Será concedido um tempo adequado para que os convidados possam ler este termo, consultando, se necessário, familiares e/ou amigos que possam ajudá-los na decisão de participar ou não da pesquisa.

Os benefícios da pesquisa incluem o despertar sobre a importância das questões que norteiam a chegada da terceira idade, como também o desenvolvimento e fortalecimento de programas e políticas públicas que atendam às demandas dessa ascendente parcela populacional. Asseguramos ainda, que os participantes da pesquisa terão acesso aos benefícios resultantes deste projeto, seja em forma de retorno social, acesso aos procedimentos, produtos ou agentes da pesquisa, constantes no exemplar da versão final da dissertação, que estará disponível na UATI para acesso de todos os participantes.

Considerando a relevância da temática para o campo social, solicito a sua permissão para que os resultados da pesquisa possam ser utilizados em publicações em revistas, congressos e outros meios com o intuito de disseminar o conhecimento que será produzido por este estudo. As informações fornecidas serão tratadas em conjunto e sua privacidade será garantida pelos pesquisadores responsáveis. Os sujeitos da pesquisa não serão identificados em nenhum momento, mesmo quando os resultados da pesquisa forem divulgados, em qualquer forma. Salienta-se ainda,

que está garantida indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa, sem geração de custos para o participante.

Em caso de dúvidas, o(a) senhor(a) poderá entrar em contato com as pesquisadoras envolvidas com o referido projeto: Cibele Ribeiro Pereira, mestranda do programa de Mestrado Profissional em Gestão de Políticas Públicas e Segurança Social da UFRB, e Susana Couto Pimentel, docente da UFRB e orientadora da pesquisa, podendo manter contato pelo telefone (75) 3616-2828, e-mail: scpimentel@ufrb.edu.br, ou ainda no seguinte endereço: UFRB – CETENS, Av. Centenário, 697 - Sim, Feira de Santana - BA, 44042-280, sala do NETAA. Para esclarecimentos de questões éticas, favor entrar em contato com o Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB, telefone (75)3621-6850, ou ainda com o Comitê de Ética da Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS, telefone (75) 3161-8124, localizado no campus da UEFS no Módulo I, sala MA 17, com horário de funcionamento das 13:30h às 17:30h. O Comitê de Ética é uma representação que avalia os projetos de pesquisa que envolvam a participação de seres humanos. Essa avaliação tem o objetivo de garantir que os aspectos éticos e metodológicos estejam adequados, assegurando uma anuência institucional, para além da responsabilidade do pesquisador.

Ademais, a pesquisadora se responsabiliza a manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período de 5 anos após o término da pesquisa. Finalmente, informamos que ao final do estudo os participantes convidados e a UATI como um todo terão retorno dos resultados da pesquisa através da entrega de uma via da versão final da dissertação, bem como a entrega de prováveis produtos decorrentes desse estudo.

Feira de Santana, _____ de _____ de 2018.

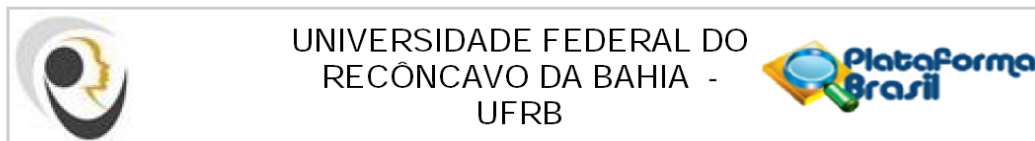
Assinatura do sujeito da pesquisa

Cibele Ribeiro Pereira
Mestranda em Gestão de Políticas Públicas e Segurança Social da UFRB

Prof.^a Dr.^a Susana Couto Pimentel
Orientadora da Pesquisa

ANEXOS

ANEXO A - Parecer Consubstanciado do CEP da UFRB



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Repercussões da Universidade Aberta à Terceira Idade/UEFS na vida dos idosos: uma análise a partir da percepção dos participantes.

Pesquisador: CIBELE RIBEIRO PEREIRA

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 92930418.9.0000.0056

Instituição Proponente: Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB

Patrocinador Principal: Universidade Estadual de Feira de Santana

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.868.435

Apresentação do Projeto:

O projeto busca pesquisar como as atividades desenvolvidas na Universidade Aberta a Terceira Idade (UATI) da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) repercutem na vida dos idosos participantes do programa. A UATI tem "ações interativas, educativas e qualificadas, que privilegiem o indivíduo no seu processo de envelhecer com dignidade, contribuindo para melhorar a qualidade de vida dos idosos residentes em Feira de Santana e microrregião."

Segundo a responsável, durante a pesquisa, serão desenvolvidos estudos bibliográficos para que, posteriormente, seja feita a coleta de dados com os idosos da UATI-UEFS. Para a coleta de dados, "será aplicado, inicialmente, um questionário aos 900 alunos do programa para obtenção de um panorama geral sobre as repercussões da UATI na vida dos idosos participantes. Num segundo momento, será realizada uma entrevista semi-estruturada com alunos que possuem menos de 1 ano e mais de 3 anos de programa, com o intuito de identificar possíveis mudanças na vida dos idosos após algum tempo de participação na UATI." Para a interpretação dos dados será utilizada a Análise de Conteúdo.

Objetivo da Pesquisa:

Primário: Investigar como e em que aspectos as atividades desenvolvidas pela UATI/UEFS repercutem na vida dos idosos que dela participam.

Secundários:

Endereço: Rua Rui Barbosa, 710

Bairro: Centro

CEP: 44.380-000

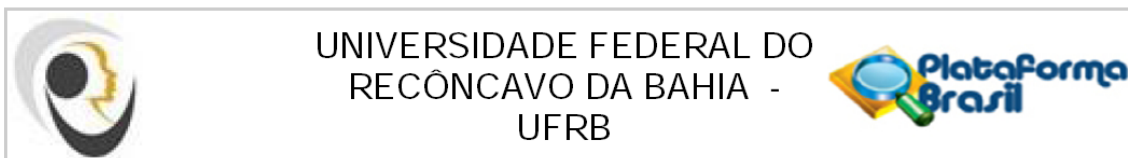
UF: BA

Município: CRUZ DAS ALMAS

Telefone: (75)3621-6850

Fax: (75)3621-9767

E-mail: eticaempesquisa@ufrb.edu.br



Continuação do Parecer: 2.868.435

- Analisar os impactos das atividades desenvolvidas através da UATI/UEFS na ampliação das relações sociais, na vida cultural e de lazer dos idosos participantes.
- Refletir sobre as expectativas dos idosos participantes da UATI/UEFS quanto a essa política institucional de inclusão social.
- Propor, a partir dos resultados da pesquisa, estratégias para fortalecimento da UATI/UEFS enquanto política institucional de inclusão social.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

São ponderados possíveis desconfortos relacionados ao desenvolvimento da pesquisa e as formas de minimizá-los. Para a responsável, a "pesquisa pode gerar algum constrangimento ou desconforto na aplicação do questionário e da entrevista, contudo, haverá cuidado com o sigilo e o local de aplicação dos instrumentos a fim de amenizar os possíveis riscos do estudo".

O benefício apresentado seria "colaborar com a manutenção e o fortalecimento da UATI/UEFS como um espaço multiplicador e realizador de ações interativas, educativas e qualificadas, que privilegiem o indivíduo no seu processo de envelhecer com dignidade, contribuindo para melhorar a qualidade de vida dos idosos residentes em Feira de Santana e microrregião".

Tanto os riscos quanto os benefícios estão apresentados no projeto e no TCLE e os benefícios superam os riscos ao longo da pesquisa.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa com relevância social, fundamentada e adequada aos princípios científicos.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Foram apresentados: Folha de rosto, devidamente preenchida; Projeto completo; Informações básicas do projeto, com cronograma atualizado; TCLE ajustado e Termo de Anuência da UEFS.

Recomendações:

Recomenda-se a adequação de um local de aplicação dos instrumentos para que se possam amenizar os possíveis riscos do estudo, conforme descrito nas informações básicas do projeto.

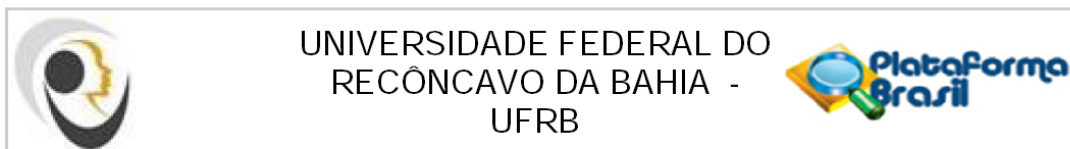
Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Para iniciar a coleta de dados é preciso que haja a aprovação no CEP da UEFS.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Endereço: Rua Rui Barbosa, 710		CEP: 44.380-000
Bairro: Centro		
UF: BA	Município: CRUZ DAS ALMAS	
Telefone: (75)3621-6850	Fax: (75)3621-9767	E-mail: eticaempesquisa@ufrb.edu.br



Continuação do Parecer: 2.868.435

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1126983.pdf	22/08/2018 09:39:36		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_de_consentimento.docx	22/08/2018 09:38:51	CIBELE RIBEIRO PEREIRA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_dissertacao_versao_final.pdf	11/06/2018 14:41:54	CIBELE RIBEIRO PEREIRA	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Termo_de_anuencia.jpeg	11/06/2018 14:36:41	CIBELE RIBEIRO PEREIRA	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto.pdf	11/06/2018 14:25:17	CIBELE RIBEIRO PEREIRA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

CRUZ DAS ALMAS, 02 de Setembro de 2018

Assinado por:
Paulo José Lima Juiz
 (Coordenador)

ANEXO B - Parecer Consubstanciado do CEP da UEFS



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE
FEIRA DE SANTANA - UEFS

Plataforma
Brasil

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

Elaborado pela Instituição Coparticipante

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Repercussões da Universidade Aberta à Terceira Idade/UEFS na vida dos idosos: uma análise a partir da percepção dos participantes.

Pesquisador: CIBELE RIBEIRO PEREIRA

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 92930418.9.3001.0053

Instituição Proponente: Universidade Estadual de Feira de Santana

Patrocinador Principal: Universidade Estadual de Feira de Santana

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.031.324

Apresentação do Projeto:

Trata-se de um projeto de pesquisa da mestranda em gestão de Políticas Públicas e Segurança Social pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia Cibele Ribeiro Pereira sob orientação da prof. Dra Susana Couto Pimental cujo título é "Repercussões da Universidade Aberta à Terceira Idade/UEFS na vida dos idosos: uma análise a partir da percepção dos participantes".

O estudo pretende "Investigar como e em que aspectos as atividades desenvolvidas pela Universidade Aberta à Terceira Idade-UATI, na Universidade Estadual de Feira de Santana-UEFS, repercutem na vida dos idosos que dela participam" (Informações básicas/Plataforma Brasil, p. 02). A UATI/UEFS foi criada em 1992 e tem como principais objetivos estimular a promoção da saúde, a socialização dos saberes, a prática de esportes, as relações sociais, o lazer, a arte, a cultura, a inclusão digital, a reinserção no setor produtivo, a reintegração sócio-comunitária, o fortalecimento dos vínculos familiares, o equilíbrio psicossomático, a preparação para a Terceira Idade e a educação permanente (UEFS, 2017) (Projeto completo, p. 02).

As autoras trazem na fundamentação teórica considerações sobre as mudanças demográficas e as transformações políticas que ocorreram para dar conta do crescimento da população idosa no Brasil: "Intensas transformações demográficas, econômicas, sociais e políticas vêm ocorrendo no Brasil nas últimas décadas. No âmbito demográfico, essas mudanças se relacionam com o ritmo de

Endereço: Avenida Transnordestina, s/n - Novo Horizonte, UEFS
Bairro: Módulo I, MA 17 **CEP:** 44.031-460
UF: BA **Município:** FEIRA DE SANTANA
Telefone: (75)3161-8124 **E-mail:** cep@uefs.br



Continuação do Parecer: 3.031.324

crescimento da população e de alterações na estrutura etária da população, produto da acentuada queda da fecundidade e do aumento da longevidade brasileira (FLORES, 2015)" (Projeto completo, p. 04). Nessa perspectiva, as instituições de Educação Superior, conforme pontuou a autora no Projeto Completo (p. 02), começaram a desenvolver programas e projetos para o atendimento a essa demanda, a exemplo das Universidades Abertas à Terceira Idade - UATI, e se tornaram numa nova opção de participação do idoso na vida social, educacional e cultural, levando-o ao encontro de muitas de suas necessidades (PAULA, 2009). Os programas são além do caráter educacional pois proporcionam bem-estar físico e emocional para a terceira idade.

A pesquisadora pretende aplicar um questionário aos 200 alunos do programa para obtenção de um panorama geral sobre as repercussões da UATI na vida dos idosos participantes. Depois, para os alunos que possuem menos de 1 ano e mais de 3 anos de programa será realizada uma entrevista semiestruturada, com o intuito de identificar possíveis mudanças na vida dos idosos após algum tempo de participação na UATI.

Apresenta cronograma com coleta de dados prevista entre 19 a 23 de novembro de 2018 e orçamento estimado R\$ R\$1.300,00, com contrapartida da UFRB e da UEFS.

Objetivo da Pesquisa:

PRIMÁRIO: "- Investigar como e em que aspectos as atividades desenvolvidas pela UATI/UEFS repercutem na vida dos idosos que dela participam" (Informações básicas/Plataforma Brasil, p. 02: Projeto completo, p. 03).

SECUNDÁRIOS: "- Analisar os impactos das atividades desenvolvidas através da UATI/UEFS na ampliação das relações sociais, na vida cultural e de lazer dos idosos participantes. - Refletir sobre as expectativas dos idosos participantes da UATI/UEFS quanto a essa política institucional de inclusão social. - Propor, a partir dos resultados da pesquisa, estratégias para o fortalecimento da UATI/UEFS enquanto política institucional de inclusão social" (Informações básicas/Plataforma Brasil, p. 02-03; Projeto completo, p. 03).

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

RISCOS: "A pesquisa pode gerar algum constrangimento ou desconforto na aplicação do questionário e da entrevista, contudo, haverá cuidado com o sigilo e o local de aplicação dos instrumentos a fim de amenizar os possíveis riscos do estudo" (Informações básicas/Plataforma Brasil, p. 03).

Endereço: Avenida Transnordestina, s/n - Novo Horizonte, UEFS
Bairro: Módulo I, MA 17 **CEP:** 44.031-460
UF: BA **Município:** FEIRA DE SANTANA
Telefone: (75)3161-8124 **E-mail:** cep@uefs.br



Continuação do Parecer: 3.031.324

"Os riscos relacionados à pesquisa consistem na possibilidade de constrangimento ao responder a entrevista e desconforto do aspecto intelectual, que serão minimizados através do esclarecimento prévio sobre a pesquisa" (TCLE).

BENEFÍCIOS: "Colaborar com a manutenção e o fortalecimento da UATI/UEFS como um espaço multiplicador e realizador de ações interativas, educativas e qualificadas, que privilegiem o indivíduo no seu processo de envelhecer com dignidade, contribuindo para melhorar a qualidade de vida dos idosos residentes em Feira de Santana e microrregião" (Informações básicas/Plataforma Brasil, p. 03).

"Os benefícios da pesquisa incluem o despertar sobre a importância das questões que norteiam a chegada da terceira idade, como também o desenvolvimento e fortalecimento de programas e políticas públicas que atendam as demandas dessa ascendente parcela populacional. Asseguramos ainda, que os participantes da pesquisa terão acesso aos benefícios resultantes deste projeto, seja em forma de retorno social, acesso aos procedimentos, produtos ou agentes da pesquisa, constantes no exemplar da versão final da dissertação, que estará disponível na UATI para acesso de todos os participantes" (TCLE).

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de um projeto de pesquisa de caráter relevante, viável no que refere aos aspectos éticos da pesquisa, atendendo às exigências das Resoluções 466/12 e 510/16.

O público alvo da pesquisa são idosos, que, apesar de participarem ativamente das atividades da UATI, deve ter o cuidado das informações serem passadas de forma clara e simples; e se precisarem de auxílio para leitura devem solicitar apoio de alguém da confiança do idoso.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Protocolo completo, atendendo às exigências das Resoluções 466/12 e 510/16. Foram anexados os seguintes documentos:

- 1) Folha de rosto com carimbo da responsável pela assinatura, sinalizando o cargo/função que exerce na instituição proponente;
- 2) Projeto completo;
- 3) Anuência da Universidade de Feira de Santana, Bahia, com garantia de infraestrutura para desenvolvimento da pesquisa;

Endereço: Avenida Transnordestina, s/n - Novo Horizonte, UEFS
Bairro: Módulo I, MA 17 **CEP:** 44.031-460
UF: BA **Município:** FEIRA DE SANTANA
Telefone: (75)3161-8124 **E-mail:** cep@uefs.br



Continuação do Parecer: 3.031.324

- 4) Declaração da pesquisadora colaboradora se comprometendo em observar as Resoluções 466/12 e 510/16;
- 5) Roteiro de entrevista e questionário;
- 6) TCLE.

Recomendações:

Recomenda-se ajustar as margens e o espaçamento entrelinhas do TCLE para que o texto caiba em apenas uma lauda. Caso não seja possível, recomenda-se a impressão frente e verso, com numeração em todas as páginas e espaço para colheita das assinaturas em todas as páginas. Sugerimos que as informações sobre o projeto (cabeçalho) sejam inseridas no corpo do texto do TCLE.

Recomenda-se ajustar o cronograma no tocante à coleta de dados em virtude da data de aprovação do parecer pelo CEP-UEFS.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

PROJETO APROVADO

Após o atendimento das pendências, o projeto está aprovado para execução, pois atende aos princípios bioéticos para pesquisa envolvendo seres humanos, conforme a Resolução nº 466/12 e a Resolução nº 510/16 (CNS).

Considerações Finais a critério do CEP:

Tenho muita satisfação em informar-lhe que seu Projeto de Pesquisa satisfaz às exigências da Res. 466/12 e da Res. 510/16. Assim, seu projeto foi Aprovado, podendo ser iniciada a coleta de dados com os participantes da pesquisa conforme orienta o Cap. X.3, alínea a - Res. 466/12. Relembro que conforme institui a Res. 466/12 e a Res. 510/10, Vossa Senhoria deverá enviar a este CEP relatórios anuais de atividades pertinentes ao referido projeto e um relatório final tão logo a pesquisa seja concluída. Em nome dos membros CEP/UEFS, desejo-lhe pleno sucesso no desenvolvimento dos trabalhos e, em tempo oportuno, um ano, este CEP aguardará o recebimento dos referidos relatórios.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
----------------	---------	----------	-------	----------

Endereço: Avenida Transnordestina, s/n - Novo Horizonte, UEFS
Bairro: Módulo I, MA 17 **CEP:** 44.031-460
UF: BA **Município:** FEIRA DE SANTANA
Telefone: (75)3161-8124 **E-mail:** cep@uefs.br



Continuação do Parecer: 3.031.324

Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1213275.pdf	01/11/2018 00:09:18		Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto.pdf	01/11/2018 00:07:17	CIBELE RIBEIRO PEREIRA	Aceito
Outros	Oficio_Regularizacao_das_Pendencias.pdf	01/11/2018 00:06:18	CIBELE RIBEIRO PEREIRA	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Termo_de_Anuencia_UEFS.jpeg	31/10/2018 23:51:45	CIBELE RIBEIRO PEREIRA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Novo_TCLE.pdf	31/10/2018 23:50:37	CIBELE RIBEIRO PEREIRA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Novo_Projeto.pdf	31/10/2018 23:49:59	CIBELE RIBEIRO PEREIRA	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Declaracao_orientadora.jpeg	31/10/2018 23:49:19	CIBELE RIBEIRO PEREIRA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_de_consentimento.docx	22/08/2018 09:38:51	CIBELE RIBEIRO PEREIRA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_dissertacao_versao_final.pdf	11/06/2018 14:41:54	CIBELE RIBEIRO PEREIRA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

FEIRA DE SANTANA, 22 de Novembro de 2018

Assinado por:
JEAN MARCEL OLIVEIRA ARAUJO
 (Coordenador(a))